

EDUCAÇÃO

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DA UNICAMP:
ITINERÁRIOS DE MEIO
SÉCULO**

| Vol.2 |

**Alexandro Paixão
André Paulilo
[Orgs.]**

**Editora
FE-Unicamp**

Faculdade de Educação da Unicamp: itinerários de meio século

Alexandro Paixão
André Paulilo
[Orgs.]

| Vol. 2 |



Campinas, 2023
Editora FE-Unicamp

FICHA TÉCNICA

Creative Commons CC-BY

TIRAGEM: e-book

Organização:

**Alexandro Henrique Paixão e
André Luiz Paulilo**

Revisão textual e normalização bibliográfica:

Camila Freitas

**Publicações | Biblioteca | Faculdade de
Educação – Unicamp**

Supervisão: **Roberta Pozzuto**

Projeto gráfico e Diagramação final: **Roberta
Pozzuto**

Capas: **Davi Diehl e Roberta Pozzuto**

Fotografias (capas): **Acervo FE, CAP/FE, Davi
Diehl, Luciano B. Costa, Roberta Pozzuto e
Stefanny Nunes**

EDITORA FE – UNICAMP
Série Editorial: Outros olhares

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão (*Diretor
Associado FE/Unicamp*)

Profa. Dra. Helena Sampaio (*FE/Unicamp*)

Profa. Dra. Maria Inês F. Petrucci S. Rosa (*Editora
Chefe - FE/Unicamp*)

Prof. Dr. Nelson Schapochnik (*FE/USP*)

Roberta R. Fiolo Pozzuto (*Publicações
FE/Unicamp*)

Prof. Dr. Roberto Nardi (*FC/Unesp*)

Simone Lucas G. Oliveira (*Diretora Biblioteca
FE/Unicamp*)

Prof. Dr. Walter Omar Kohan (*CEH/UERJ*)

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por
Rosemary Passos – CRB-8^a/5751

F119 Faculdade de Educação da Unicamp: itinerários de meio século - |v.2| /
[organizadores] Alexandro Paixão e André Paulilo. Campinas, SP:
FE/UNICAMP, 2024.

149 p.

ISBN: 978-65-87175-46-1

1. Memórias. 2. Narrativas. 3. Educação - História. 4. Faculdade de
Educação (Unicamp) - História. I. Paixão, Alexandro (org.). II. Paulilo,
André. III. Título.

20ª CDD - 370

Ebook
abril - 2024



SUMÁRIO

VOLUME 2

NOTA DA APRESENTAÇÃO	407
V. VERBETES.....	408
CACILDA LEÃO DE MORAES	409
ERNESTA ZAMBONI.....	410
GILDO LUIZ DE FREITAS.....	418
HELENA DE FREITAS	419
IVANY PINO.....	428
IVO PINHEIRO.....	434
JOAQUIM BRASIL FONTES	438
LUIZ APARECIDO ROMÃO DA SILVA.....	442
MARIA ALICE CHERUBIM	447
MARIA CAROLINA BOVÉRIO GALZERANI.....	453
MARIA HELENA BAGNATO.....	462
MAURÍCIO TRAGTENBERG.....	465
MILTON JOSÉ DE ALMEIDA	473
ORLY ZUCATTO MANTOVANI DE ASSIS.....	485
PATRIZIA PIOZZI.....	496
PAULO FREIRE	512
RUBEM ALVES	526
SERGIO LORENZATO	533
VALDOMIRO RIBEIRO.....	539
VICENTE RODRIGUES.....	541
ZACARIAS PEREIRA BORGES	547

FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

Entrada do Prédio Principal da Faculdade de Educação, anos 2000



Fonte: Acervo Faculdade de Educação/Unicamp

NOTA DA APRESENTAÇÃO

Este segundo volume do e-book "Faculdade de Educação da Unicamp: itinerários de meio século" reúne 21 verbetes biográficos que homenageiam docentes e servidores, celebrando diferentes trajetórias. A iniciativa não só conclui as discussões provocadas por ocasião do cinquentenário da criação desta Faculdade como finaliza o ciclo de comemorações em torno da efeméride com uma coletânea de itinerários pessoais.

V. VERBETES

Salão Nobre da FE, 2024



Fonte: Acervo Faculdade de Educação.

5.1.

CACILDA LEÃO DE MORAES¹

A Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp), ao completar 50 anos teve a ideia de homenagear os servidores que por aqui passaram. Foi-me dada a responsabilidade de descrever a trajetória de Cacilda, funcionária na Biblioteca Joel Martins no setor de periódicos. Cacilda possuía um jeito criativo e divertido de ser, mas sempre valorizava a justiça e a sinceridade. Na questão de criatividade e diversão, tornava o ambiente da biblioteca mais descontraído e alegre. Amava dançar... Todas as sextas-feiras, após o trabalho, frequentava um Grêmio Recreativo de dança, onde terminava sua semana laboral, rendendo-se aos encantos da música, repondo suas energias para retornar ao trabalho na segunda-feira, acho que a dança era o combustível para a energia da Cacilda. Profissional comprometida com o trabalho e com a instituição, permaneceu assim até sua aposentadoria. Obrigado, Cacilda, a FE, nestes 50 anos, presta-lhe uma singela homenagem, em que registramos o que mais marcante foi em sua jornada: justiça, sinceridade, alegria e a música.

¹ Autoria: Rosemary Passos e Ademir Giacomo Pietrosanto, bibliotecários da FE/Unicamp.

5.2.

ERNESTA ZAMBONI²UMA VIDA PARA O TRABALHO COLETIVO:
HOMENAGEM À PROFA. DRA. ERNESTA ZAMBONI

Recebi, grata e honrosamente, a incumbência de homenagear a Prof.^a Dra. Ernesta Zamboni no contexto das celebrações dos 50 anos da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp). Tal homenagem, um merecido reconhecimento por sua contribuição para a consolidação do Ensino de História como um campo de pesquisa e por sua proeminente ação na criação de espaços acadêmicos que congregam pesquisadores dedicados à valorização do saber histórico, é especialmente agradável pelos laços de amizade que nos une e pelo fato de Ernesta Zamboni ter sido sempre uma pessoa disponível para a partilha³.

Encontrei-a quando era uma estudante do curso de História, ela era a professora de Metodologia do Ensino de História e de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado II, nos anos 1985 e 1986. Estabelecemos parcerias que passaram pela dedicação ao Ensino de História, ampliadas com suas orientações de meu Mestrado e Doutorado e em nossas produções conjuntas no Grupo de Pesquisa *Memória*,

² Título original: “Uma vida para o trabalho coletivo: homenagem à Profa. Dra. Ernesta Zamboni.”
Autoria: Prof.^a Dra. Maria do Carmo Martins, professora associada colaboradora do Delart/FE/Unicamp.

³ Agradeço imensamente aos Profs. Drs. Sônia Regina Miranda, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Daniel Ferraz Chiozzini, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), também orientandos e amigos da Ernesta, por colaborarem com elementos fundamentais desta narrativa, à Telma Murari, do Sistema de Arquivos da Unicamp, no apoio com a documentação funcional da professora e à Beatriz Zamboni Tebechrani, irmã da Ernesta, por esclarecer dados familiares e pelo afeto partilhado durante a escrita do texto.

História e Educação. Cultivamos uma amizade profunda, admirada, solidária e alegre. Trocamos segredos, discutimos e divergimos politicamente e, como é próprio das amigadas, compartilhamos riso e pranto. Amigadas como essas *son milagros del alma*, nos dizeres de Silvio Rodriguez e Amauri Pérez (Amigos [...], 2001).

A Prof.^a Dra. Ernesta Zamboni exerceu suas funções na FE entre os anos de 1982 e 2015. Após aposentar-se em 2009, ela permaneceu como professora colaboradora até encerrar suas atividades na Pós-Graduação e finalizar o projeto Peabiru: Ensino de História e Cultura Contemporânea⁴.

Nesses 33 anos, Ernesta conseguiu construir uma robusta linha de pesquisa voltada ao Ensino de História, sempre preocupada em abordar tal ensino articulando o saber histórico e o pedagógico. Em sua caminhada em busca de construir tais articulações, a formação de professores consolidou-se como o centro de suas preocupações, um empreendimento intelectual realizado de forma atenta às modificações da historiografia e das pesquisas em Educação. Suas preocupações com o ensino escolar de História, entretanto, anunciaram-se antes mesmo de seu ingresso na FE.

Ernesta Zamboni nasceu em São Paulo em 1939, mas ainda criança mudou-se com a família para o interior do estado, pois seu pai, engenheiro, foi contratado para desenvolver várias obras na cidade de Batatais e região. A família de ascendência italiana, além do casal Carlos Zamboni e Irma Girardi Zamboni, contava com seis filhos, além de primos e primas. As memórias ativas da vivência familiar sempre permearam o modo de Ernesta apresentar-se, reiterando a importância dada pelos pais à formação escolar.

⁴ A Prof.^a Dra. Heloísa Rocha organizou, em 2009, um seminário na FE sobre a contribuição de Ernesta Zamboni para os estudos educacionais. Na época, não conseguimos publicar uma síntese dessa contribuição, assim, este breve testemunho se inspira parcialmente no que foi apresentado no seminário.

Cursou a Educação Básica e formou-se como professora, normalista, na Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, em Batatais. A escola, sob responsabilidade dos salesianos, foi considerada por ela como desafiadora e uma experiência difícil. Em entrevista publicada na revista Espaço Pedagógico (2014), ela descreveu sua escolarização como marcada por insegurança e discriminação, em função de sofrer com dificuldades motoras e dislexia. Sua própria experiência escolar era trazida à tona quando, por algum motivo, algum de seus alunos se mostrava pouco atento às necessidades dos educandos e, seguramente, foi um dos motivadores para que ela se ocupasse de questões da Didática e da Psicologia da Aprendizagem em seus estudos de Educação, a partir do momento em que se tornou professora.

Sua Graduação, como bacharel e licenciada em História, foi realizada entre os anos de 1959 e 1962, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas. Sua trajetória de vida reverberou nas pesquisas de Mestrado, realizadas na Universidade de São Paulo (USP), no ano de 1979. Ali, sob orientação da Prof.^a Dra. Maria Teresa Schorer Petrone, defendeu a dissertação Processo de Formação e Organização da Rede Fundiária da área de Ribeirão Preto (1874 a 1900) - uma contribuição ao estudo de estrutura agrária. Na mesma entrevista já citada, a Prof.^a Ernesta Zamboni (2014) enfatizou que, durante o Mestrado, aprendeu a fazer pesquisa, já que seu curso de Graduação não lhe facultara as ferramentas necessárias para tornar-se pesquisadora.

Contudo, foi sua experiência como professora no Sistema de Ensino Vocacional que ela sempre referenciou como o principal elemento de sua aproximação com as questões do ensino. Sobre esse tema, ela escreveu, orientou teses e repercutiu em entrevistas⁵. Abordava vividamente a formação que recebeu

⁵ Ernesta Zamboni atuou como professora nos Ginásios Vocacionais Candido Portinari, em Batatais, no Vila de Santa Maria, em São Caetano do Sul, e, por curto período, no Osvaldo Aranha, em São Paulo. Foi ainda professora das escolas estaduais do sistema estadual de ensino paulista.

no Vocacional, que oferecia um curso de seis meses para os professores ingressantes conhecerem a proposta; destacava: a convivência entre os colegas; os desafios de trabalhar na mesma sala de aula com o professor de Geografia; os estudos do meio, além da importância política da proposta. Ressaltava o horror que foi a finalização da experiência do vocacional, como uma das nefastas consequências da ditadura civil-militar no ano de 1969.

Outro elemento importante para sua formação como professora e sua postura investigativa sobre o ensino foi a experiência como docente de História e como coordenadora da área de Estudos Sociais no Colégio São Domingos, no qual permaneceu de 1973 a 1982, e no Colégio Galileu Galilei, ambos em São Paulo, até o ano de 1984. Em decorrência dessas coordenações, Ernesta abraçou a formação de outros professores, uma vez que organizava cursos, assessorava na seleção de materiais didáticos e contribuía na organização dos planos de ensino para todas as séries. Seu interesse pelo ensino de Estudos Sociais e, especialmente, pelo ensino de História para as séries iniciais é, portanto, oriundo da ambiência escolar e foi o incentivo para que ingressasse como docente na Unicamp, para atuar no curso de Licenciatura em História.

A experiência em escolas de Educação Básica sempre permeou seus relatos nos encontros do grupo de pesquisa, afirmando a escola como um lugar de produção de conhecimentos e como espaço prioritário para o desenvolvimento dos saberes necessários para o exercício profissional. Ela conhecia práticas escolares, cultivou a amizade com os professores da Educação Básica, com os quais compartilhou esse período profissional e, desenvolvia uma profunda empatia com seus orientandos que atuavam como professores.

Em nossos encontros no grupo de pesquisa, na condição de orientadora de Mestrados e Doutorados, prestava especial atenção quando abordávamos o cotidiano escolar. Nutria muito interesse por nossas práticas, escutava e, aos poucos,

contava histórias sobre o que viveu ou, usando a experiência relatada por outros parceiros de escolas nas quais trabalhou, desmontava cada argumento negativo, especialmente no que se refere aos elementos da Didática. Era especialmente atenta às manifestações de preconceito contra os estudantes e, de forma muito especial, dedicou os primeiros anos de sua vida acadêmica aos estudos sobre as noções de tempo e espaço na criança, especialmente no que se refere às questões da aprendizagem da História e da Geografia. Tais noções, assim como os significados do conhecimento histórico e geográfico, ocuparam boa parte da sua agenda de pesquisas.

Aos poucos, com refinamento epistemológico, Prof.^a Ernesta Zamboni passou a se ocupar dos tópicos: cognição histórica; saberes docentes e, construção/reconstrução das identidades sociais, com foco nas memórias e narrativas dos docentes no ensino de História. A partir daí, além de suas preocupações com as crianças e o ensino das séries iniciais, incrementou suas pesquisas e orientações, preocupada com culturas juvenis e a formação da Consciência Histórica.

Em um belo livro organizado por ela, com pesquisas de vários de seus orientandos (Zamboni, 2007, p. 13), destaca sua intenção em produzir trabalhos acadêmicos, colocando em diálogo a História e a Educação, porque “a preocupação com os fundamentos epistemológicos do Ensino de História, que dão sustentação à História Ensinada, ficou mais evidente”. Tal declaração acerca das mudanças que ela abarcava nas pesquisas, mostrou também um paulatino deslocamento das questões das práticas do ensino para práticas culturais diversas, em consonância às modificações da cultura escolar, dos currículos da época e das pressões que se avolumavam sobre os professores.

Outros temas que lhe interessaram foram os materiais educativos e as inovações do ensino. Sua tese de Doutorado, intitulada *Que história é essa? Uma*

proposta analítica dos livros paradidáticos de história, foi defendida na Unicamp, em 1991, sob orientação da Prof.^a Dra. Elza Nadai. Ela dedicou-se ainda a orientar pesquisas sobre Literatura Infantil e sobre o uso de diferentes linguagens no ensino escolar.

Após ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação como orientadora de dissertações e teses, recebeu com presteza os pesquisadores que se dedicaram aos dilemas das modificações curriculares, às políticas de formação dos licenciandos e às temáticas da reforma da escola, pelas vias políticas. Seu trabalho como orientadora na Pós-Graduação e a constituição do Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação, proporcionaram os momentos mais significativos de seu trabalho na faculdade, como ela mesma afirma na entrevista já citada⁶.

Preferia organizar as orientações sempre no formato coletivo, com seminários de leitura, discussões de textos e problematizações das pesquisas, nos quais participava ativa e alegremente. Possuía especial predileção por pesquisas que levavam os pós-graduandos para o campo, para a investigação empírica. Mas sempre demarcava a necessidade de ler os clássicos da historiografia brasileira, como um modo de compreender certas tradições e permanências disciplinares. Fazia-nos ler historiadores, e, também, filósofos, sociólogos, antropólogos, de modo que a concepção multidisciplinar do conhecimento, tão próprio da renovação historiográfica contemporânea, fizesse-se presente. Por vezes, colocava os estudantes para lerem autores como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, com questões que nos apresentava, e era exigente na compreensão das finalidades dessas leituras por ela indicadas. Preferia que trabalhássemos em pares, em grupos.

⁶ Formado por iniciativa da Prof.^a Ernesta Zamboni em 1983, denominava-se, inicialmente Grupo de Estudos do Ensino de História. Nos anos 1990, com a institucionalização dos grupos de pesquisa na FE, passou a denominar-se Memória, História e Educação. Agregaram-se ao grupo as Prof.^{as} Vera Lúcia Sabongi de Rossi, Maria Carolina B. Galzerani, Maria do Carmo Martins e, posteriormente, Heloísa Helena Pimenta Rocha (Zamboni *et al.*, 2008). Recentemente vincularam-se a ele os Profs. André Luiz Paulilo, Arnaldo Pinto Junior e Edivaldo Góis Junior.

A produção solitária não lhe interessava. Seu modo de orientar, usando seu espaço acadêmico, voltou-se para a projeção de seus orientandos e muitos deles ganharam visibilidade nacional e internacional. Essa generosidade é uma das maiores qualidades de Ernesta Zamboni.

A construção do grupo de pesquisa se expressava nesse anseio de dar continuidade a uma experiência de trabalho coletivo e compartilhado. Quando considerava necessário, lembrava a experiência do Projeto Inajá, no qual participou com a Prof.^a Dra. Dulce Pompeu de Camargo Leme (FE/Unicamp), nos anos 1980, que versava sobre a formação de professores leigos na região do Médio Araguaia, Mato Grosso, como um dos desafios de construir projetos coletivamente.

Essa mesma marca, da construção coletiva, expressa-se também no fato de a Prof.^a Ernesta Zamboni ter participado da efetivação dos dois maiores congressos da área de Ensino de História, o Perspectivas do Ensino de História e o Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História (Enpeh). E essa mesma disposição a levou a abraçar a proposta de criação de uma associação científica: a Associação Brasileira de Ensino de História (Abeh), na qual exerceu a função de diretora dos anos iniciais, a partir de 2009, e, mais tarde, com mudanças nos estatutos, ocupou a diretoria nos anos de 2013 a 2015. E, embora não fosse muito afeita a pensar em sua atuação nesses espaços como agência política, não deixava de expressar neles suas preocupações com a prescrição das políticas científicas e daquelas voltadas para a Educação Básica. Sua disposição em participar da construção da proposta curricular para o município de São Paulo e, posteriormente, escrever a versão definitiva da proposta curricular para o ensino de História para a rede pública estadual paulista, no ano de 1992, era o modo como ela entendia sua principal agência política.

Homenageá-la, sem citar todos os nomes e todas as parcerias da FE, não contar sobre seus amigos e os gestos de carinho, não nomear suas colaborações internacionais no campo do ensino de história, é, sem dúvida, uma falta neste texto.

Entretanto, a escolha por focar na trajetória de vida e de trabalho da Prof.^a Ernesta Zamboni, se deve ao fato de apostar que neste momento da vida dela, e no contexto celebrativo da faculdade, a reflexão sobre sua trajetória, seus modos de operar com as pesquisas, sua agência para a construção de espaço coletivos, permitem-nos entender como um campo de pesquisa se inscreve na vida acadêmica, além, é claro, de ter me proporcionado uma enorme alegria por haver podido testemunhar e compreender a importância dessa inscrição.

REFERÊNCIAS

- AMIGOS como tú y yo. [Compositores e intérpretes]: Silvio Rodriguez e Amauri Perez. *In: VOCES de la nueva trova*. Havana: Bis Music, 2001.
- ZAMBONI, Ernesta (org.). *Digressões sobre o ensino de História: memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: Maria do Cais, 2007.
- ZAMBONI, Ernesta *et al.* (org.). *Memórias e Histórias da Escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- ZAMBONI, Ernesta. Diálogo com educadores. Entrevista concedida a Sandra Regina Ferreira de Oliveira. *Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 21, n. 2, p. 437-452, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/4310>. Acesso em: 23 dez. 2022.

5.3.

GILDO LUIZ DE FREITAS⁷

Os 50 anos da Faculdade de Educação (FE) são uma história feita de histórias. Cada um dos que passaram, cada um dos que estão aqui a escreveu e a escreve com parte de sua própria vida. Todos nós, com nossas qualidades, defeitos, singularidades, vamos enriquecendo as memórias que compõem a vida desta faculdade.

É interessante como as pessoas, mesmo aquelas com as quais às vezes não temos tanto contato, marcam então o tempo. Sempre ouço um: “Ah, naquele tempo em que fulano era do setor tal”. Ao que uma outra pessoa responde: “Ô, tempo bom” ou “Nossa, era difícil”. São nossos rostos e nossos nomes que vão tecendo essa enorme colcha de retalhos.

Assim, a FE comemora meio século de formação e aperfeiçoamento de pessoas na área da Educação. Para que todas essas pessoas chegassem aonde chegaram e se tornassem o que são, todo e cada um dos professores e funcionários daqui sempre tiveram grande importância.

Gildo também construiu a história dele e um considerável pedaço da nossa. Discreto, tranquilo, nosso amigo viu, viveu e compôs grande parte desses 50 anos, os últimos deles em nossa biblioteca, e ali pudemos ter o prazer de seu convívio de camaradagem, respeito e educação. Mesmo o choque de seus trágicos últimos dias são parte dessa história riquíssima.

A ele e à parte dele nesse enredo, nossas sinceras homenagens.

⁷ Autoria: Vicente J., bibliotecário da FE/Unicamp.

5.4.

HELENA DE FREITAS⁸

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,
humanamente diferentes e totalmente livres.⁹

Evoco a utopia revolucionária de Rosa de Luxemburgo para participar dos festejos dos 50 anos da FE/Unicamp com o movimento de trazer minha grande amiga, militante comunista Helena de Freitas, que já me incitou à necessidade de transgredir o masculino genérico e puxar o fio de uma femenagem. Helena foi uma das pioneiras à frente da gestão de nossa Associação Docente, Adunicamp, fio que elejo como condutor para ativar nossas memórias de contemporâneas e apresentá-la às novas gerações que lerão este *e-book* ao evocar sua trajetória de muitas lutas, conquistas e árduas batalhas pela formação de professores/as na Unicamp (seja no curso de Pedagogia, como professora e como coordenadora da graduação, seja em sua atuação sindical na Adunicamp). Atou na rede municipal de Campinas, como diretora do Departamento, e interinamente (por 3 meses enquanto não encontravam um substituto para Hermano) esteve como secretária da Educação, em 2006. Assim, como quem ocupa a Secretaria é membro nato do Conselho Municipal de Educação de Campinas, Helena participou do CME, como presidente, e elaboraram o 1º Plano Decenal de Educação. Colaborou com garra também na criação e militância há quase 40 anos da Anfope¹⁰. Atou no MEC, em uma das gestões petistas, que criou

⁸ Título Original: Femenagem a Helena de Freitas. Autoria. Ana Lúcia Goulart de Faria, professora colaboradora do Decise/FE/Unicamp.

⁹ Nota dos organizadores: frase de domínio público indevidamente atribuída à Rosa Luxemburgo.

¹⁰ “Originária do movimento de educadores do final da década de 1970, a ANFOPE celebrou 38 anos de luta em defesa de políticas de formação e valorização profissional da educação que assegurem o reconhecimento social do magistério, seu profissionalismo e profissionalização. [...] A Anfope tem como marco de sua origem a 1ª Conferência Brasileira de Educação (CBE/PUC/SP), tendo como

junto com a Coordenadoria de Educação Infantil (Coedi) os cursos de Especialização para professoras de Educação Infantil nas universidades federais.

Para tecer este fio da memória, pesquisei fontes históricas do que foi a atuação de Helena de Freitas na Adunicamp, ao consultar os boletins periódicos da Associação e algum material de registro das gestões que se sucederam à frente dessa instância de organização de docentes da Unicamp, além das publicações decenais que recuperam a memória da associação. Nessa busca, localizei uma dissertação de Mestrado que analisa historicamente o papel sindical da Adunicamp no universitário paulista (Fantinatti, 1998). Porém, em relação à Helena, não temos muitos registros, somente na configuração dos eventos com que a Associação se comprometeu nessa etapa de sua constituição, como um panorama traçado pela/os autora/es do texto (San Martin *et al.*, 2017) a que recorri, os encaminhamentos e ações, evidenciando em minha interpretação sua personalidade discreta, com sua presença potente, mas sempre diligente e respeitosa nas lutas e decisões coletivas¹¹.

Helena Costa Lopes de Freitas, professora da FE/Unicamp, foi eleita presidente da Adunicamp em duas gestões, 1987-1989 e 1989-1990. A gestão 1987-89 foi a primeira em que uma mulher se tornou presidente dessa entidade, que já contava dez anos de história, na ocasião. As especificidades dessa condição para tal gestão e o legado que trouxe para as seguintes ficarão para ser estudados numa eventual história das mulheres pesquisadoras e gestoras na Unicamp.

primeiro presidente o Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas” (Anfope, 2016). E acredito que a Helena também tenha participado desta primeira gestão, mas não localizei essa informação no *site* da Anfope.

¹¹ Fantinatti (1998) foi autora da dissertação de Mestrado em que Helena compôs a banca; recupera o contexto histórico em que foram criadas as associações docentes paulistas, quando se podem apontar com relativa segurança as causas que faziam delas uma necessidade naquele momento (e se fazem urgentes no nosso trágico contexto pandêmico fascista-neoliberal que vivemos atualmente): lutar pelos salários de docentes, que sofriam os efeitos da política econômica do “milagre”, representar seus anseios na busca de um ambiente institucional que as/os protegesse do arbítrio, de viver em um ambiente mais democrático e menos suscetível às ingerências e ações autoritárias de poderes constituídos que espalhavam uma atmosfera de terror na universidade.

Em tudo o que me mobilizo e posso instigar memórias afetuosas, nada mais difícil do que prestar “homenagens” em um ambiente catastrófico para as universidades, que nega os afetos nas relações de trabalho. É como companheira de embates importantes na luta política e como testemunha dos eventos históricos, profissionais e acadêmicos daqueles tempos tão complexos quando eu entrei na Unicamp, em 1986, um ano antes da gestão da Helena na Adunicamp, e passei a admirá-la e participar das lutas que ela engendrava.

A Adunicamp foi criada em 1977, durante o governo de Paulo Maluf, governador “biônico” que havia instituído interventores como reitores nas universidades paulistas. Seu primeiro presidente, embora por um curto período, foi Rubem Alves, da FE. No terceiro encontro de Associações Docentes, em 1981, em Campinas, no qual se congregavam representantes de todo o país, as/os 287 delegadas/os credenciadas/os presentes, representando suas respectivas associações, decidem aprovar por unanimidade a fundação da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), como relatam Almeida, Ferreira e Trópia (2011).

A partir de então, a Andes não seria apenas representante dos interesses de docentes universitárias/os, mas se constituiria em protagonista de lutas políticas e sociais travadas em âmbito nacional. Em 1987, quando Helena assumiu a presidência da Adunicamp, saíamos de uma situação de intervenção na Unicamp — a gestão Pinotti terminara em 1986. O estado democrático vinha sendo recuperado e só se consolidaria com a Constituinte de 1988. A Unicamp almejava um projeto de institucionalidade e autonomia universitárias, as/os profissionais docentes e não docentes lutavam por melhores condições salariais num momento de instabilidade econômica do país. Entre 1989 e 1990, durante a segunda gestão de Helena de Freitas como presidente da Adunicamp, as implicações políticas se dariam em esferas diversas: na federal, houve uma eleição para presidente, em que apoiamos no segundo turno o candidato Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT)

— e tivemos de amargar Collor e sua política de desmonte das universidades públicas por meio de políticas neoliberais.

Os interesses nas pautas nacionais fizeram com que nos voltássemos para dois projetos importantes que estavam em discussão, e dos quais, em minha opinião, a Educação Nacional não poderia prescindir. Helena, na FE e na Adunicamp, teve um papel determinante, especialmente com o grupo de professores/as envolvido na criação da Anfope, em 1992, nas reuniões da Anped e do Endipe, com todos os posicionamentos políticos posteriores com o Ministério da Educação (MEC) e com o Conselho Nacional de Educação (CNE). Como me disse Maria Renata Alonso Mota, membro da atual gestão da Anfope: “O papel da Helena na Anfope continua muito importante! Ela é muito atuante!!! Ela é uma grande referência”.

Por meio do Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, nós, docentes pesquisadoras/es progressistas ou à esquerda, havíamos atuado nas discussões que embasaram a Constituição Federal de 1988. Asseguramos conquistas importantes, como autonomia universitária, vinculação de recursos para a educação, gratuidade da educação em estabelecimentos públicos, entre outras pautas.

Nos anos 90, ganhou relevo no plano nacional a luta pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Depois de anos de construção coletiva de uma proposta da LDB, que apontava significativos avanços para a educação brasileira, o governo de Fernando Henrique Cardoso deu um golpe e apresentou, por meio do projeto do Senador Darcy Ribeiro, outra proposta, elaborada unilateralmente. A FE/Unicamp, o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes) e outras organizações tiveram papel importante em toda a discussão que se encaminhara até o momento. Essa ação governamental foi um desrespeito aos/as atores/as envolvidos/as no processo. Colocava-se o embate entre duas visões antagônicas para a educação brasileira: uma privatista, autoritária, excludente, que

não garantia as mínimas condições para a melhoria da educação; e outra, um projeto democrático e popular, conforme denominado à época, e Helena sempre esteve nas linhas de frente em muitas batalhas nessa luta.

A partir da aprovação da LDB (1996), o embate entre diferentes projetos de educação passou pela discussão, elaboração e aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE). Na articulação e construção do Plano Nacional de Educação da Sociedade Brasileira, participaram setores organizados da sociedade civil e segmentos da sociedade política, contrapondo-se ao plano proposto pelo MEC, considerado autoritário e excludente. Na luta pelo Plano Nacional de Educação, nossos esforços se concentraram em construir, com o Fórum e a Anped, também com a criação da Anfope, uma proposta que fosse um instrumento pela educação pública, gratuita, democrática, laica e de qualidade para todos/as, em todos os níveis. Cabe destacar também a atuação ativa da guerreira Helena perante a Associação Nacional de Política e Administração da Educação (Anpae), como vemos em Freitas (2021), e nos debates na Anped (Freitas, 2017).

Da Adunicamp, Associação, que passa a ser Sindicato Andes, das discussões e embates em que se engajou para que se conseguissem as melhores condições para a formação de professoras/es até a convivência cotidiana como professora da FE, Helena de Freitas foi alguém de quem tive orgulho de conhecer e lutar junto. Aprendi muito com ela: desde que cheguei à FE, ela me convidou para participar da política acadêmica na congregação, representação docente nas instâncias internas. E, na Adunicamp, fui representante da FE.

Por fim, gostaria de ressaltar a importância de sua intensa atuação em várias instâncias fora da faculdade, em: sindicato, via Adunicamp, Prefeitura Municipal de Campinas, Educação Infantil, via Coedi MEC, Anfope. E na FE, que agora celebra seus 50 anos, na coordenação do curso de Pedagogia, na implementação do novo currículo do curso pós-LDB, em 1998, na defesa seja da formação teórica sólida

indissociável da prática, seja da derrubada de um currículo para especialistas (as então habilitações), tendo no eixo a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a base da Pedagogia como uma ciência da prática; como afirma Luiz Carlos Freitas (1987, p. 131), “a Pedagogia é uma ciência da prática que busca suas bases epistemológicas nas outras ciências”.

Na direção da práxis que sigo, finalizo este ensaio com fragmentos de um diálogo do também militante Antonio Miguel, colega de tantos anos na FE e amigo querido, que puxa o fio dos depoimentos das nossas ex-estudantes, Regina Célia dos Santos e Adriana A. Silva, ambas amigas queridas, que na época foram discentes ativas no movimento estudantil, dirigentes do Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia (CAP). Hoje atuam como professoras na Educação Básica e na universidade, respectivamente, e vivenciaram esta experiência de transição curricular e ativam a memória para exaltar a importância do trabalho da Helena de Freitas na formação de professoras e professores no Brasil.

Seguem três depoimentos repletos de carinho a minha amiga professora militante de outrora e de agora, pois nada é mais difícil do que prestar esta homenagem em um ambiente que, muitas vezes, nega os afetos nas relações de trabalho e, sobretudo, na luta política na universidade.

DEPOIMENTO DO ANTÔNIO MIGUEL

Pra mim, a Helena aparece muito mais como uma pessoa que tinha um sentido praxiológico da educação, totalmente dissonante com relação ao modo teórico como a gente praticava educação dentro da faculdade. Então, existia toda uma orientação teórica, a valorização da teoria, das teorias da educação, das teorias filosóficas, era isso que a faculdade valorizava, e a Helena já tinha aquela missão de atuação, aquilo que se chama ativismo. Só que o ativismo era visto pelos teóricos da educação como uma coisa ruim, toda pessoa que se envolvia politicamente no

campo de atividade da educação era vista como menos rigorosa... Aquela coisa que você sabe... Vale destacar as atuações da Helena fora do campo da faculdade.

DEPOIMENTO DA REGININHA

Bom, a Helena de Freitas nunca deu aula para mim em sala. Mas isso não significa que ela não me formou, do período para estudar na faculdade eu peguei um período em que ela foi a coordenadora do curso e eu peguei a transição para um novo currículo. A gente estava chegando e não tinha muita clareza do currículo, e havia muitas disputas e conflitos, como é comum em todas as instituições. Porque nenhuma instituição é monolítica. Então, a Helena foi uma das que puxou, puxou não, que conduziu esse processo de importância de a gente olhar para o novo currículo, né, porque que ela dizia, eu me lembro muito bem, e hoje faz muito sentido para mim e fez muito sentido para mim na minha militância. Porque logo que eu me formei em Pedagogia, e eu fui militante do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra] e depois eu fui professora de creche e agora de Ensino Fundamental, e ela sempre dizia pra gente não, não fragmentar a formação do pedagogo em especialista, mas, para que ele tivesse uma formação sólida de trabalhar, de ter o exercício docente de sala de aula, e também de ter habilitação para trabalhar em gestão [...] quando eu tava na militância do MST, a Roseli Caldart, que era uma das coordenadoras e ainda é hoje do MST..., toda de uma trajetória formativa no MST, e numa dirigente, o MST fez muita coisa pela educação a nosso país, e ela citava Helena de Freitas, nessa questão das escolas e dos professores, a defesa da formação do professor, a defesa de uma formação criteriosa e de qualidade, diríamos assim, né? Então, o que eu posso dizer da Helena é essa experiência que eu tive na faculdade, e depois vê-la como uma referência para o movimento social, que era o MST.

DEPOIMENTO COM ADRIANA SILVA

Eu não tive aula com a Prof.^a Helena de Freitas, ingressei em 1998 e me formei em 2002; parte desse período, ela estava na coordenação do curso, mas pude vivenciar a implementação do novo currículo sem as antigas habilitações, e tenho-a como grande referência na defesa da formação de professores/as da Educação Básica no curso de Pedagogia, atuando nas demais frentes da educação, mas sobretudo tenho um compromisso político com o exercício docente. Meus pais foram militantes do PC do B [Partido Comunista do Brasil], e conheciam e admiravam a Helena de outras lutas no movimento sindical, sempre na defesa pela educação pública, gratuita e de qualidade como base dos movimentos revolucionários de transformação da sociedade. Recentemente, com alegria, tive dois “reencontros” com a Helena, que esteve aqui na Udesc [Universidade do Estado de Santa Catarina], em setembro 22, contribuindo na nossa formação docente discutindo a Resolução 02/2019 (das novas definições das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). E a vi em outubro, na Conferência de encerramento da Anpedinha Sul “Educação e Resistência: o currículo e a formação de professores em tempos de crise democrática”. Em falas críticas e potentes, rememorei agradecida o quanto tinha da Helena no meu percurso formativo como professora, que também atua em defesa da formação sólida de professoras nos nossos cursos de Pedagogia nas universidades públicas brasileiras, com excelência e valorização da formação, professores/as comprometidos com as transformações da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio; FERREIRA, Jorgetânea da Silva; TRÓPIA, Patrícia Vieira. *ANDES-SN 30 anos: sindicato de base, democrático e de luta*. Uberlândia: ANDES-SN, 2011.

ANFOPE. *Histórico*. [S. l.]: Anfope, 2016. Disponível em: <https://www.anfope.org.br/historico/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FANTINATTI, Márcia M. Corsi Moreira. *Sindicalismo de classe média e meritocracia: o movimento docente na universidade pública*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 1998.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. ANPAE se posiciona contrária à Matriz Nacional Comum de Competências do Diretor Escolar. In: FREITAS, Helena Costa Lopes de. *Formação de professores: blog da Helena*. Campinas, 2021. Disponível em: <https://formacaoprofessor.com/2021/04/19/anpae-se-posiciona-contraria-a-matriz-nacional-comum-de-competencias-do-diretor-escolar/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. *Entrevista com Helena de Freitas (Unicamp): sessão Especial “Políticas educacionais em disputa e novas legislações na formação de professores”*: 38a Reunião Nacional da ANPEd. Rio de Janeiro: Anped, 2017. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/noticia/entrevista-com-helena-de-freitas-unicamp-sessao-especial-politicas-educacionais-em-disputa-e>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FREITAS, Luiz Carlos de. Projeto histórico, ciência pedagógica e didática. *Educação e Sociedade*, São Paulo, n. 27, p. 122-140, 1987.

SAN MARTIN, Paulo; OLIVEIRA, Paulo Sampaio Xavier de; PIVA, Fernando; NUNES, Roseli Coutinho. *Adunicamp 40 anos: história da Adunicamp*. Campinas: Adunicamp, 2017.

5.5.

IVANY PINO¹²

Nascida Ivany Lopes Rodrigues, na cidade de Tocantins, em Minas Gerais (MG), no ano de 1937. Filha de uma normalista — Antonia Lopes Coelho Rodrigues — e diretora do grupo escolar onde Ivany concluiu o curso primário, a condição pouco comum a mulheres no início do século XX, experimentada pela mãe, é destacada por Ivany ao rememorar sua trajetória. Descendente de tradicionais políticos de Ubá, Minas Gerais (MG), como o senador Levindo Eduardo Coelho e seu filho Levindo Ozanan Coelho, governador de Minas, da família materna, Ivany parece ter herdado o vínculo com a educação e a importância atribuída ao enfrentamento político, na defesa do que acredita. Seu pai, José Rodrigues, foi o farmacêutico da cidade e descendia de família de fazendeiros. Sendo a terceira filha de quatro irmãos — Hiran e Ivan já falecidos e Irany —, aos 85 anos idade permanece ativa como editora-chefe da principal revista acadêmica em Educação do Brasil: *Educação & Sociedade*.

Quem tem o privilégio de conviver com Ivany Rodrigues Pino, certamente reconhece a potente mulher envolta em sofisticada elegância, que se expressa no gosto por bons vinhos tintos, boas comidas e amizades longevas. Forte e, por vezes, dura na defesa de suas convicções, Ivany é uma das mulheres mais importantes na história recente da Educação Brasileira.

Dona de conversas longas e cuidadosamente detalhista, formou-se normalista no Colégio Stella Matutina, em Juiz de Fora, e cursou Serviço Social pela Faculdade de Serviço Social de Juiz de Fora, MG, o que lhe favoreceu estagiar no

¹² Título Original: Ivany Rodrigues Pino: uma vida em defesa da educação pública. Autoria: Theresa Adrião e Pedro Goergen, professores aposentados da FE/Unicamp.

Sanatório de Tuberculosos. Formou-se em 1961 e, contratada pelo Serviço Social da Indústria (Sesi), passou a atuar em uma comunidade isolada de Juiz de Fora, então denominada Bairro Arado, hoje, Vila São Benedito.

Nesse início de vida profissional, aos 20 e poucos anos, exercia concomitantemente atividades como professora do curso noturno e, fundamentalmente, atividades de formação de lideranças em comunidades e sindicato. Para além da inserção nas periferias de Juiz de Fora, como funcionária do Sesi, foi designada ao exercício de atividades em Sergipe e na Bahia.

A postura combativa e o vínculo com o Sindicato dos Tecelões de Juiz de Fora renderam-lhe a desconfiança do regime autoritário iniciado em 1964. O retorno compulsório a Juiz de Fora, decorrente de uma denúncia à Quarta Região Militar pelo “dono da banda da igreja de Arado” em um clima de fortalecimento do autoritarismo materializado na ampliação das tensões locais, exigiu sua saída da cidade. Para quem não se lembra, a Quarta Região Militar foi estratégica para o golpe militar deflagrado pelo general Olímpio Mourão Filho, seu então comandante.

A opção foi aceitar o convite para o primeiro curso de Pós-Graduação do Brasil em Serviço Social, oferecido pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), concluído em 1966, e do qual resultou uma dissertação sobre Desenvolvimento de Comunidades premiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com uma bolsa de estudos, oferecida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), para a Université Catholique de Louvain/Bélgica, instituição na qual se bacharelou em Sociologia.

A partida do Brasil deu-se em um 7 de setembro de 1967. Fora do país, entre 1967 e 1978, concluiu um segundo Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento na Université Catholique de Louvain (1970).

Em 1970, já casada com o pesquisador Angel Pino, o qual conhecera em um baile organizado pelo Cercle d'étudiants na Bélgica e com quem se aventuraria em mais de 40 anos de vida, envolvendo viagem em um Fusca pela Europa, foram convidados a lecionar na Universidad Quebec/Trois Rivières, no Canadá. Aprendendo a se equilibrar na vida e na neve, Ivany Rodrigues Pino terminou sua dissertação de Mestrado e iniciou seu Doutorado pela Université Louvain-la-Neuve, sob a orientação de Maurice Chaumont.

Retornou ao Brasil sem concluir o Doutorado, na condição de docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp), em resposta a convite efetuado pela Professora Ofelina Rabello, chefe do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação (Decisae) da FE, dirigida à época pelo Professor Antonio Muniz de Rezende (1976 a 1980), seu ex-professor em Juiz de Fora e amigo em tempos de Canadá.

A chegada à Faculdade de Educação em 1978, como docente da disciplina Sociologia da Educação e mãe de dois filhos — Richard e Monique — coincidiu com o aprofundamento das reivindicações pelo fim da ditadura cívico-militar e estímulo à organização da Sociedade Civil pela ampliação de direitos e pela defesa da democracia, contexto no qual enfatiza-se a educação em sua relação com a sociedade.

Expressando a importância dessa relação e captando a necessidade de um veículo acadêmico, que auxiliasse na divulgação de reflexões críticas atinadas às mudanças em disputa na sociedade, docentes dos antigos Departamento de Administração e Supervisão Educacional (atual Departamento de Políticas, Administração e Sistemas Educacionais, Depase) e Decisae (atual para

Departamento de Ciências Sociais na Educação, Decise), ambos da FE-Unicamp, juntamente com docentes da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) lançam o primeiro número de *Educação & Sociedade* em 1978.

Na esteira da defesa da autonomia editorial para o novo periódico, como resultado do I Seminário de Educação Brasileira, realizado também em 1978 na Unicamp, foi concebido o Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes), organização da sociedade civil de natureza acadêmica e embrionariamente parceira da FE. O Cedes, criado no ano seguinte, teve Ivany Rodrigues Pino como sua principal liderança e expoente desde sua criação. Nele, exerceu a secretaria da entidade entre 1979 e 1983, sua presidência ocorreu durante os anos de 1983 a 2018; desde 2019, ela é presidente honorária da entidade.

Sua inserção nos debates e embates nacionais em defesa da educação pública para todos/as tem na constituição do Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública (1987) e no protagonismo assumido durante a elaboração do capítulo de educação pela Assembleia Constituinte, atuação a ser sublinhada quando se considera o papel da FE/Unicamp no Brasil. A atuação política de Ivany continua na organização e nos debates que se seguiram nos anos posteriores e que, em âmbito nacional, materializaram-se nas Conferências Brasileiras de Educação (CBE), iniciativas da sociedade civil que fundamentaram o projeto educacional da sociedade civil para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996.

Nos anos 2000, sua presença associada à do Cedes¹³ manteve-se em destaque quando se analisa os atores e segmentos que influenciaram a definição da agenda educacional no Brasil, com destaque para a Conferência Nacional de Educação (Conae) de 2010, que elaborou as referências para o Plano Nacional de Educação (PNE) de 2010-2020, e para as disputas em torno da composição do Fórum Nacional

¹³ Convidamos leitoras e leitores a consultarem os editoriais de *Educação e Sociedade*, disponíveis em <https://www.scielo.br/j/es/>.

em Defesa da Escola Pública criado pelo plano e desfigurado em 2018, após o *impeachment* de Dilma Rousseff.

Na FE, Ivany Pino incidiu na redefinição e atualização do Decisae e na introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em situações de cursos presenciais de formação da FE. As TIC, como tema de investigação e ferramentas político-pedagógicas, resultaram na criação do Laboratório Interdisciplinar de Tecnologias Educacionais (Lite) e na implantação da Sala de videoconferência, primeira da universidade e ainda em funcionamento na FE.

As lutas pela educação pública, dentro e fora da Unicamp, postergaram a conclusão de seu Doutorado, ocorrido apenas em 2007 com o acertado título *Memórias: um olhar sobre as relações educação e sociedade no Brasil (1978 a 1995)*, sob a orientação de Zeila de Brito Fabri Demartini. Nas primeiras décadas do século XXI, o Cedes, ainda sob sua presidência, manteve sua inserção nacional em defesa da educação pública retomando os Seminários da Educação Brasileira.

A trajetória de Ivany Rodrigues Pino certamente é responsável pela posição de destaque que a FE da Unicamp tem no cenário nacional e internacional. Nossas homenagens à forte presença de Ivany na história desta instituição.¹⁴

¹⁴ Meu histórico agradecimento à Ivany por me ter apresentado à FE/Unicamp a partir do Cedes (Theresa Adrião).

REFERÊNCIAS

PINO, Ivany Rodrigues. Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública. *In*: OLIVEIRA, Dalila Andrade. DUARTE, Adriana M. Cancelli. VIEIRA, Livia M. Fraga. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: FE/UFMG, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/f-rum-nacional-em-defesa-da-escola-publica/>.

PINO, Ivany Rodrigues. *Memórias: um olhar sobre as relações educação e sociedade no Brasil (1978 a 1995)*. Orientadora: Zeila de Brito Fabri Demartini. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

5.6.

IVO PINHEIRO¹⁵

Foi com grande honra e alegria que recebi o convite para participar das homenagens que ocorrerão durante as comemorações dos 50 anos da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp). Fiquei ainda mais lisonjeado ao receber a incumbência de falar sobre alguém que por aqui passou e que deixou marcas, lições, saudades, exemplos.

Falar dessa pessoa não é coisa fácil, pois quem a conheceu sabe muito bem o que significou na vida de tantos e tantas nesta nossa FE, que mais podemos chamar de segunda casa, onde construímos famílias, amizades, vínculos, sentimentos.

Estou na Unicamp desde 1987, sendo os últimos 21 vividos na FE, vindo de uma unidade essencialmente administrativa (Diretoria Geral de Administração, DGA) para atuar em uma área acadêmica, da qual tinha pouco conhecimento, quase nada conhecia de seu funcionamento e de suas atividades. Confesso que fiquei um pouco assustado com a mudança radical, mas muito importante para que tivesse contato com outra realidade na universidade que não só a administração central.

Desde os primeiros dias de minha chegada, encontrei uma figura diferenciada, tanto pela maneira com que tratava as pessoas como pela dedicação e cuidado com que desempenhava suas funções no antigo balcão existente na entrada do prédio principal. Lembro-me de sua presença imponente; muitas vezes, sua “pança” chegava um pouco antes que o restante do corpo, abrindo espaço para que pudesse passar, quando não, soltava seu vozeirão forte e estridente, que podia ser ouvido a dezenas de metros de distância.

¹⁵ Título Original: Recordações. Autoria: Jógias Alves Ferreira (Mike).

No prédio das salas de aula, era uma espécie de xerife que assumia a responsabilidade de cuidar do patrimônio físico da instituição e principalmente do patrimônio humano, sendo por diversas vezes homenageado pelos alunos que por aqui passaram durante as cerimônias de colação de grau. Com a chegada dos cursos noturnos, trabalhou até sua aposentadoria no período da tarde-noite, com a incumbência de fechar o prédio. Em algumas ocasiões, utilizava de seu porte físico e voz acentuada para avisar, sala por sala, que estava na hora de os alunos e professores irem para casa; caso contrário, deixá-los-ia presos e jogaria as chaves na lagoa... (lembro bem da frase *“vou fechá e jogá a chave na lagoa”*), referindo-se à lagoa ainda existente atrás da Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp). Essa sua pressa em fechar os prédios era pelo fato de ter horário certo para pegar o fretado e ir para sua casa, na região dos DIC, bairro chamado por ele de: Distância Incalculável de Campinas, próximo ao Aeroporto de Viracopos. Caso perdesse o ônibus, o professor responsável por não terminar a aula com tempo suficiente para que ele fechasse todo o prédio, teria que levá-lo de carro até lá.

Lembro das incríveis caravanas que fazíamos em época de campanha salarial, com ônibus superanimados indo para São Paulo participar das atividades organizadas pelo sindicato e não era difícil saber em qual dos ônibus ele estava, sempre alegre e brincalhão, mexendo com todos que passavam e sempre tendo uma “tirada” para alegrar as viagens em busca de negociações com o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp), no Palácio do Governo, na Praça da Sé, na Universidade de São Paulo (USP), na Av. Paulista, nas passeatas pela Av. Brigadeiro, nas manifestações em frente à Assembleia Legislativa, fugindo da cavalaria, muitas vezes debaixo de chuva e não eram raras as vezes que a chuva vinha acompanhada de cassetetes da PM.

Com frequência, parávamos para saborear os famosos X-Greve em praças, no meio da rua, dentro dos ônibus e até mesmo em bares e restaurantes no caminho das passeatas. Dificilmente se dormia nas viagens, pois ele sempre dava um jeito de

levar um apito, uma corneta ou qualquer outro instrumento barulhento para animar a turma.

Falar do “seo” Ivo só me traz boas recordações, seu sorriso largo, aquele bigode farto e sua voz forte e de longo alcance. Era fácil saber quando estava nas proximidades, pois sua presença marcante era inconfundível... Não há quem com ele conviveu que não tenha ao menos uma história pitoresca. Gostava muito de conversar com ele e dar boas gargalhadas, mas quando o assunto era sério, ele o tratava com todo respeito e reverência. Era respeitado por todos e muito amigo dos alunos, que viam nele a figura de um “paizão”!

Nas ocasiões em que era homenageado, vestia sua melhor roupa, mas não me lembro de tê-lo visto de gravata, acho que não gostava muito. Em épocas de calor, não dispensava uma boa e folgada bermuda, com a qual se sentia muito à vontade; mesmo trabalhando diretamente com o atendimento ao público, sua indumentária era o menos importante.

Quando o Restaurante Universitário (RU) servia feijoada, era uma festa!!! Gostava muito dessa iguaria e se fartava, levando algumas vezes até uma farofinha caseira para acompanhar e um bom suco de limão especialmente preparado para molhar a goela, ou as palavras, como sempre dizia.

Antes de vir pra FE, trabalhou na Faculdade de Educação Física, onde também deixou muitos amigos. Mas foi aqui na FE que se destacou. E suas lembranças estão por toda parte.

Não havia quem não gostasse dele, e a tarefa de falar algumas palavras não reflete a saudade e o respeito que conquistou em nosso meio. Vivemos mais de um terço de nossa vida no ambiente de trabalho, e a convivência com o “seo” Ivo, bonachão, fez com que a essa convivência se tornasse muito mais leve e agradável.

Quero deixar aqui meu respeito e gratidão por ter tido o privilégio de conviver e aprender muito com essa figura que nos deixou precocemente, nem

dando tempo de aproveitar a aposentadoria como desejava. No pouco tempo que teve após se aposentar soube, por meio da Verinha, sua companheira inseparável, que havia viajado algumas vezes com a família para a região de Areado (MG), para aproveitar uma boa pescaria e vida no campo, longe da cidade grande.

Foi um exemplo de seriedade, dignidade e respeito para com o próximo, sempre tendo uma palavra de carinho e conselhos aos mais jovens. Deixo aqui um pouquinho da história de nossa convivência, que mantenho viva até hoje. Quem o conheceu sabe bem do que estou falando. Uma singela homenagem a uma pessoa especial, e tenho a certeza de que onde estiver não há tristeza. Recordações e lembranças não se apagam com o tempo.

Seu Ivo presente, sempre!!!

5.7.

JOAQUIM BRASIL FONTES¹⁶

Joaquim Brasil Fontes. Acaso nossas academias literárias e artísticas, nossas instituições culturais e os chamados meios cultos de Campinas conhecem esse nome? Talvez não. E eu vos direi, no entanto, como Bilac sobre ouvir estrelas, que deveriam conhecê-lo — ou antes, tê-lo conhecido, pois Joaquim vem de nos deixar.

Joaquim Brasil Fontes foi um erudito. Jamais conheci por estas plagas campinenses alguém que, como ele, dominasse completamente o grego clássico, o grego popular da época clássica e o grego moderno. Traduziu para o português os fragmentos remanescentes da lírica de Safo, a genial poetisa grega de Lesbos. A ela dedicou um alentado estudo: *Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos*. Publicou também *Fragmentos dos fragmentos da lírica de Safo*. Ou seja, foi fundo num dos grandes desafios à crítica poética que é a obra de Safo.

Não se deteve apenas no grego, se é possível dizer “apenas” referindo-se à difícil e bela língua em que foram escritas as obras fundantes da cultura ocidental. Percorria com igual desenvoltura os textos latinos. Leu em latim a poesia de Horácio, comentando-a com agudeza. Também em latim leu as *Instituições oratórias* de Marco Fábio Quintiliano, que as escreveu no primeiro século de nossa era, sendo com justeza considerado um dos pais fundadores da retórica clássica ao lado de Aristóteles. Assisti a uma fala de Joaquim Brasil Fontes na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em momento importante de sua carreira acadêmica, exatamente sobre essa retórica. Foi mais que uma fala, foi aula magistral, Joaquim

¹⁶ Autoria: Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho, docente aposentado da FE, ex-Chefe do Departamento de Filosofia e História da Educação, atual professor colaborador da Faculdade de Educação e membro da Academia Campinense de Letras e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas.

dissecando Quintiliano sem arroubos oratórios, mas com apurado senso crítico. Aliás, Joaquim aborrecia a oratória tonitruante, preferia a fala mansa, o raciocínio articulado, a riqueza e a sutileza do que se insinua mais do que o que se afirma como definitivo. É preciso acrescentar que Joaquim era mineiro de nascimento, embora tenha vivido em Campinas quase toda sua vida, à exceção dos longos períodos em que se aperfeiçoou no exterior. A mineiridade dá conta desse jeito suave de contar os causos, na mesma linha dos Drummond, dos Rubem Alves e de tantos outros que conviveram com as musas. Delas, Joaquim era íntimo.

Joaquim não ficou somente nos clássicos gregos e latinos. Veio aos modernos. Estudou Filosofia e Letras na França, onde defendeu um precioso Doutorado de Estado, tendo sido discípulo de um dos maiores linguistas de todos os tempos, Roland Barthes. Dominava o francês como se fosse sua língua pátria. Traduziu e fez estudos críticos de grandes poetas, especialmente dos chamados “malditos”, como Mallarmé e Lautréamont.

Não me deterei mais nos franceses, embora devesse ainda citar o teatro de Racine como um dos melhores focos da lupa aclaradora de Joaquim. Mas ele atravessou o canal e, exímio conhecedor do inglês, frequentou a obra de Shakespeare e outros ingleses e anglo-americanos. Nessa galeria certamente está Poe, o poeta de *O Corvo*, depressivo como Joaquim, genial como ele. Os jovens cultos de hoje voltam-se para Edgar Allan Poe, a ponto de um autor brasileiro ter feito recentemente um trabalho com o título sugestivo de *Edgar Allan Pop*. Joaquim sabia onde pisava. E se, entre os anglófonos, cultivava Shakespeare, Poe, Pound, Joyce — e um imenso séquito —, não se esquecia dos italianos, a começar por Dante, e dos alemães, de Goethe a Hölderlin.

O alemão não era a língua preferida de Joaquim, embora a conhecesse. Além disso, ele sabia, como ninguém, onde encontrar a rara tradução do germânico, como no poema “As Parcas”, de Friedrich Hölderlin, feita com maestria por Manuel

Bandeira. O poema serve de exórdio a seu último livro (ou penúltimo, se os *Simulacros*, reeditados, forem considerados os últimos), *Nigredo: estudos da morte e dulia*, datado de 2017. Nesse poema, Hölderlin pede às parcas (deusas da vida e da morte, a última delas sempre pronta a ceifar vidas com sua foice afiada) mais um verão e um outono para concluir sua obra antes de morrer. Profético, Joaquim implorava algum tempo de vida para terminar seu recado. Antecipo-me às pedras dos que achavam que Joaquim era hermético: *dulia*, do grego *doulia*, “servidão, submissão”, era, segundo mestre Houaiss, “veneração aos anjos e santos”. Não se pense no pão de Santo Antônio ou em Santa Luzia para encontrar o que se perdeu. A *dulia* joaquiniana era o mergulho inevitável na morte, o fim do reino de Eros.

Estive com Joaquim há menos de um mês. Foi no lançamento (ou relançamento) de *O Livro dos Simulacros*, na Pontes. Não conheço obra tão completa. Há nela poesia, crítica poética, filosofia, tradução, desenho criativo e ilustrativo — sei lá que mais. Não me peçam, neste espaço, que resenhe esse monumento literário. Ou de arte total, como pretendia Wagner com sua ópera, em que se uniam a música, a poesia, o teatro, a pintura cenográfica e a dança. Quem quiser saber mais sobre essa obra capital de nossos dias que procure, no *Jornal da Unicamp*, o excelente trabalho do filósofo, escritor e jornalista Roberto Goto. Direi apenas que, no lançamento dos *Simulacros* na Pontes, foi aberta uma interlocução, em que um brasileiro, docente em universidade estadunidense, exaltou Joaquim como professor, crítico literário e artista. Pedi a palavra e acrescentei: poeta. Joaquim esquivou-se com a humildade dos grandes. Hoje reafirmo: poeta.

A Unicamp perdeu um de seus baluartes. Fui professor nos primeiros estudos de Joaquim na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas e depois seu aluno no Doutorado da Faculdade de Educação da Unicamp. Devo-lhe muito. A Unicamp deve-lhe muito. Campinas deve-lhe muito.

Conversando com Luiz Carlos Ribeiro Borges, outro grande cultor das letras de nossa cidade, frequentador assíduo desta página, pensávamos em apresentar o nome de Joaquim para uma das cadeiras de nossa Academia Campinense de Letras. Não deu tempo. Faltaram-lhe, como a Hölderlin, um verão e um outono. Quem sabe nossa casa de Letras, que foi e é de Sampaio, linguista e poeta como Joaquim, não lhe daria o título póstumo de acadêmico emérito?¹⁷

¹⁷ O presente artigo foi publicado no Correio Popular de 13 de agosto de 2019, pouco após o falecimento de Joaquim Brasil Fontes.

5.8.

LUIZ APARECIDO ROMÃO DA SILVA¹⁸

Com muita alegria, agradeço o convite da Direção da FE para homenagear quem foi nosso grande companheiro e amigo Romão.

Vindo de uma família, batalhadora, trabalhadora, com seus pais e irmãos, na década de 70, saíram de Itapira, São Paulo (SP) e chegaram para morar na região de Matão/Barão Geraldo, próximo das divisas de Campinas com Sumaré e Paulínia.

Seu pai foi contratado como agricultor/meeiro na Fazenda Santa Genebra, à época imensa e grande produtora de algodão. Por um tempo, ele o acompanhou trabalhando num espaço de terras destinado a eles para atividades agrícolas.

Com a moradia e o trabalho próximos de Barão Geraldo, nos momentos de religiosidade e encontros sociais, frequentava a Comunidade de Santa Isabel, no centro do distrito. Nos momentos de lazer, gostava de passear pelas outras áreas da fazenda para apreciar e aproveitar as boas coisas que a natureza oferecia.

Também era costume caminhar pela área do campus da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ainda com pouquíssimos prédios. Inclusive, passeava pela quadra da Faculdade de Educação (FE), bem antes da edificação do prédio Professor Paulo Freire e das outras unidades da universidade. Contava-me alguns detalhes, por exemplo, de como o terreno era acidentado nas imediações, da flora, da fauna, do córrego que margeava a quadra da FE.

¹⁸ Título Original: Romão, paciência e companheirismo: um pouquinho da sua história de vida. Autoria: Pitágoras Henrique de Souza, Servidor Técnico-Administrativo da FE/Unicamp.

Deixou as atividades na fazenda no início dos anos 80 e foi trabalhar em empresas privadas. Mudou-se da região do Matão para o Jardim Florence — região do distrito de Campo Grande, em Campinas.

Lá, como todo bairro em formação, ele precisava de muitas melhorias na infraestrutura. E Romão, em um momento de transformação em sua vida — casando-se e constituindo a família —, junto com os vizinhos e a com a comunidade local, engajou-se nos movimentos sociais da região, que buscavam a implementação das melhorias necessárias para atender à comunidade.

Em maio de 1986, foi admitido na Unicamp como agente de operação de campus, hoje agente de segurança no Serviço de Vigilância do campus, onde prestava serviços nos prédios da FE. Com a reestruturação desses serviços, em 1990, foi transferido definitivamente para a FE e foi trabalhar na Recepção do prédio principal, hoje Prof. Paulo Freire, no período tarde-noite.

Dizia que não imaginava que fosse trabalhar em um lugar tido como um ponto de lazer, de caminhadas, em que ele passaria boa parte de sua vida. Sempre atento a suas responsabilidades cotidianas, figuram entre suas características a paciência, a cordialidade, o coleguismo e a generosidade. Sempre esteve disposto a ajudar quem precisasse.

Com esse jeito, naturalmente, conquistou muitas pessoas na comunidade da FE. Alguns estudantes já relataram que, além de estudar, quando estavam na FE gostavam de vir para uma prosa com o Romão.

A convivência no meio estudantil, a necessidade, o interesse e as oportunidades da época, incentivaram-no a iniciar os estudos no antigo Segundo Grau. Em 1994, matriculou-se no Núcleo Avançado do Centro Estadual de Educação Supletiva (Naces)/Unicamp. Esse centro foi uma reivindicação dos funcionários da Unicamp, que desejavam ter sua formação melhorada. Hoje, o Centro Estadual de

Educação de Jovens e Adultos (Ceeja) Paulo Decourt, referência na Educação de Jovens e Adultos, pertence à Secretaria da Educação de São Paulo.

Concluiu o Segundo Grau em 1995. Com o diploma em mãos, recebendo o apoio dos estudantes de Graduação, que ainda tinham suas aulas no prédio Prof. Paulo Freire, curvou-se ao interesse pela leitura e pelo desejo de prosseguir os estudos em nível superior.

Com essa interação vivida na FE, com um apoio institucional do SAS, hoje Grupo Gestor de Benefícios Sociais (GGBS), inscreveu-se no vestibular da Unicamp. Não foi aprovado, mas foi um período em que o desejo de melhorar sua formação continuava, não só para si, mas também para os colegas da FE, os filhos e seus colegas pré-adolescentes, outros vizinhos e moradores do bairro.

Com isso, ele e a esposa Inês (que também tive o prazer de conhecer, pessoa muito bacana), em meados de 90, resolveram montar em casa, uma biblioteca, com a intenção de reunir os jovens e demais moradores da região. Nesse local, a então chamada de Biblioteca Espaço Cultural, chegou a ter um acervo com 4000 livros e 300 pessoas cadastradas. Muito frequentada, também era utilizada para outros eventos. Inclusive, sediou um projeto do Centro de Educação e Assessoria Popular (Cedap), vinculado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e do Projeto Mulher/Mulheres da Periferia em 2001.

Com o desejo de continuar os estudos, surgiu a ideia junto com os frequentadores mais assíduos da Biblioteca Espaço Cultural, de criar um grupo para se preparar para os vestibulares da época. Como tinha um relacionamento muito bom com estudantes da FE, Romão conseguiu levar alguns do curso de Pedagogia para dar aulas de algumas matérias, aos domingos, no Jardim Florence para os interessados. Era uma época difícil para a locomoção dos professores, devido às condições do transporte urbano. Mas a forma como se organizavam superou essas dificuldades.

“Romão” ainda participava do conselho das escolas do bairro, inclusive intermediou a doação de mobiliários disponibilizados pela FE para duas delas: Elvira Pardo Meo Muraro e Newton Oppermann.

Em 2005, formou-se em Administração e, em 2007, com atividades que exercia, teve seu título reconhecido pela universidade tendo a progressão na carreira como profissional de Administração.

Em 2011, concluiu o curso de Especialização no Programa de Desenvolvimento Gerencial da Unicamp.

Além da Recepção, trabalhou na Gráfica/FE, que funcionou até meados dos anos 90. Em seguida, foi trabalhar no Almojarifado e na Zeladoria, que mais tarde se unificou à Administração Predial.

No dia a dia da FE, trabalhar com o Romão foi muito bom! Começamos a trabalhar juntos em 2001.

Nos intervalos, sempre nos contava alguma história, cativando as pessoas a seu redor.

Aprendi muito com ele, pessoa muito ponderada. Por termos uma afinidade, conduzimos muito bem as atividades das Seções da Administração Predial e Zeladoria.

Nesse período, nosso emparceiramento ultrapassou os limites do campus. Eu gostava de fazer caminhadas, de ação comunitária (acompanhei-o em algumas), dos vizinhos e, muito, sempre, da família.

Nos últimos anos, trabalhando no período tarde-noite, reservava as manhãs para as atividades físicas, cuidar da família e receber uma visita. Sempre deixava uma garrafa de café no jeito, pois um vizinho ou familiar passaria lá para uma prosa.

A atenção com a família era constante: com a mãe, a esposa, os filhos (sempre apoiando na formação educacional) e os netos. Lembro-me de sua alegria nos

preparativos e no dia do casamento da filha Mariane em 2012, do carinho que tinha com a mãe a Sra. Terezinha e com a esposa Inês, que perdera em pouco tempo (2016 e 2017). Esse período difícil em sua vida, foi amenizado, em parte, com a chegada dos netos Gabriel e Luiza. Ainda se fortalecendo, Romão, em fins de 2018 e início de 2019, esboçava uma nova fase da vida. Planejava aposentar-se agora, em fins de 2022, e voltar para Itapira, onde preparava uma pequena propriedade no campo para morar e lidar com a terra — coisa que ele também gostava muito. Também estava empenhado, auxiliando nos preparativos para o casamento do filho Matheus. Não deu tempo, pois nos deixou cerca de um mês antes da data.

Nossa última conversa foi na tarde do dia 11 de abril de 2019, quando eu contava para ele e Zilma, como foi minha recuperação, após ter recebido a visita do mosquito da dengue. Foi a despedida de nosso amigo e companheiro de trabalho. No dia 14 de outubro de 2022, nossa copinha — que, além de espaço de alimentação e descanso, é o principal local das reuniões de organização do pessoal técnico-administrativo, em gratidão e reconhecimento por sua dedicação à FE — recebeu, em sua homenagem, o nome de Espaço de Convivência Luiz Aparecido Romão da Silva, que sempre nos visita por meio de boas lembranças.

5.9.

MARIA ALICE CHERUBIM¹⁹

– Conhece sua xará, Maria Alice? Pergunta o motorista da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

– Penso que não. Responde a jornalista Maria Alice da Cruz, a caminho de mais uma pauta.

– Uma funcionária que se parece contigo e trabalha na Faculdade de Educação (FE). Insiste o motorista, estendendo-se nas descrições.

– Ah, sim. Aquela com um sorriso motivador? Ela é mais bonita! (Risos). Conheço pela simpatia e competência ao me orientar em uma ou outra pesquisa na Biblioteca da Faculdade de Educação, mas nunca tive oportunidade de conversar com ela.

Nesse diálogo, ocorrido no início dos anos 2000, o motorista falava sobre Maria Alice Cherubim, técnica de biblioteca aposentada pela FE/Unicamp em 2018. Na universidade, os encontros entre a jornalista e a pedagoga e técnica de biblioteca se restringiam à cordialidade entre mulheres que se identificavam, mas não tinham oportunidade de parar para uma longa conversa. Foi assim durante quase 30 anos de trabalho na Unicamp, desde que Maria Alice Cherubim ingressou no Serviço Social do Hospital de Clínicas, em 1985, até se aposentar pela FE.

Foram tantos e sinceros cumprimentos que até o tempo resolveu agir: “hora de uni-las”. E, como o encontro era urgente, o calendário se apressou; e elas se encontraram para uma importante missão: contar a história da família Alexandre

¹⁹ Título original: Educação pelo afeto: a trajetória de Maria Alice Cherubim. Autoria: Maria Alice da Cruz, escritora e jornalista aposentada pela Unicamp.

Cherubim por meio da voz centenária de sua mãe, Vitalina Alexandre Cherubim. Como apreciadora de bons livros, excelente filha, Alice Cherubim convidou sua xará Maria Alice da Cruz para homenagear sua mãe, a Vitu, escrevendo o livro *Vitalina Cherubim: neta de escravos em conversas com café quente* (2019). Maria Alice, a Cherubim, passou a ser a madrinha literária da Maria Alice, a Cruz, por torná-la autora solo de um livro.

Na primeira reunião sobre o livro, ao tomar conhecimento da sinopse falada (documente) sobre a família Alexandre Cherubim, os olhos da jornalista e escritora já marejaram pela oportunidade de contar a história rica de Vitalina, que começa na África, com seus avós escravizados, vem para Amparo em um navio negreiro e tem continuidade em Campinas. E é neste local que o presente texto se situa.

Se os avós de Maria Alice Cherubim tiveram um casamento arranjado pela sinhá para amamentar os netos de uma família escravocrata (Cruz, 2019), lá em Amparo, interior de São Paulo, Maria Alice teve a felicidade de nascer em 1º de maio de 1960 do amor encontrado por Vitalina em Campinas, ao conhecer Dario Cherubim. O casamento deles data de 1952, num momento especial para Vitalina, longe da guerra e das mudanças de fazenda em fazenda em busca de condições melhores e longe da apreensão de deixar Amparo aos 20 anos de idade, ao lado da irmã Alice Alexandre (outra Alice), para a tão desconhecida Campinas, a fim de trabalhar e enviar ajuda à família amparense. Mal sabia que a cidade seria para sempre seu código de endereçamento postal, em que construiria uma família: Vitalina, Dário e os filhos, Luiz e Maria Alice Cherubim.

Vitalina e Dario deram aos filhos uma infância e uma adolescência ricas, ainda que em alguns momentos lhes faltassem recursos financeiros.

A sabedoria, a inteligência, a alegria, a honestidade, a consciência estão entre valores que muitos não reconhecem como riqueza, mas são intransferíveis. A educação formal era a maior exigência dos pais de Maria Alice. “Aqui em casa, não

podia ficar sem estudar”, relata a aposentada. Apesar de dona Vitalina ter sido obrigada a abandonar a escola para ajudar em casa enquanto a mãe, Maria Luisa, auxiliava o pai na lavoura e de “seo” Dario não ter tido oportunidade de aprender a escrever, eles reconheciam a importância da educação formal e investiam todos os esforços para que Alice e seu irmão, Luiz, não aumentassem a estatística da evasão escolar.

A motivação do casal despertou em Maria Alice o desejo de frequentar uma sala de Graduação e, como a palavra de ordem no bairro Chácara da Barra era aprender, por que não ensinar? Afinal, ela mesma alfabetizou o pai, seu Dario. “Eu pretendia dar aula porque acho lindo poder ensinar. Ensinei meu pai quando era criança. Mas ele frequentou um tempo a escola à noite; e a mãe também ensinou. Conseguiu assinar o nome. Eu ficava pensando: ‘Como uma pessoa vivia sem saber ler, meu Deus!’”.

Esta experiência conduziu Maria Alice à Graduação em Pedagogia, em 1985, na cidade de Itu (São Paulo), mas a paixão pela área de Serviço Social em Saúde, precisamente no Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, falou mais alto. Ela até pretendia migrar para a área de Educação de filhos de funcionários da Universidade, mas a possibilidade de poder acolher pacientes e famílias foi priorizada em sua escolha. “Pensar eu pensei, mas o HC me ganhou. De certa forma, a gente ensinava/orientava lá também”. A participação em eventos e ações na área de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), organizadas pela assistente social Maria Aparecida Campos (Tida), por exemplo, e outros eventos da equipe da área também estão na lembrança de Maria Alice, que entrou na universidade pelas portas do HC, no dia 18 de novembro de 1985, por meio de concurso público. “A função que eu iria exercer na época era auxiliar educacional, junto ao Serviço Social. Estava muito feliz, porque queria muito fazer parte dessa universidade. A equipe era e ainda é maravilhosa. Lembro-me de todos com carinho”.

Maria Alice viajava diretamente do HC para Itu em busca do título de pedagoga, uma realidade vivida por grande parte dos servidores da universidade, que optaram pela continuidade da formação. “Foi um ano de muitas conquistas. Era muita emoção e correria, mas valeram todos os desafios”.

Quando terminou a Graduação, Maria Alice tinha outros planos para sua vida profissional, mas o convívio com as pessoas, no HC, foi tão intensa que resolveu ficar só na Unicamp. “E não me arrependi. Sempre gostei de público, já havia trabalhado em outras áreas de Saúde”.

Quando indagada sobre a importância de sua atuação com o ser humano vulnerável, responde:

É muito difícil colocar no papel o sentimento que é compartilhar todos os dias essa mágica que é levar esperança para quem está precisando de uma palavra de conforto, e qual era a surpresa quando, muitas vezes, quem estava no leito aguardando uma cirurgia ou se recuperando é que tornava o nosso dia muito mais feliz do que se podia esperar. Às vezes, não conseguimos ter a noção necessária para entender o quanto podemos aprender dentro de uma área de Saúde, o quanto de humanidade existe.

Depois de 15 anos, em busca de oportunidade para desenvolver outras atividades, Maria Alice prestou concurso interno trabalhar como auxiliar de biblioteca. “Outra emoção. Fui trabalhar na Biblioteca da Faculdade de Educação, outro desafio foi aprender toda a rotina de uma biblioteca que é extensa e muito interessante”.

Mais uma vez, Alice se viu num ambiente dinâmico, onde não há lugar para a rotina, já que o público e suas necessidades são diversas. É memorável a educação e paciência com que recebia as pessoas, inclusive a jornalista que também era apaixonada pela biblioteca da FE. Para ela, foi um aprendizado constante e enriquecedor. “Universo rico de informações. E como é bom estar com o público. Sempre aproveitando para me aperfeiçoar todas as vezes em que as oportunidades

foram oferecidas. Desafios que nos tornam seres humanos melhores, porque aprender nunca é demais, e aprendemos todos os dias. É só estar atento”.

As palavras de Maria Alice só ratificam a educação baseada na afetividade, por meio das orientações de um casal trabalhador, como consta no livro redigido pela jornalista. Antes de atuar na Unicamp, trabalhou em empresas de iniciativa privada e, na adolescência, se algo lhe faltasse, não hesitava em se ocupar de algo que lhe permitisse realizar pequenos desejos. “Fui empregada de manhã e, à tarde, ia para a escola. Trabalhei como babá, faxineira, porque eu queria ter dinheiro para comprar as minhas coisas”, recorda com alegria.

A decisão pela aposentadoria também reflete a importância da educação afetiva, pois, ao ver Vitu acidentada, após o falecimento de seu Dario, Alice decidiu retribuir todo amor que fez dela uma grande mulher: a mulher que pediu mais uma filha a Deus. “Eu pedia: Deus, me dá mais um filho. E veio a Maria Alice”, comemora Vitalina Cherubim.

Na Unicamp, Maria Alice deixou saudades, mas ganhou amigos e amigas para a vida. Cleonice Pardim é testemunha das relações que extrapolam os alambrados da academia. “Maria Alice sempre está atenta, atuando com respeito, responsabilidade e dignidade em tudo o que faz”. A educadora Andrea Rosa diz que não há palavras suficientes para traduzir a amizade. “Ela é uma pessoa corajosa e ao mesmo tempo afável. Sempre admirei essa característica nela. Ela consegue ser honesta na amizade sem ser invasiva. E, por essa razão, sempre muito assertiva”. Ao saber desta homenagem, não hesita em mandar um recado: “Alice! Não existem palavras que possam traduzir a nossa amizade. Te admiro demais”.

O período de convivência no Serviço Social do HC também é lembrado de maneira carinhosa e alegre pela assistente social Aparecida Campos (Tida). Alegra-se Tida:

Eu a conheci no Serviço Social do HC Unicamp. Tivemos um tempo trabalhando juntas e foi um período muito bom. Conhecê-la foi um presente do destino. Menina alegre, resolutiva e criativa. Extremamente responsável e organizada no Serviço. O sorriso sempre no rosto, boa vontade e disposição para o trabalho; porém, quando brava, sai de baixo. Muito franca, não permitia coisas erradas, mas sempre maravilhosa. E nós, da equipe, a chamávamos de “só no sapatinho”, porque fazia tudo rapidinho. Toda vez que ouço a música, me lembro dela, sorrindo e bem-humorada. Maria Alice, como um anjo Cherubim, foi um lindo acontecimento na trajetória de minha vida.

O compromisso com o coletivo se resalta nas palavras do amigo João Raimundo de Souza, o Kiko, diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (STU):

Maria Alice sempre esteve à frente dos movimentos na Unicamp. Muito solidária, observadora e atenta. Foi diretora do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (STU) e deu grandes contribuições à luta dos trabalhadores da universidade. Mulher negra de luta, tinha a dimensão do seu papel enquanto liderança dos trabalhadores e seu papel numa instituição da envergadura da Unicamp.

Nesta oportunidade de registrar uma homenagem, agradecemos a Maria Alice Cherubim por sua dedicação irrestrita não somente à FE e à Unicamp, mas por ter transformado, despretensiosamente, tantas vidas. Maria Alice é prova de que o importante não é computar quantas portas somos capazes de romper, mas sim quantas pessoas conseguimos puxar para dentro. E este é o papel de uma universidade pública, mantida pela sociedade. “Só tenho gratidão por ter persistido e sempre ter aproveitado as oportunidades que surgiram, e também por todas as pessoas que fizeram parte desta caminhada até a minha aposentadoria em 2014, com muita honra”, remata a homenageada, a Cherubim.

MARIA CAROLINA BOVÉRIO GALZERANI²⁰

O Jogo das Letras

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente, deixaríamos de compreender a saudade. Mas é por isso que a entendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido. Tal como a palavra que ainda há pouco se achava em nossos lábios libertaria a língua para arroubos demostênicos; assim, o esquecido nos parece pesado por causa de toda a vida vivida que nos reserva. Talvez o que o faça tão carregado e prenhe não seja outra coisa que o vestígio de hábitos perdidos, nos quais já não nos poderíamos nos encontrar. Talvez seja a mistura com a poeira de nossas moradas demolidas, o segredo que o faz sobreviver. Seja como for, para cada pessoa, há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros do que todos os demais. Neles são formadas as aptidões que se tornam decisivas em sua existência. Porque, no que me diz respeito, elas foram a leitura e a escrita de todas as coisas com que me evolvi em meus primeiros anos de vida, nada desperta em mim mais saudades do que o jogo das letras. Continha em pequenas plaquinhas as letras do alfabeto gótico, no qual pareciam mais joviais e femininas que os caracteres gráficos. Acomodavam-se elegantes no atril inclinado, cada qual perfeita, e ficavam ligadas umas às outras segundo a regra de sua ordem, ou seja, a palavra da qual faziam parte como irmão. Admirava-me com tanta modéstia que podia coexistir com tanta magnificência. Era um estado de graça. E minha mão direita que, obedientemente, esforçava-se por obtê-lo, não conseguia. Tinha de permanecer do lado de fora tal como o porteiro que deve deixar passar os eleitos. Portanto, suas letras eram cheias de renúncia. A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma

²⁰ Título original: E o tempo de uma intelectual pública. Autoria: Maria Inês Petrucci-Rosa, Professora do Deprac/FE/Unicamp.

palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo (Benjamin, 2000, p. 104-105).

Escrever sobre uma grande intelectual pública como a Prof.^a Maria Carolina B. Galzerani é um processo permeado por desafios, sentimentos, rememoração e reconhecimento. Então, principio trazendo a mônada benjaminiana “O Jogo das Letras”, presente na obra de Walter Benjamin (1995) intitulada *A Infância em Berlim por Volta de 1900*. Tal mônada, de forma inconclusa e aberta, pode nos provocar lampejos de sentidos em torno das ideias de tempo, de passado e de saudades, colocando-nos num pântano de rememoração com suas ambivalências e suas ambiguidades.

Durante aproximadamente três décadas na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp), o trabalho intelectual de Carolina sempre se pautou em pensar possibilidades alternativas para a Educação traduzidas em relações sociais mais respeitadas e convívios mais solidários para todos. Nessa instituição, Carolina esteve, como professora e pesquisadora, no período entre 1986 e 2015, ano em que faleceu. Quando ingressou na carreira docente na Unicamp, a FE era ainda uma jovem unidade acadêmica com pouco mais de uma década de existência. Como docente, participou de dois departamentos nessa faculdade: o de Metodologia de Ensino, extinto, e, depois, o de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Entre 2010 e 2015, foi Diretora do Centro de Memória da Unicamp, cargo que ocupou em consonância com seus princípios, de forma inteira, com sua plena intelectualidade e seu posicionamento político. Por onde passou, deixou lições e aprendizagens para aqueles que a rodeavam. Sua figura delicada, com voz suave, fala doce e, ao mesmo tempo, firme são marcas de sua existência física entre nós, que ainda ressoam nos corredores de nossa faculdade.

Atuou tanto na graduação quanto na pós-graduação, assim como em atividades de extensão. Na graduação, era responsável até 2005 exclusivamente pela formação de educadoras na Pedagogia e de professores/as de História. A partir de 2005, a FE participou de uma profunda reforma dos cursos de Licenciatura, o que fez com que o corpo docente ampliasse seu espectro de atuação na formação docente, o que também atingiu o trabalho de Carolina. Na pós-graduação, sua atividade acadêmica era igualmente significativa, tanto no oferecimento das disciplinas Memória, História e Educação: referências teórico-metodológicas e Memória, Modernidade Capitalista e Educação quanto na formação de dezenas de mestres e doutores em Educação.

Ainda como intelectual pública, entre 2003 e 2004, desenvolveu um relevante projeto de educação patrimonial com a Guarda Municipal de Campinas, intitulado Marcos históricos e geográficos da cidade de Campinas-SP. Tal experiência educacional plena e intensa, nomeada de “peripécias educacionais” por Carolina, produziu efeitos absolutamente transformadores nas famílias dos membros da Guarda Municipal, intensificando suas relações de pertencimento com a cidade. (Paim *et al.*, 2012). Para Carolina, esse projeto possibilitou a construção histórica educacional da experiência com “olhos de madeira”, mencionando Ginzburg (2001)²¹. Em suas palavras,

²¹ Aqui ela ressignifica as ideias de Carlo Ginzburg (2001), no texto *Olhos de Madeira*, publicado pela Companhia das Letras.

colocar em ação tal lembrança permite-me entretecer temporalidades distintas (2003 e 2004, na interface com o momento atual) e olhares distintos (dos vários sujeitos participantes), sem perder de vista o envolvimento pessoal, afetivo, em relação ao tema, nem, tampouco, o necessário estranhamento. Diga-se, o afastamento racional, analítico, questionador, promovido pela colocação em ação deste “olhar de madeira”, capaz de possibilitar-me – sem perder a dimensão humana de carne e osso – o encontro com experiências de alteridade, situadas no tempo, no espaço e em dadas relações sociais (Galzerani, 2013, p. 95).

Carolina defendia — em suas aulas, suas palestras e outras produções — a possibilidade de que estudantes, em formação, reconhecessem-se como produtores de conhecimento na relação com suas histórias de vida. Para ela, produzir saber é dialogar com outros saberes, que podem ser traduzidos numa linguagem capaz de não produzir tagarelices (Benjamin, 2018). Pauta a produção de conhecimento enquanto saber sensível, que mergulha na vida e é traduzido nas relações. Nesse sentido, assume que a produção do conhecimento pode ser infinita, com conclusões abertas e com a assunção da incompletude.

Como legado, deixa-nos dezenas de produções escritas, como artigos, livros, capítulos de livros, entre outros trabalhos e, também, a memorável aula Memória e História em Walter Benjamin proferida no Programa de Pós-Graduação da Unicamp (Deprac, 2017)²². A presença de Carolina — intelectual pública — com sua singularidade e sua potência, é perpetuada com esse legado. Suas ideias são importantes na formação docente e em contextos educacionais mais amplos, à medida que, a partir de seu lugar social de historiadora-educadora, mobiliza princípios, conceitos e temas que ampliam as possibilidades de produção de conhecimentos solidários e de investimento num futuro social.

²² Aula disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RfmXD6gMkK8>.

NUNCA SERÁ ESQUECIDA

Na FE, Carolina é/era uma presença institucional marcante, necessária e atuante. Sem estar em cargos como coordenação de cursos ou chefia de departamento ou outras instâncias, era uma colega evidentemente dedicada à dinâmica institucional, nunca se omitindo em cenários acadêmico-políticos tensos e desafiadores. Sua colaboração extremamente necessária em contextos institucionais resultou contribuições fundamentais para o amadurecimento da FE como unidade de ensino, pesquisa e extensão da Unicamp. Durante muito tempo, foi membro representante da bancada docente na congregação dessa faculdade. Foi também membro das Comissões de Licenciatura e de Pedagogia, oferecendo contribuições inestimáveis em especial na reformulação curricular dos cursos de Graduação sob responsabilidade da FE, no período de 2001 até 2005.

Nesta rememoração, retomo a mônada *O Jogo das Letras* para ressignificar as palavras de Benjamin (2000, p, 104) na relação com nosso contexto: “O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender a saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido”.

Escrever sobre saudade de um tempo vivido e que não volta atrás, a menos que ressignificado pela rememoração, traz a necessidade de reafirmar que, ao nos referirmos à Carolina, não estamos mencionando alguém “esquecido”. Muito pelo contrário: sua presença fulgura em nós vívida e pulsante e se expressa ainda de diferentes formas, como no Colóquio *Imagens que lampejam*, organizado na FE e realizado em maio de 2021, sob a coordenação de Adriana C. Koyama e Guilherme V. T. Prado, colegas do Departamento de Ensino e Práticas Culturais (Deprac)²³. Se

²³ O Colóquio *Imagens que Lampejam: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades. Diálogos com a obra de autoria da professora doutora Maria Carolina Bovério Galzerani*, foi realizado sob a responsabilidade do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (Gepec) e do Deprac.

para lembrar é preciso esquecer, a imagem de Carolina lampeja entre nós, sempre situada entre os achados de nossa memória, ressignificados coletivamente entre aqueles e aquelas que com ela conviveram.

Ainda na mônada-epígrafe dessa escrita, encontramos:

A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante da minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo. (Benjamin, 2000, p.105)

A finitude da vida nos leva a nos despedir constantemente de pessoas e de momentos que nos transformaram profundamente; qualquer dia, seremos nós esses alguéns da despedida. Docentes e estudantes da FE que conviveram com Carolina nunca mais terão a concretude de sua presença de fato. Hoje sabemos da potência de sua presença, de suas ideias e de seu compromisso com a Educação, porém não poderemos mais repetir a experiência vivida em toda plenitude.

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta. Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas [...], e o lugar onde são encontradas é a linguagem (Benjamin, 2018, p. 766-767).

Na comemoração dos 50 anos da FE da Unicamp, lembranças e saudades também têm seus lugares nas mentes daqueles que passaram por aqui como docentes ou estudantes. No entanto, o que fica de mais relevante são os

As sessões do Colóquio estão gravadas e disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=QzUjt3E0P8M>.

aprendizados oportunizados, as potentes imagens de uma educadora que, em sua forma dialética de pensar e agir, produziu efeitos decisivos em todos/as aqueles/as que com ela conviveram. Ainda no tempo presente, gerações de educadores/as que passaram pela experiência de aprender com Carolina estão em escolas, em universidades e em outros lugares sociais, sempre fazendo a diferença na vida das pessoas.

Nesse sentido, Carolina encarnava a figura de intelectual pública que articulava constantemente, em suas ações, seu repertório teórico com sua presença obstinada nas práticas educativas revestidas de propósitos políticos com foco na justiça social. Suas ações eram movidas por criações específicas, pela busca do inaudito e pela emergência das singularidades nas relações sociais. Mesmo sabendo que nem sempre as práticas educativas são portadoras de singularidades, porque carregam contradições próprias da contemporaneidade, Carolina considerava tais momentos como oportunidades de criação nas quais resplandecem as sensibilidades do instante presente. São lampejos que inspiram a produção de outras experiências comprometidas com a capacidade irrestrita dos seres humanos (Galzerani, 2013).

Empresto de I. Goodson as mesmas palavras proferidas por ocasião de sua homenagem a Lawrence Stenhouse, educador britânico que revolucionou em seu tempo as relações entre a universidade e a escola básica. Apresento-as aqui referindo-me à Carolina, que também apresenta um atrativo multifacetado para o campo da Educação:

...o elemento central desse atrativo era que tanto em sua escrita quanto em sua ação *ela*²⁴ falava como uma *intelectual pública*, como alguém que esperava que suas ideias formassem uma base de influência e ação na esfera pública. Além disso, sua preocupação central era com a educação para o empoderamento e para a justiça social (Goodson, 2019, p. 227).

A memória de Carolina fulgura na história da FE e marca seus primeiros 50 anos de forma sensível, política e transformadora.

ENRAIZAMENTO E AMIZADE

Uma das lições aprendidas com Carolina é a indispensabilidade do enraizamento de nossas práticas culturais, também históricas. Nesse sentido, penso ser importante identificar meus laços com Carolina que, inicialmente, nos idos dos anos 2001-2002, configuraram-se no âmbito do coleguismo na FE, mas que, logo a seguir, passaram a ser vínculo de amizade. Durante os anos de nossa convivência, tive a oportunidade de inumeráveis aprendizados de diferentes naturezas com essa querida professora ao redor do compromisso político que selamos com a Educação. Com Carolina, aprendi o que é consistência teórico-metodológica, o que é coerência política, o que é compromisso com o futuro social, entre tantos outros aspectos que marcaram nossa amizade.

Esse enraizamento se adensa em minha história de professora e pesquisadora, como acredito que aconteça também na trajetória da FE. Francisco Ortega (2000, p. 117) defende que a amizade pode ser “um convite a experimentar, a romper, a inaugurar, a imaginar o que ainda não imaginado, a criar novas formas de vida e de comunidade”. Essa ideia, de alguma forma, traduz meu vínculo de

²⁴ Como anunciei, empresto as palavras de Goodson dirigidas a Lawrence Stenhouse, necessitando, no entanto, adaptar as palavras para o gênero feminino.

amizade com Carolina. Por isso, minha gratidão por ter desfrutado com ela tempos de convivência, é ininterruptamente preservada.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. *In*: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II – Rua de Mão Única*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. p. 104-105.

BENJAMIN, Walter. Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso. *In*: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. p. 759-808.

DEPRAC - Aula: Memória e História em Walter Benjamin. [S. l.: s. n.], 2017. Publicado pelo canal Materiais Educacionais produzidos na FE – UNICAMP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RfmXD6gMkK8>. Acesso em: 13 dez. 2022.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Práticas de Ensino em Projeto de Educação Patrimonial: a produção de saberes educacionais. *Pro-Posições*, Campinas, v. 24, n. 1 (70), jan./abr., p. 93-107, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/JFdfvfgGbWBCgKvM6gsJwrj/?lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2022.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOODSON, Ivor F. *Currículo, narrativa pessoal e futuro social*. Tradução de Henrique Carvalho Calado. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

ORTEGA, Francisco. *Para uma Política da Amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PAIM, Aida Rotava; PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima; GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Tessitura de Memórias e histórias educacionais: projeto marcos históricos e geográficos da cidade de Campinas/SP. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 7, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9494>. Acesso em: 12 dez. 2022.

5.11.

MARIA HELENA BAGNATO²⁵

Lembrar a colega Maria Helena Salgado Bagnato, nesta justa homenagem da Faculdade de Educação (FE), é lembrar uma colega cheia de vida, alegria, responsabilidade, entusiasmo e gentileza. Maria Helena tinha um espírito de cooperação e profissionalismo que se constituiu em sua marca por onde passou — Departamento, Comissões, Assembleias, Eventos, Órgãos Institucionais.

Conviver com a Maria Helena no cotidiano acadêmico, foi viver um companheirismo que nos enriquecia com sua forma firme e doce de trabalhar as questões educacionais nos inúmeros debates que se procederam durante os 32 anos em que atuou nesta unidade da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Maria Helena era formada em Enfermagem pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 1980. Fez, nessa mesma universidade, seu Mestrado em Educação terminado em 1987, e Doutorado em Educação na Faculdade de Educação-Unicamp, em 1994.

Depois disso, aplicou e recebeu uma bolsa da CAPES para um Pós-Doutorado na Universidade de Barcelona em 2004, também em Educação. Continuando seu percurso acadêmico e desenvolvimento de carreira docente, defendeu tese de Livre Docência em 2008, na Unicamp. Como pesquisadora trabalhou com as linhas de pesquisa sobre o campo do Currículo na área da Saúde e as Práticas Educativas na Saúde.

²⁵ Título Original: Nossa querida amiga e colega Maria Helena Bagnato. Autoria: Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira, professora Titular aposentada da FE e colaboradora do Deprac.

Ocupou lugares administrativos na estrutura da faculdade, como o de chefe do Departamento de Metodologia²⁶, o de representante do Departamento de Ensino e Práticas Culturais (DEPRAC) em inúmeras Comissões e o de coordenadora do Grupo Laboratório de Práticas de Educação e Saúde (Praesa), institucionalizado em 1996 como espaço coletivo de estudos, debates e pesquisas na área da Educação e Saúde.

Nos 22 anos da existência do Praesa, foram desenvolvidos cursos, oficinas, seminários, palestras para professores do Ensino Médio e Superior e, especialmente, para profissionais e professores da área da Saúde. Nele, Maria Helena organizou uma rede de pesquisadores de diversas universidades do Brasil e orientou 10 mestrandos, 15 doutorandos e 1 pós-doutorando, todos vinculados com trabalhos nas temáticas do Praesa.

Maria Helena tinha sempre um olhar cuidadoso e uma dedicação incontestável. Sua marca vai se manter nos espaços acadêmicos ocupados por ela e no Praesa, uma vez que, pela importância que assumiram a direção de estudos e pesquisas que deixou nesta unidade, não desaparecerão. Sua ausência tão cedo impediu a FE de se beneficiar da sua capacidade e liderança para a melhor qualidade da formação do profissional da Enfermagem e da Educação.

Sua falta é sentida também no convívio de nosso departamento (DEPRAC), onde sempre atuou com coleguismo, compartilhando lutas e esperanças, reflexões e direcionamentos. Foram dias tristes após sua partida e nos ficou a certeza de que o DEPRAC está mais pobre sem a sua presença.

Expressamos, por meio deste pequeno texto, no livro dos 50 anos da FE, sentimentos por sua ausência e lembranças da dinâmica de seu espírito e da qualidade de suas ações, de sua atenção às questões acadêmicas testemunhando o

²⁶ Nome de um dos departamentos da FE antes da reforma departamental.

gosto de ensinar e pesquisar, o qual assumia como um modo particular de estar no mundo universitário, traço notável de sua personalidade no ambiente da FE e nos demais ambientes acadêmicos em que participou.

À Maria Helena, companheira, colega e amiga, nossa eterna gratidão, a qual simbolizamos por meio desta homenagem.

5.12.

MAURÍCIO TRAGTENBERG²⁷

Uma faculdade de Educação é muito mais do que uma faculdade de Pedagogia. Sim, ela tem por centralidade a formação de pedagogas e pedagogos, mas também a função precípua de contribuir com a formação de professores dos mais diversos campos do conhecimento, razão primeira de sua criação em 1972. Além de suas funções de formação profissional, uma faculdade de Educação é, também, um centro de pesquisas na área, atuando na formação de novos pesquisadores — em nosso caso, por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação, criado em 1975. Enquanto espaço de pesquisas e de formação, uma faculdade de Educação não pode ser composta apenas por pedagogos e pedagogas, necessita do concurso de pesquisadores das mais diversas áreas, que contribuam para pensar o fenômeno educativo de forma múltipla e diversa.

Na história da Faculdade de Educação (FE), esta marca sempre esteve presente, fazendo dela um local de pensamento rico, criativo e desafiador. Profissionais dos mais diversos campos do conhecimento e de distintas concepções teóricas têm nutrido a riqueza daquilo que se produz aqui. Neste texto, destaco uma das contribuições mais originais, vinda de alguém com uma trajetória acadêmica *sui generis*, marcada pelo autodidatismo. O professor Maurício Tragtenberg, nascido em 1929, foi admitido na FE em 1 de dezembro de 1975 e aqui permaneceu até 17 de novembro de 1998, data de seu falecimento.

Tragtenberg foi um dos mais irreverentes intelectuais do meio acadêmico brasileiro. Apresentava-se como um “socialista libertário”, crítico do marxismo

²⁷ Título original: Maurício Tragtenberg, um autodidata na Faculdade de Educação. Autoria: Sílvio Gallo, professor titular do Defhe e coordenador de pós-graduação 2006-2010.

ortodoxo, mas também crítico de uma “ortodoxia anarquista”, assim como um autodidata, enfatizando a irregularidade de sua formação escolar. Para ingressar no Ensino Superior, submeteu à Universidade de São Paulo (USP) um ensaio, que depois seria publicado como livro, sendo habilitado para prestar o vestibular²⁸. Ingressou em Ciências Sociais e depois em História. Fez seu Doutorado também na USP, em Ciência Política. Publicou diversos livros, sendo o mais conhecido deles *Burocracia e ideologia*, uma profunda crítica às organizações burocráticas, em intenso diálogo com a sociologia de Max Weber. Atuou como docente em diferentes universidades, como a USP, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV). A crítica social radical e a irreverência em relação aos protocolos acadêmicos foram a marca de sua atuação como professor universitário.

Em 1990, Maurício Tragtenberg submeteu-se a concurso para ocupar o cargo de professor titular na FE/Unicamp, onde já atuava há tempos. Como exigência para o concurso, escreveu um Memorial, publicado em 1991 pela Revista *Pro-Posições*. Nesse texto, traça suas memórias, desde a infância vivida no interior do Rio Grande do Sul (RS), numa família judia oriunda da Ucrânia, até sua atuação como docente e pesquisador, formador de mestres e doutores na universidade. O traço marcante foi sua formação autodidata, com passagem de apenas três anos pela escola formal. Também o Doutorado ele relata ter feito de modo não convencional, visto que utilizou uma internação de 90 dias numa instituição médica para tratar um colapso nervoso em 1964, para ler muito e estruturar as linhas gerais daquilo que viria a ser *Burocracia e ideologia*, sua tese de Doutorado defendida na USP, na área de Política, depois publicada em livro.

Vejamos, em suas próprias palavras, como ele abre esse documento acadêmico:

²⁸ Trata-se de *Planificação: desafio do século XX* (Tragtenberg, 1967).

O fato de estar, no presente momento, prestando concurso para professor-titular da Faculdade de Educação da Unicamp, ante uma banca examinadora composta por professores titulares e titulados, é um desafio. Na medida em que o candidato a professor-titular não teve uma formação escolar “convencional”, concluiu seus estudos em nível de 1º grau no terceiro ano primário, retomou os estudos escolares através do ingresso na FFCHL da USP mediante apresentação de uma monografia à congregação da mesma.

Apesar de uma “formação” não-convencional e de uma trajetória pós-graduada não-convencional, também acredita o candidato ter conseguido acumular um mínimo de “capital cultural” para lidar com o ensino e pesquisa acadêmicos e manter uma atividade extra-acadêmica dirigida aos trabalhadores através de uma coluna sindical na imprensa diária paulista (Tragtenberg, 1991, p. 79).

Tragtenberg foi econômico em seu memorial; narrou uma trajetória rica, densa e múltipla em pouco mais de dez páginas datilografadas. Esse material, porém, seria sensivelmente ampliado com uma longa entrevista que ela havia concedido em 1983 ao Centro de Memória Sindical (CMS), mas que só seria editada e publicada postumamente, em 1999, na qual seu percurso acadêmico, intelectual e de vida é apresentado com detalhes. Não é o objetivo aqui comentar a trajetória deste intelectual brasileiro, apenas chamar a atenção para o inusual de seu percurso acadêmico, marcado pelo autodidatismo, que ele narra de modo apaixonado, seja no memorial, seja no livro póstumo, *Memórias de um autodidata no Brasil*. Como aprender, fora da escola, que esforços faz alguém para construir um saber, um pensamento, para construir a si mesmo, às margens de um sistema educativo institucionalizado? E como tudo isso contribui para formar pesquisadores e profissionais do campo da Educação, que atuarão, justamente, nos espaços educativos formalizados, principalmente a escola?

Outro traço importante de seu trabalho foi recolocar em circulação entre nós ideais e práticas anarquistas no campo educativo. Em 1978, foi lançado o primeiro número da Revista Educação & Sociedade, e nele Maurício Tragtenberg publicou o

artigo “Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária”²⁹, em que apresentava e analisava as principais ideias e práticas pedagógicas do educador catalão Francesc Ferrer i Guàrdia, fundador da Escuela Moderna de Barcelona em 1901, que seria fechada pelo Estado espanhol em 1906. Perseguido e encarcerado pelo governo espanhol mais de uma vez, Ferrer exilou-se; em 1909, retornou à Espanha e foi novamente preso, julgado sumariamente e fuzilado. Sua condenação e morte provocou protestos por todo o mundo e as ideias pedagógicas de Ferrer tornaram-se muito conhecidas, inspirando escolas por todo o planeta. Com o tempo, porém, foi varrido dos livros de História da Educação, como um autor que não interessava nem à direita, nem à esquerda, por suas explorações libertárias no ensino. Destaque-se a ousadia de Tragtenberg em apresentar ao público brasileiro as ideias e experiências pedagógicas de um educador anarquista, em pleno regime ditatorial vigente no país, sob uma educação de orientação tecnicista.

Mas as relações de Tragtenberg com a pedagogia libertária não ficaram restritas a esse artigo. Sua obra, marcada pelo exame crítico do fenômeno da burocracia, é toda ela um esforço de construção de um pensamento libertário, crítico e transformador. Sua prática docente, por outro lado, evidenciou a autoconstrução do conhecimento por cada um, articulada com o princípio libertário do autodidatismo.

Mas foi também importante o debate que Tragtenberg abriu sobre a Educação Superior, em uma perspectiva libertária. No mesmo ano em que publicou o artigo sobre Ferrer, participou no I Seminário de Educação Brasileira, organizado pelo Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes), do qual foi um dos fundadores. Na oportunidade, apresentou um texto, intitulado “A Delinquência Acadêmica”, no qual fazia a crítica da universidade na época, delineando sua crise

²⁹ Em 1986, no número 23 da mesma revista, Tragtenberg voltou ao tema do anarquismo, no artigo “Marx/Bakunin: ou Marxismo e Anarquismo”.

como sendo aquela da transição de um modelo de “universidade mandarinesca” para o de uma “universidade classista”.

Muito provavelmente não haveria, naquela época, outro professor universitário que, de dentro da academia, ousasse colocar essa questão nos termos que Maurício o fez. Apenas um libertário, que não fazia da academia um lugar para sua crítica vazia, mas um espaço de criação, de militância e de debate público seria capaz de fazê-lo. O que presenciamos hoje, mais de 40 anos depois, é exatamente a consolidação das tendências que Maurício Tragtenberg anteviu décadas atrás. Mas, com esse distanciamento de algumas décadas, podemos perceber que se instalou definitivamente a universidade que ele denominou como “classista”, decalcada sobre a universidade “mandarinesca”, que guarda muitas de suas características burocráticas e excludentes.

A crítica radical de Tragtenberg punha a nu a universidade brasileira, cúmplice da ditadura militar, criando os mecanismos de administração do social com base em uma “Lei de Segurança Nacional”, de um lado, enquanto de outro lado formava a mão de obra especializada para garantir a industrialização do país. Nada mais, nada menos, do que uma instituição a serviço da reprodução do Capital e do Capitalismo, estando isso entranhado no modo mesmo de funcionamento da instituição, por meio de seu modelo (excludente) de “seleção” de estudantes e das relações de saber-poder estabelecidas em seu interior.

O “atendimento à comunidade”, contraparte da universidade como serviço público, traduziu-se em um “assistencialismo universitário” incapaz de resolver o problema de fato da população brasileira: a questão da distribuição da terra (Tragtenberg, 2004, p. 15-16). Ou seja: a “universidade socialmente referenciada” que hoje defendemos nos debates acadêmicos corre o sério risco de não ser mais do que um assistencialismo vazio, se a instituição não for capaz de romper com os modelos do mandarinato e do classismo, para manter os termos por ele utilizados.

Ainda uma questão a destacar, que o olhar arguto de Tragtenberg não deixou de perceber naquele final da década de 1970: o papel desempenhado pelos professores universitários. Segundo ele, no modelo mandarinesco e humanista, o professor é uma espécie de “cão de guarda” que vigia o acesso ao conhecimento, permitindo-o para uns, enquanto impede o acesso de outros; no modelo tecnocrático e classista, ele se transforma em um “cão pastor”, que assessora a formação, estendendo essa assessoria para fora da própria universidade, com consultoria a empresas e a profissionais.

Evidentemente, muitos professores não se satisfaziam com essas funções definidas pelo sistema, atuando na direção de um “ensino crítico”; mas Tragtenberg não deixava pedra sobre pedra: mesmo os “professores críticos” faziam (fazem) o jogo do sistema, exercendo seu juízo professoral sobre os estudantes, numa verdadeira relação de dominação. Segundo ele, nada mais do que a farsa de uma “boa consciência” que servia para operar como um “tranquilizante” no meio acadêmico “crítico” (Tragtenberg, 2004, p. 13).

Coerentemente com a apresentação que fez das teses e da experiência de Ferrer, que tinha na abolição dos exames um de seus pontos centrais, Maurício as retoma para defender que estivessem presentes na ação pedagógica da universidade brasileira. A abolição dos exames, do sistema de “prêmios e castigos” seria o caminho viável para romper com o mandarinato, com o sistema meritocrático que permanece a tônica em nossas universidades. Para quebrar as estruturas arcaicas e excludentes da universidade brasileira, teríamos como um caminho possível a autogestão pedagógica, com uma participação direta e efetiva dos estudantes na gestão de seu conhecimento, mas também na gestão dos trâmites acadêmicos cotidianos, nada mais libertário.

Mais de 40 anos depois, essas palavras libertárias seguem ressoando e nos desafiando: e se a universidade fosse o lugar da autogestão pedagógica, se a

burocracia do exame não fosse a tônica dominante? Teríamos condições de superar o modelo do mandarinato e o de classe? Poderíamos, efetivamente, produzir uma instituição universitária fundada numa produção coletiva do conhecimento, voltada para os interesses e necessidades sociais? São questões que o gênio e a militância de Maurício Tragtenberg colocaram e que quatro décadas não foram suficientes para responder, consolidando os modelos por ele criticados. Por isso o desafio permanece, e a memória de Maurício Tragtenberg permanece viva, como desafio e chamado ao pensamento e à ação.

Encerro esta singela homenagem em tom memorialístico. Enquanto cursava minha Graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas, no início da década de 1980, participava de um grupo de militância anarquista. Em certo momento, queríamos convidar Maurício Tragtenberg para uma palestra e conversamos com um de nossos professores, que era também professor na FE/Unicamp, o saudoso Antonio Carlos Bergo, pedindo-lhe uma intermediação. Bergo nos disse que poderia fazê-lo com prazer, mas que ficássemos atentos, pois Maurício era tão anarquista que poderia aceitar o convite, mas nem aparecer no dia e horário combinados. Não me recordo se o convidamos ou não; penso que não. Eu viria a conhecer Maurício pessoalmente em 1987, quando ingressei no Mestrado em Educação na FE. No segundo semestre daquele ano, cursei a disciplina oferecida por ele. Sua erudição, sua inteligência luminosa e seu carisma faziam com que as aulas de horas passassem como se fossem poucos minutos. Avidamente líamos *Economía y sociedad*, de Max Weber, na tradução espanhola da Fondo de Cultura Económica, visto que não tínhamos tradução em português, e seguíamos atentos aos comentários argutos de Maurício. Em suas aulas, sempre com um cigarro aceso, no canto da boca ou nos dedos; quando um estava terminando, acendia outro e assim passava todo o tempo da aula. Ao final, ao lado de sua cadeira, ficava uma pilha de bitucas de cigarro. Sim, algo impensável

hoje, 35 anos depois..., mas aquelas aulas foram inesquecíveis, e as lições permanecem acesas, como a brasa do cigarro.

Sim, o autodidata crítico e impertinente em relação ao “mandarinato” acadêmico muito ensinou a pedagogos e pedagogas, a pesquisadores e pesquisadoras em Educação. Essa é uma certeza viva de que a abertura de perspectivas tem mais a contribuir do que o fechamento de uma formação técnica.

REFERÊNCIAS

SILVA, Antonio Ozaí da. *Maurício Tragtenberg – militância e pedagogia libertária*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

SILVA, Antonio Ozaí da; MARRACH, Sonia Alem. *Maurício Tragtenberg – uma vida para as ciências humanas*. São Paulo: Ed. Unesp: Fapesp, 2001.

TRAGTENBERG, Maurício. Memorial. *Pro-Posições*, n. 4, p. 79-87, abr. 1991.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644469>.

Acesso em: 15 jan. 2023.

TRAGTENBERG, Maurício. *Memórias de um autodidata no Brasil*. São Paulo: Escuta: Unesp: Fapesp, 1999.

TRAGTENBERG, Maurício. *Planificação: desafio do século XX*. São Paulo: Senzala, 1967

TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre educação, política e sindicalismo*. 3. ed. São Paulo: Ed. Unesp 2004.

5.13.

MILTON JOSÉ DE ALMEIDA³⁰

Campinas, outubro de 2022³¹

Querido Milton,

Hoje despertei com uma enorme vontade de falar com você. Falar como fazíamos em nossas andanças pelo Cambuí ou dentro do campus da Unicamp, em busca de um lugar agradável para tomar um café. O que gostaria de te contar é que estamos comemorando os 50 anos da Faculdade de Educação. Acho que, se você estivesse aqui, talvez fizesse um daqueles seus comentários ácidos... Mas como não está, sigo com minha narrativa.

Imagine que me coube homenagear você, personalidade reconhecida na história da Faculdade de Educação da Unicamp. Optei por fazer um bate-papo, por carta, recuperando o clima de nossos encontros diários. Eu teria muito a lhe dizer sobre sua presença entre nós depois dos 11 anos de ausência. Você nos acompanha nos passeios pela Serra da Mantiqueira com Evaldo e Godiva; nas praias de Ubatuba, com Silvio, Julia, Carminha e Rosa; no momento depois do cinema com Afranio; ou nos almoços com Wences e com muitos outros, colegas, amigos, orientandos, e por aí segue. Você está presente e participa das conversas pelas frases, pelo tom de voz, pelo riso, pelas agudezas guardadas na memória de cada um de nós.

³⁰ Título Original: A carta. Autoria: Agueda Bernardete Bittencourt.

³¹ Este texto contou com a colaboração de Wenceslao Machado de Oliveira, a quem agradeço pela leitura cuidadosa e pelas preciosas sugestões.

Para além dessas presenças no cotidiano, escolhi homenageá-lo mediante marcas pessoais e acadêmicas deixadas em mim e de menções a seu pensamento e a seu modelo de pesquisa, o que ecoa deles por aqui depois de uma década de sua partida. Busquei algumas das vozes que me chegaram recentemente, pouco antes de assumir essa tarefa.

Antes vamos lembrar do que você foi para mim no universo acadêmico. Cursei apenas uma disciplina sua em 1978 ou 1979. Lembro que lemos três livros, um deles foi do Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*, outro *A desobediência civil*, de Henry David Thoreau, e, do terceiro, não me lembro. Ocorre que, sem ser sua discípula convicta, eu sempre lhe seguia de perto. Foi dessa forma, seguindo seus passos pelos museus da vida e pelas livrarias, que me encontrei com autores e artistas que permanecem aqui a meu lado. A primeira referência foi Marguerite Duras e a obra *A dor*. Abracei essa autora de quem li todas as obras que encontrei, em português, espanhol, francês. Nós dois acompanhávamos os passos da escritora em suas biografias, vimos um de seus raros filmes, *Le camion*, no qual a autora brincou de atriz com Gérard Depardieu enquanto viajavam em um caminhão durante uma noite de neblina densa, lendo o roteiro do próprio filme. A admiração que nos tomou culminou com uma parada embaixo da janela dela na *rue: Jacob*, alguns dias antes da partida dela deste mundo. Nunca chegamos a vê-la.

Outro autor de igual paixão foi Pasolini. Você devorou não só a obra literária, mas a jornalística e a cinematográfica. Eu lhe segui de longe; dele, algumas obras passaram a fazer parte de minha bibliografia básica, esse é o caso do *Gennariello*, em *Cartas Luteranas*, e *Jovens Infelizes*, além de seus *Diários*.

Você também me apresentou Lillian Hellman, autora algo maldita, fumante inveterada e sem papas na língua. Lembro especialmente de *Uma mulher inacabada* e *Pentimento*. Esta última me remete a uma história que quero contar aqui. Aliás, foi você quem me explicou que pentimento envolvia uma obra pintada, repintada,

raspada, e a descoberta de traços de outras obras encobertas por camadas posteriores de tinta. No dicionário de Oxford, *pentimento* é vestígio de uma composição anterior ou de alterações em um quadro, tornadas visíveis (esp. em pinturas a óleo) com a passagem do tempo.

Ao me preparar para a escrita deste texto, tive que fazer escolhas. Tudo o que vivi a seu lado não cabe em um texto de 10 páginas, nem mesmo de 100. Aí me veio o lamento por não termos registro de muitas de nossas experiências, especialmente de seus primeiros 6 ou 8 quadros pintados no ateliê que dividimos no Jardim Proença. Eram peças quadradas de 1m, em madeira leve. Você desenhava um esboço e logo começava a pintar detalhes. Eram figuras humanas, grandes, sem qualquer outra imagem de fundo. Por vezes, uma única figura em fundo limpo; outras vezes, eram duas figuras. O sexo não era identificado, tampouco o gênero. Eram personagens calvos, brancos, grandes, mas pareciam anêmicos, doentios. Não sei por quê, eu os imaginava sem humanidade, sem “alma”. Me despertavam certo assombro. Você trabalhou alguns meses nessa série e sempre me perguntava o que eu achava das obras. Eu ficava sem palavras, tinha vergonha de dizer que eram terríveis e que eu jamais penduraria uma obra daquelas em qualquer parede de minha casa. Bom, você não fazia obra decorativa, é claro. Um dia chegamos para trabalhar, fui para minha sala, e você permaneceu na sua. Depois de umas duas horas, senti o delicioso cheiro do café que você preparava quando queria conversar, fumar um cigarro enquanto pensava o que elaborava. Quando passei por sua sala rumo à cozinha, vi com espanto que você havia coberto de tinta todas as obras. O registro daquelas figuras ficou só em minha memória e talvez de alguns amigos que apareceram no ateliê nesse período. As peças quadradas de madeira leve se encontram hoje nos acervos de seus amigos: uma está comigo, outra com a Ana Rita, uma terceira com a Julia e o Silvio, outra ainda com o Wenceslao. As demais não sei onde estão. Essas obras se transformaram em outras, por pintura a óleo ou por colagem e pintura. Aquelas figuras são como *pentimento* em minha memória.

Me reporto a essa história porque há dias venho pensando no quanto foi forte para mim acompanhar essa sua produção efêmera, nos anos de 1999 e 2000. Passaram-se mais de 20 anos e me lembro muito dessas obras e de você em relação a elas. Hoje, aquelas figuras se sobrepõem, em minha imaginação, a certas figuras que perambulam às portas dos quartéis, pelas estradas e praças públicas à espera não se sabe de quê, enquanto vomitam lamentos e agressões por todos os poros. Aquelas suas obras recobertas me reportam a esse mal-estar de pessoas sem rumo que perambulam destilando um amargo sentimento de existir.

Busco entender a que você tentava dar expressão por meio desse conjunto de obras e volto aos livros que nos uniram tanto, na expectativa de que eles possam oferecer pistas para entender sua arte. Afinal, os livros foram sempre seu universo mais profundo. Você dizia que a literatura é a arte mais completa a que você perseguia.

Penso, por exemplo, no livro, *LTI, la langue du IIIe. Reich*, que compramos juntos, ou no *Diários de Victor Klemperer*, depois editado pela Cia das Letras. Ao reler hoje essas obras, me deparo com a reedição dos mesmos sinais do nazismo, instalado na Alemanha, agora aqui no Brasil, no prédio onde habito, nas ruas de Campinas, nos discursos inflamados das redes sociais. Klemperer teve a agudeza de um filólogo atento que se põe a desvendar os sinais do estabelecimento do regime, na Alemanha dos anos 1933 a 1945. As linguagens foram seu foco tal qual eram para você, Milton, durante os 40 anos em que convivemos.

Eu lembro como você se irritava com o uso de siglas em abundância nos textos oficiais da universidade, mais ainda lhe perturbavam nos textos acadêmicos. Herdei de você essa repulsa. Relendo esses dois livros percebo como algo que parecia inofensivo para mim, apenas burocrático e estético, pode ser indicador de um ataque certo à arte de pensar e à sensibilidade. Não por acaso Hannah Arendt vai concluir seu relato *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*

afirmando que a ausência de pensamento, de liberdade de reflexão, e a hierarquia rígida, que obrigava a todos a seguirem uma única voz, estavam na origem do autoritarismo que dominou a Alemanha, o que, de certa forma, impediu a resistência de amplos setores da população.

O uso do superlativo, outro indicador forte do regime autoritário, superlativo diretamente associado ao culto ao herói, ao mito, ao salvador da pátria. O uso de grandes números, sem qualquer compromisso com a realidade ou com a veracidade deles. Diz Klemperer (1999, p. 282):

Já se fez observar, durante e depois da Segunda Guerra mundial, que a língua militar e guerreira passou para a língua civil. A característica da Segunda Guerra mundial reside no fato de que a língua do partido a *LTI – la langue du IIIe. Reich* propriamente dita invadiu a língua militar destruindo-a.

Para o autor, existiu na dominação nazista a maldição do superlativo. Hoje, Milton, sinto sua falta quando vejo nossa sociedade impregnada de desinformação, de discursos que lançam mão de cifras sem lógica e sem qualquer relação com a realidade e que, pela repetição, afirmam-se como verdade. Sinto-me incompetente para decifrá-los. Sinto sua ausência.

Você, Milton, como um filólogo, tinha as linguagens sempre em seu radar. Você esmiuçou obras nazistas como o filme de Leni Riefenstahl, *O triunfo da Vontade*, seduzido pela beleza das imagens, pela genialidade da cineasta capaz de colocar o espectador dentro da cena, levado pela trilha sonora e potência das imagens, pela grandiosidade da arquitetura e precisão dos gestos. Você percorria as cenas feitas em 1935 demonstrando a arte a serviço da dominação e do poder. Mostrava a relação entre a arquitetura e o discurso de Hitler que irrompia em meio à multidão em marcha unida e uniforme. Ao lembrar suas palestras, aulas e conversas sobre esse filme, tenho a impressão de que você antevia as cenas vividas aqui logo depois de sua partida em 2011. Imagens fortes me vêm à lembrança daqueles 2014 e 2016

quando da realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos no Brasil. Eventos de massa em que a fúria cultivada foi exposta e propagada por semanas seguidas rumo à destruição de nossa incipiente democracia, dos frágeis pilares de nossa civilização. Isso sem falar no espetáculo midiático grotesco ocorrido durante a sessão que determinou o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

O poder, assim como seu contraponto, o sofrimento, sempre foi sua pedra de toque, querido amigo, onde quer que se manifestassem, sempre sem abrir mão da poesia. É nessa linha de pensamento que me vem à memória o conto afegão “Terra e Cinzas”, de Atiq Rahimi (2002), cuja epígrafe diz do livro mais do que qualquer comentário — “De meu pai, de outros pais, a guerra roubou as lágrimas” —, assim como o conto “Uma boa boa cidadã”, de Abbas Kiarostami (2004), em que o autor acompanha uma menina que remexia o lixo na avenida Paulista. Esses livros, cuja história não lembro, sei apenas que me chegaram por suas mãos, têm sua digital, são provas de sua compaixão pelo outro que sofre.

Milton querido, suas sandálias se arrastaram em andanças pelas culturas de povos e tempos. E quem anda deixa marcas por onde passa.

Esta carta foi escrita por muitas mãos. Começa aqui a segunda parte, em que o espaço passa a ser compartilhado. Veja seus rastros, encontrados sobre os úmidos jardins de Bogotá depois da chuva, recolhidos por Martha Cecília Herrera:

* * * * *

Tras las huellas de Milton

Ya hace 11 años que no está más con nosotros, mi amigo, mi colega, mi hermano, mi querido Milton. Según Laura Restrepo (2022, p. 17), en su bello texto Canción de antiguos amantes, “Bufalino dice que la muerte es un biombo de humo entre los unos y los otros, y que basta con introducir en él las manos para tocar las que nos extienden desde el otro lado”. Y eso es en verdad lo que nos sucede como

seres humanos, nos mantenemos en contacto entre los vivos y los muertos. Por demás, aquellos seres que han marcado nuestra existencia, como Milton, siempre están presentes en nosotros estén vivos o muertos. Los muertos hacen parte de esa cadena que nos anuda como civilización, que garantiza el que las huellas que vamos dejando en nuestro planeta no perezcan en el olvido. Nuestra memoria está anudada a la memoria de “nuestros muertos”, de aquellos de quienes continuamos aprendiendo a medida que deambulamos por el sendero de la vida.

Y al hablar de memoria qué más podría haber para rememorar uno de los investigadores que se dedicó a trabajar sobre diversos asuntos en torno a esta categoría, a través de sus preocupaciones sobre el Cine, el Arte, lo Estético, la Educación, a partir de numerosos registros. La memoria fue una de las obsesiones más constantes de Milton José, por medio de sus reflexiones, de sus publicaciones, de sus intervenciones públicas, él iluminó y continúa iluminando el camino de muchos de quienes lo conocimos y nos sentimos sus aprendices, el camino de quienes hoy en día continuamos con nuestras búsquedas personales e investigativas y nos deparamos con sus palabras, con su presencia, con sus enseñanzas.

Eso me sucedió recientemente en dos sentidos: uno, existencialmente, cuando me vi enfrentada a una experiencia cercana a la muerte y en mi proceso, que felizmente culminó en que aún no era mi momento de abandonar esta tierra, me deparé con mis vivos y mis muertos en unos de esos instantes cuando sentimos que nos despedimos y en donde los muertos que hemos amado y han sido significativos aparecen para darnos fuerza y decirnos que, cualquiera que sea lo que haya de pasar con nosotros, ellos están ahí y hacen parte de la constelación de todo lo que somos, ellos están ahí y están dispuestos, como alude Laura Restrepo (2022), a extendernos sus manos para reconfortarnos.

El otro de los sentidos se relacionó con el trabajo de investigación de un posdoctorado que llevé a cabo en este mismo período, no por coincidencia sino por

sincronía, como diría Jung, un autor que Milton admiraba y seguía de cerca, en torno a las expresiones estético-artísticas sobre los muertos de la violencia política desaparecidos en el río, trabajo que acompañó mis días de recuperación física, psicológica y emocional, de mi regreso a la vida. Allí, en esta búsqueda investigativa, me deparé con las enseñanzas de Milton al querer enlazar el arte de la memoria con los esfuerzos de nuestros artistas por rescatar del olvido a las víctimas y a sus dolientes y resignificar los imaginarios en torno a la violencia desde la resiliencia, desde el arte, desde la educación visual de la memoria.

Fue a Milton a quien le escuché hablar por vez primera sobre el arte de la memoria y a quien acompañé en el transcurso del tiempo en algunas de las elaboraciones que hizo en torno a esta veta de trabajo y que, en esta ocasión, me sirvió como uno de los referentes en mi investigación, en especial lo referente a su publicación de 2005. No cabe duda de que una de sus mayores investigaciones fue *O Teatro da Memória de Giulio Camillo (2005)*, fruto de varios años dedicado a consultar diversos archivos en Venecia, Florencia y otras ciudades italianas tras las huellas que dejó esta importante obra de Camillo sobre el arte de la memoria y sus indicios renacentistas. Al no haber tenido Camillo la oportunidad de ver su teatro hecho realidad, más allá de una pequeña réplica en madera de existencia fugaz y haber dictado a uno de sus discípulos antes de su muerte las características de este teatro, que culminó en la publicación *L'idea del Teatro*, Milton se dio a la tarea de recrear los textos y las imágenes probables que lo habrían constituido, en unos casos a partir de lo mencionado por Camillo en su texto pero en la mayoría de los casos con base en los registros de los artistas del período admirados por el artista o que eran sus amigos cercanos, o también de escritores que en la actualidad han intentado descifrarlo, como es el caso de Frances Yates en su *Arte de la Memoria*. Con ello, Milton nos proporciona un viaje repleto de erudición a través de imágenes y textos inolvidables, que nos convidan a apropiarnos de las tentativas de los teatros de la memoria que caracterizaron el Renacimiento y de los cuales el teatro de

Camillo fue uno de sus precursores, teatros que buscaban proporcionarnos un saber universal en el que se combinaron el neoplatonismo, la cábala, el hermetismo y la magia. Lugares en los que al ingresar en ellos el espectador era interpelado por medio de textos e imágenes capaces de transformarlo como ser humano.

Así, a través de esta obra y de otros de sus escritos, Milton nos mostró su vocación por adentrarnos en una verdadera educación visual de la memoria capaz de familiarizarnos desde el punto de vista pedagógico con las grandes obras de nuestra cultura, tanto en el campo del arte como en el del cine, y de señalar nos la capacidad que tienen las imágenes de configurar nuestras vidas y nuestras subjetividades (Martha Cecilia Herrera, UPN, Bogotá, Colombia).

* * * * *

Um estudante que lhe acompanhou por anos a fio, querido Milton, guarda em seus arquivos algumas de suas aulas, aquelas Aulas Magnas, gravadas para o curso Gestores. São leituras de imagens que, em breve, estarão disponíveis na página oficial da Faculdade de Educação. Rafael o referencia com frequência quando conversamos sobre pesquisa, docência e orientação acadêmica. Por meio dele, pude lembrar suas observações sobre a cidade e a arquitetura em um pequeno vídeo sobre o bairro Cambuí, disponível no site Hop Musical. Seu ex-aluno é hoje um professor universitário em Diamantina, Minas Gerais. Ele mostra um pouco das marcas que a longa convivência com você imprimiu em sua forma de ver e registrar o mundo. Em seus escritos, ele menciona seu mestre, e eu trouxe aqui alguns fragmentos.

* * * * *

Acompanhei suas aulas na Pós-Graduação em Educação entre 1998 e 2008. Havia naquele laboratório de ensino uma incessante pesquisa em andamento, um *work in progress* dinâmico, instigante, vivo — quiçá caótico — e absolutamente

revolucionário. Havia revolta, muita revolta contra todas as formas de autoritarismo/totalitarismo. A única saída apontada pelo mestre era realizar um vertiginoso mergulho nas fontes da Arte. Essa formação cultural (de imagens e sons) tinha, para ele, portanto, um sentido estético muito profundo — quase sagrado — e um engajamento político completo, radical (mas não ideológico). Como ele dizia, ressoando Pasolini: “Toda escolha estética é uma escolha política”.

Suas obras — *Cinema: Arte da Memória* (1999) e *O Teatro da Memória de Giulio Camillo* (2005) — foram concebidas e gestadas durante as aulas sob os olhares atentos dos alunos-pesquisadores. Sua aula era como um concerto. Ninguém interrompe a execução de uma obra musical. Era preciso exercitar a presença — e a escuta — até a cadência final. Todo grande intérprete mergulha fundo em si mesmo e espera que o público faça o mesmo, um momento de comunhão com o sublime — e o grotesco — de cada um de nós.

“Milton inaugurou espaços desacostumados de imaginação e sensibilidade de um “mundo inconcluso”. Ele nos ensinou a olhar para as “imagens fantásticas” (pictóricas, fílmicas, sonoras, cênicas), a conversar com elas, a ouvir os seus segredos, os segredos dos mestres que as produziram. Possivelmente inspirado no adágio de Federico Fellini — *Nulla si sa, tutto si immagina* (Não sabemos nada, tudo é imaginado) —, Milton José de Almeida nos ensinou que “imaginar antes de perceber” deveria ser o mote de qualquer investigação acadêmica (José Rafael Madureira, Universidade Estadual de Minas Gerais, UEMG, Diamantina).

* * * * *

É para outro estudante de ontem, professor de hoje, que passo a palavra nesta carta para falar de sua parceria de estudo e de vida. Alan fez parte do Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho), criado por você ainda nos primeiros anos da década de 1990, e estava no grupo de estudantes que viu você “despedir-se” em plena quarta-feira, ao término da reunião do departamento, para não mais voltar.

Milton foi um poeta do olhar — “Para mudar o que vê, mude o que sente” — e um arquivista de todas as coisas. Colecionava livros raros, imagens preciosas e cacarecos que catava pelo chão. Não colecionava citações, não demonstrava interesse em saber dizer do pensamento alheio. Os livros, os quadros e os trapos que trazia eram pedaços dos outros que ele usava para compor as bordas de si. Andava pelas bordas, de si e dos outros, passeava agente com imagens e sons zanzando na cabeça, sempre junto e sempre só, às vezes político, às vezes profeta, ou um esteta dos encontros e teatros da memória.

Sobre as artes trazia consigo a necessidade do alimento, um alimento literal, mais intenso do que a própria metáfora. “O artista tem com o preparo do almoço o mesmo compromisso que teria esculpindo a obra-prima”. Também foi um homem técnico, o poeta, aliás, tinha na técnica uma das formas de fazer poética. O saber técnico cotidiano como corpo de todas as representações, dos saberes arcanos e arquetípicos, dos impasses duros e das teofanias mergulhados no sabor de um gole de café. As artes mais sacras não faziam qualquer eco fora de um corpo.

Nos *Cinema(s)* (1999) e *Teatro(s)* (2005) da Memória, ele operava intermináveis analogias de si e dos outros, as possibilidades de pesquisa e de ensino se faziam tão numerosas quanto os degraus que o pesquisador estivesse disposto a cavar e a suspender dentro de si. Frequentar um Laboratório de Estudos era como subir e descer os degraus de um teatro de arena e atuar nas arquibancadas, ao invés de encenar no palco. Por inúmeros caminhos, cada passo no universo da cultura era potência de encontro com um escaninho, um arquivo, uma erudição organizada, miríades de artigos, dissertações e teses cuja ordem não era fixa. Assim, o espectador estudante percorreria livremente entre o material de pesquisa numa rede inesgotável de relações, alusões e significações orientadas, mas não adestradas por

este artista professor (Alan Victor Pimenta, Universidade Federal de São Carlos, UFSCar)

* * * * *

Querido Milton, antes de encerrar esta carta, que já está um pouco longa, preciso lhe dizer que tenho esperança de localizar os dois livros que você havia escrito em seus últimos tempos. São seus estudos sobre a arte persa, e me encantaria vê-los publicados.

Como você percebe, seus trabalhos têm sido e continuarão a ser visitados por aqui. É só tirar o pó dos arquivos. E vão aparecer ainda mais histórias.

Saudades, muitas saudades, amigo,

Agueda.

* * * * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. *Cinema: arte da memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.

ALMEIDA, Milton José de. *Teatro da Memória de Giullio Camillo*. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

KEMPLERER, Victor. *LTI, la langue du IIIe. Reich*. Paris: Albin Michel, 1999.

KIAROSTAMI, Abbas. *Uma boa boa cidadã*. São Paulo: Cosac Naify, 2004

RAHIMI, Atiq. *Terra e cinzas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

RESTREPO, Laura. *Canción de antiguos amantes*. Madri: Alfaguara, 2022.

5.14.

ORLY ZUCATTO MANTOVANI DE ASSIS³²

Eu fico com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita e é bonita.
(O que é [...], 2022)

Escrever sobre a Prof.^a Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis é, sem dúvida, uma tarefa desafiadora e instigante. Mulher de presença marcante, fala serena e acolhedora, reúne conhecimento inegável da Psicologia da Educação e da teoria piagetiana. Seu extenso e fecundo trabalho tem proporcionado expressivas contribuições para a Educação, para a formação de professores e pesquisadores. É também notória a qualidade das relações que estabelece com seus alunos e pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com ela ao longo de toda sua trajetória, assim como os efeitos em suas vidas. Para seus amigos, alunos, orientandos e colaboradores, Orly é aquela que inspira, que amplia o universo, os caminhos, as possibilidades...

Além de generosa, acolhedora e amiga, é referência, uma autoridade que se expressa de forma íntegra e afetiva. Sem dúvida alguma, no ano em que completa 65 anos de atuação docente, sendo 50 deles na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp), uma homenagem a essa figura tão ilustre é algo que, além de necessário, faz-se justo, na medida em que mergulhamos em sua história de vida pessoal e profissional.

³² Título original: Uma vida dedicada à educação. Autoria: Telma Vinha, pedagoga, professora do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp. Daniela Borges, Psicóloga, doutoranda da Faculdade de Educação da Unicamp.

A MENINA DO INTERIOR QUE QUERIA SER PROFESSORA

Orly, a caçula de uma família de cinco irmãos, nasceu em 1939, na pequena Lindóia, São Paulo (SP), filha de Orestes Mantovani e Leonilda Zucatto Mantovani. A família se mudou para Amparo, SP, quando ela tinha 4 anos de idade, e foi na Escola Normal³³ dessa cidade, na década de 50, que Orly concluiu o curso de Magistério, tendo sido contemplada com a “Cadeira Prêmio”, pelo fato de ter se destacado como aluna com as notas mais altas da classe.

Aos 11 anos de idade, Orly conheceu seu futuro esposo, Múcio Camargo de Assis. Eles se casaram bem jovens, em 1959, e construíram uma duradoura relação de comunhão. Tiveram 3 filhos — Múcio, Marcelo e Marcos — e 5 netos — Mariana, Bernardo, Clara, Thomaz e Gustavo. Além de companheiro amoroso, Múcio, também professor e pesquisador, foi o grande incentivador de seu crescimento profissional e parceiro profissional ao longo de toda a vida, jornada que trilharam juntos por 55 anos, enriquecendo a educação de nosso país.

Foi na Fazenda Inगतuba, no município de Pedreira, SP, que Orly iniciou sua trajetória como professora primária, a qual corresponde atualmente às primeiras séries do Ensino Fundamental. Para lecionar, ela tinha que ir até a cidade vizinha e percorrer cerca de oito quilômetros até a sede. Em reportagem feita pelo jornal *Diário do Povo* (Campinas, 25 de março de 1990), Orly conta sobre o início de sua carreira docente:

³³ A Escola Normal foi a instituição responsável por formar professores desde a segunda metade do século XIX e durante o século XX.

Eu acordava às 5 da manhã em Amparo, onde morava e pegava um ônibus até Pedreira/SP, meio caminho andado, em Pedreira, precisei contratar os serviços de um charreteiro para me levar até a fazenda e esse percurso era só poeira e chuva. Geralmente era eu mesma que dirigia a charrete, porque o rapaz que me acompanhava era muito novo, um menino. Certo dia, estava atrasada e comecei a correr. Num dado ponto da estrada o cavalo tropeçou e caiu, faltando pouco para a charrete capotar [risos] (Nabuco, 1990, p. 4).

Essa é apenas uma das muitas aventuras como professora, vivências essas fundamentais para suas pesquisas e todo o trabalho como formadora, que desenvolveria no futuro. Alguns anos depois, Orly passou a lecionar como professora alfabetizadora na mesma instituição em que se formou no Magistério, onde Múcio também atuava como diretor. Essa instituição passou a se chamar Colégio Coriolano Burgos, em 1955.

O INÍCIO DE UM NOVO PERCURSO

O professor Múcio se formou pedagogo, em 1957, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas e ingressou como docente no Departamento de Administração e Supervisão Educacional da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1971, ano em que a família se mudou para Campinas. Ele concluiu o Mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), em 1977, e o Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade, cinco anos depois, na PUC de São Paulo.

Incentivada por seu companheiro, Orly, já mãe de três crianças, realizou a Graduação em Pedagogia na PUC de Campinas, formando-se em 1971. No ano seguinte, ela passou a integrar o quadro de docentes da FE na Unicamp e, ao mesmo tempo, iniciou os estudos de Pós-Graduação em Educação. No exame de qualificação do Mestrado, a banca indicou que transformasse sua dissertação em uma tese de Doutorado, defendida na Unicamp, em 1976.

Apesar das inúmeras demandas decorrentes dos estudos de Pós-Graduação e de seu trabalho como professora universitária, a família sempre ocupou lugar central na vida dela. Orly manifesta, no cotidiano, compreensão das enormes dificuldades enfrentadas pelas mulheres, particularmente aquelas que acumulam a maternidade e o trabalho fora de casa, acolhendo, colaborando e apoiando as inúmeras professoras, alunas e orientandas que tiveram a oportunidade de conviver com ela.

As experiências como professora “primária”, por mais de 12 anos, tiveram grande influência não apenas em suas investigações, mas também em todo seu percurso como docente universitária, pesquisadora e formadora. Orly era uma dedicada professora dos primeiros anos e preocupada com que seus alunos aprendessem os conteúdos da série que cursavam. Ficava incomodada quando, no ano seguinte, a nova professora de seus estudantes perguntava se ela tinha trabalhado determinados conteúdos, porque eles demonstravam não os conhecer, especialmente a Matemática. Isso soava quase como uma afronta, porque ela sabia que tinha ensinado tais matérias e que os alunos haviam passado nas avaliações! Essa inquietação a acompanhou, e a busca por explicações para compreender por que os estudantes “esqueciam o aprendido” a levou a aprofundar seus estudos sobre o desenvolvimento humano e a construção do conhecimento, reencontrando Jean Piaget, autor que conhecera durante seu curso de Graduação, cuja teoria passou a subsidiar todo seu percurso como pesquisadora e educadora.

Esse reencontro também se deu pelas mãos de sua orientadora e amiga, a Dra. Zélia Ramozzi Chiarottino, professora titular do Instituto de Psicologia da USP, responsável pela introdução dos estudos em Epistemologia Genética de Jean Piaget no Brasil. Sob sua orientação e movida pelos mesmos ideais e inquietações da professora alfabetizadora, estudou intensivamente as relações entre desenvolvimento e aprendizagem. Em suas palavras,

Piaget explica que a aprendizagem depende do desenvolvimento, ou seja, para que a aprendizagem aconteça é preciso que o indivíduo possua as estruturas de pensamento correspondentes para assimilar o conteúdo a ser aprendido. Se tais estruturas não existirem previamente a aprendizagem com compreensão não é possível e, por conseguinte, para que o aluno dê as “respostas certas” exigidas pelo professor ele terá que memorizá-las (Montoya; Ferreira, 2012, p. 174).

Diante dessa compreensão, Orly desenvolve um amplo estudo, em que avaliou as estruturas lógicas elementares de estudantes de 7 a 9 anos, encontrando um atraso de aproximadamente 2 anos no que se refere à conquista do pensamento operatório. É nesse estágio de desenvolvimento que a criança apresenta estruturas que possibilitam a aprendizagem da Matemática ou de qualquer conteúdo que implique o raciocínio lógico.

Em sua pesquisa de Doutorado (Assis, 1976), ela investiga, por conseguinte, se seria possível evitar atrasos nesse desenvolvimento. Para tanto, constrói o Processo de Solicitação do Meio (PSM), direcionado às crianças de 5 e 6 anos de idade, e verifica a influência no desenvolvimento intelectual de crianças que estudavam nas classes nas quais o PSM foi empregado (Grupo Experimental). Elas apresentaram nítido progresso na capacidade de raciocinar, atingindo um estágio de desenvolvimento intelectual mais adiantado, quando comparadas com as que estavam em salas de aula que não trabalhavam com o PSM (Grupo-Controle). Outro resultado importante é que crianças pertencentes a diferentes níveis socioeconômicos apresentaram progresso semelhante.

O PSM consistia em oferecer aos alunos oportunidades de interagir com situações-problema que geram conflitos e contradições, suscitando o equilíbrio responsável pela construção das estruturas da inteligência. Diante da comprovação da eficácia e da ampla repercussão da pesquisa, houve inúmeros convites para que ele fosse implantado em instituições diversas. Em 1980, o PSM tornou-se um

programa, o Programa de Educação Infantil e de Ensino Fundamental (Proepre), inicialmente voltado à Educação Infantil e, em poucos anos, passando também a abranger o Ensino Fundamental: “Essa é a tarefa do PROEPRE: formar pessoas intelectual e moralmente autônomas, que tenham espírito crítico para refletir, questionar tudo o que lhes é proposto e que sejam capazes de contribuir para transformações culturais e tecnológicas” (LPG, 2022).

O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E DE ENSINO FUNDAMENTAL (PROEPRE)

Para que o programa fosse implantado em maior escala, foi necessário organizar um curso de formação que capacitasse os professores para desenvolver uma prática pedagógica baseada nos princípios do Proepre (240 horas). Esse programa foi implantado inicialmente em classes de Educação Infantil da periferia urbana de Campinas, no período de 1976 a 1978. A partir de 1980, o Ministério da Educação (MEC), por meio da Coordenadoria de Educação Pré-Escolar (Coepre), em convênio com a FE/Unicamp, desenvolveu o projeto Formação de Recursos Humanos para a Educação Pré-Escolar: aperfeiçoamento de pessoal em serviço, visando à implantação do PROEPRE.

Em sua primeira etapa (1980 a 1981), contou com 200 professores e especialistas em Educação Infantil do Distrito Federal e dos estados de Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em sua segunda etapa, no decorrer de 1982, o Proepre foi desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Minas Gerais (MG), envolvendo 60 docentes e especialistas.

Posteriormente, foi estendido a 300 professores de Educação Infantil e especialistas em Educação que atuavam na rede oficial de Brasília. Devido aos expressivos resultados obtidos em âmbito nacional, o MEC, por intermédio da Coepre, decidiu por sua expansão, envolvendo mais 10 unidades da Federação:

Alagoas, Amazonas, Amapá, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Sergipe. Em 1984, o Proepr foi desenvolvido em Mato Grosso, Amazonas e Mato Grosso do Sul, pela segunda vez.

Desde esse período, o Proepr vem sendo implantado em instituições públicas e privadas de várias cidades brasileiras, sob a forma de convênio com a Unicamp, e, em 1995, passou a ser oferecido também sob a modalidade de curso de extensão universitária. No decorrer dos anos, inúmeras cidades implementaram esse programa, como: Marabá, no Pará; Atibaia, Presidente Prudente, Espírito Santo do Pinhal, Paulínia, Itapira, Mogi-Guaçu, Cabo Verde, Bragança Paulista, Itatiba, Leme, Lorena, Porto Feliz, Sumaré, Tambaí, São Simão, Santa Rosa do Viterbo, Valinhos, Fernandópolis, Monte Alegre do Sul, Amparo, Pedreira, em São Paulo; Cacoal, Porto Velho e Vilhena, em Roraima; Estiva, Extrema, Cambuí, Camanducaia, Machado e Guaxupé, em Minas Gerais.

Atualmente, o Proepr continua a ser desenvolvido em diversos municípios e é oferecido de forma recorrente por meio de cursos de extensão na Unicamp, os quais apresentam expressivo número de alunos inscritos. Até o presente, os cursos do Proepr formaram por volta de 10 mil profissionais da área de Educação.

Dessas inúmeras implantações e formações, surgiu a necessidade da promoção de um encontro anual, para a partilha e o fortalecimento dos profissionais em Educação que trabalhavam com o Proepr. Assim, em 1984, aconteceu o primeiro Encontro Nacional de Professores do Proepr, na cidade de Águas de Lindóia, SP, reunindo cerca de 500 participantes. Realizado em um hotel, os encontros duravam por volta de 6 dias, proporcionando intensa convivência e interação entre centenas de professores e gestores e renomados pesquisadores internacionais e nacionais. Momentos inesquecíveis ocorreram por 26 anos, até 2013, quando foi realizado o último Encontro Nacional de Professores do Proepr.

UMA FECUNDA TRAJETÓRIA

Na FE, Orly sempre integrou o Departamento de Psicologia Educacional e, oito anos após seu ingresso, em 1981, criou um dos primeiros grupos de pesquisa dessa instituição, o Laboratório de Psicologia Genética (LPG), ainda em plena atividade, com mais de 20 pesquisadores envolvidos. Tendo como base a teoria piagetiana, a Psicologia Genética investiga tanto aspectos do desenvolvimento quanto dos processos constitutivos do pensamento. Nesses 40 anos, o LPG tem elaborado pesquisas em amplas áreas, como Neuroeducação, representações do mundo social, Psicologia Econômica, problemas de convivência na escola, relações interpessoais e clima escolar, educação para a paz, desenvolvimento moral, social e afetivo, solicitação do meio, processos cognitivos e construção do conhecimento, formação continuada de professores e Proepr.

Seu trabalho como formadora de novos pesquisadores também é motivo de grande destaque. Orly orientou 135 dissertações e teses de Mestrado e Doutorado em Educação, formando profissionais que atuam em universidades, escolas e redes de Educação Básica, institutos, entre outros, os quais dão continuidade a seu legado de lutar por uma educação de qualidade, que respeita e promove o desenvolvimento integral de crianças e jovens. Muitos desses profissionais atuam também em programas de Pós-Graduação, desenvolvendo estudos e formando novos pesquisadores. Ela sempre incentivou que as investigações fossem efetuadas em escolas, com estudantes ou docentes, de forma que pudessem conhecer realmente o professor, a criança em desenvolvimento e o cotidiano de uma instituição educativa. Vale a pena ressaltar também que, além das aprendizagens relacionadas à formação acadêmica, seus orientandos têm ainda a oportunidade valiosa de receber consistente capacitação como formadores de professores por meio do envolvimento nos projetos e cursos de Proepr pelo país.

A preocupação com a divulgação das pesquisas para o público em geral e com a formação docente resultou em intensa dedicação às atividades de disseminação científica, traduzindo-se em inúmeras entrevistas, na participação em eventos diversos e em centenas de palestras ministradas pelo país. Como se vê, são expressivas suas contribuições para as Ciências da Educação, as quais podem ser encontradas em sua extensa produção, nos vídeos, artigos, livros e capítulos de livros e, igualmente, nas mais de uma centena de teses e dissertações de seus orientandos. Atualmente, Orly continua seu trabalho como orientadora e professora no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da FE/Unicamp e nos cursos de extensão do Proepre.

A PARCERIA DE UMA VIDA, A DESPEDIDA E A CONTINUIDADE DA JORNADA

Além de atuarem intensamente com o Proepre, Orly e Múcio foram colegas de trabalho na FE/Unicamp. Organizaram inúmeros eventos científicos, tais como os Encontros Nacionais de Professores do Proepre, seminários, colóquios e oficinas. Publicaram anais, coleções, livros, capítulos e artigos, além de tantas outras contribuições de enorme valor para a pesquisa e para a Educação, em seus diversos níveis.

Como mencionado, Múcio sempre esteve a seu lado nesse fértil percurso, em uma parceria que ia além da família e do trabalho, mas se expressava ainda na comunhão de valores e ideais, na contínua luta em defesa da formação dos profissionais da Educação e de uma escola pública, laica, gratuita, democrática, inclusiva e de qualidade para nossas crianças e jovens. Para eles, educar em escola pública é humanizar, é cooperar, é emancipar.

Caminharam unidos ao longo de 56 anos, até o falecimento inesperado de seu companheiro, em 2007, causando enorme comoção e tristeza. Apoiada pela

família e pelos amigos, diante do grande legado que edificou com seu parceiro, Orly buscou, aos poucos, a força necessária para dar continuidade ao trabalho construído juntos ao longo de décadas. Assim, mesmo diante dessa grande perda, ela prosseguiu ministrando disciplinas da FE, orientando na Pós-Graduação, desenvolvendo pesquisas, publicando e promovendo encontros, seminários e cursos que beneficiam muitos estudiosos e educadores, os quais procuram aperfeiçoamento e formação continuada.

Uma trajetória fecunda e abundante em contribuições para a ciência, para a educação, para a sociedade. Com a palavra, os professores Adrian Montoya e Rafael Reis, expressivos pesquisadores na área da Epistemologia Genética e Educação:

Fazendo justiça, a professora Orly é a maior expoente piagetiana que, através do Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental – PROEPRE -, conseguiu concretizar, na prática, os ideários e o pensamento de Jean Piaget. Graças ao seu trabalho incansável e criador, o Brasil conhece hoje uma porta de entrada para o trabalho sistemático e transformador da realidade educacional brasileira (Montoya; Ferreira, 2012, p. 169-170).

REFERÊNCIAS

ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. *A solicitação do meio e a construção das estruturas lógicas elementares na criança*. 1976 . (Tese de Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1976.

ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de; ASSIS, Múcio Camargo de (org.). *PROEPRE: Fundamentos teóricos da educação infantil II*. 7. ed. Campinas: Book, 2013.

LPG. *Objetivos do PROEPRE. Laboratório de Psicologia Genética*. Campinas: LPG, 2022. Disponível em: <https://www.proepreemacao.com.br/a-historia/objetivos/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MONTOYA, Adrian Dongo; FERREIRA, Rafael dos Reis. Entrevista Prof.^a Dr.^a Orly Zucatto Mantovani de Assis. *Revista Schème*, Marília, v. 5, n. 1, p. 169-189, ago./dez 2012. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/3181>. Acesso em: 13 jun. 2022.

NABUCO, Aray. A Alfabetização, da roça ao Proepre. *Diário do Povo*, Campinas, 25 mar. 1990. Sessão Especial.

O QUE É, o que é? [Intérprete:] Gonzaguinha. Rio de Janeiro: Gravadora UMG, 1982. 1 CD.

5.15.

PATRIZIA PIOZZI³⁴

Olá, Patrizia, morrendo de saudade durante todos esses 7 anos, sentindo sua falta, longe de você. A Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp), onde você trabalhou anos, festeja 50 anos agora em 2022, e eu tô aqui conversando com você para fazer uma femenagem a sua pessoa, professora, militante, radical, revolucionária, lúdica e minha grande amiga, Patrizia Piozzi.

Nossa direção atual é do Renê e do Alexandro. Alexandro, de nosso departamento, Departamento de Ciências Sociais na Educação (Decise), e o Renê, da Filosofia, na qual você tinha ótimas relações com os marxistas, Zezo, Sanfelice (lamentavelmente, também falecido). Acho que você fazia um artigo a respeito do Gramsci, eu não sei bem, preciso até olhar se você chegou a publicar, lembro-me de que era uma conversa entre o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Ifich) e o Departamento de Filosofia e História da Educação da FE. Eu tô muito emocionada, foram me dada várias datas para eu entregar esta femenagem, de duas a seis páginas, e eu tenho bastante dificuldade. Emociono-me, caio nas saudades e nas lembranças, às vezes, choro, às vezes, dou risada, parece até que a gente tá perto. Tava meio combinado que você viria para cá para a gente ver a aurora boreal, aqui na Suécia, já que depois de seu diagnóstico você viajou tanto, tava faltando vir para cá. Você foi para Cuba, foi para Itália, viu teu povo lá de Brécia, viu amigos e parentes.

³⁴ Título original: Femenagem à Patrizia Piozzi. Autoria: Ana Lúcia Goulart de Faria.

E aqui, nessa dificuldade, eu resolvi fazer o seguinte, escrever esta carta para você e passar depois para o Leo te apresentar para a moçada nova que não te conheceu, e daí farei um breve resumo do teu belíssimo memorial para você mesma se apresentar. Vai ser um *e-book* com várias homenagens e femenagens, que um/a colega vai fazer para outra/o. São colegas falecidas/os e colegas aposentadas/os, mas fora da Unicamp, são alguns que ocuparam cargos e posições. Eu fiz também uma femenagem pra minha amiga Helena Freitas, comunista, militante, aposentada, com uma vida dedicada à formação de professoras/es, inclusive a formação sindical, lembra, né? Ela foi presidente da Associação de Docentes da Unicamp (Adunicamp), comandou uma supergreve, em que nós távamos juntas na batalha!

E aí então esse *e-book* vai sair como uma das atividades, são várias atividades que tão sendo boladas, presenciais, porque agora que a pandemia deu uma sossegada, porque não acabou, não, eu mesma não vou para o Brasil, pois tenho medo. Então, aí cê vê que até agora que eu tô nessa dificuldade, que eu tô engasgando aqui para falar, mas aí é o seguinte: eu resolvi pedir pro Léo te apresentar, então aproveito pra apresentar o Léo para quem está lendo.

O Léo foi um aluno nosso, da FE, da Graduação, do Mestrado e do Doutorado, que ele fez com o Salvador, que também era de nosso departamento. Mas ele desenvolveu uma amizade com você de tal profundidade, de coerência e de potência, vocês ficaram muito amigos, foi ele quem acompanhou o seu falecimento. Essa amizade era tal que, quando você tava sofrendo muito, com muita dor, ele foi para casa da sua mãe, onde você tava. Aí você tava com um tratamento superlegal, em que seus ex-maridos te acompanhavam, o Ernane e o Reginaldo... (puxa, Patrícia, o Reginaldo faleceu, vai ser homenageado agora também no *e-book*)³⁵. Ele

³⁵ Nota dos Organizadores: lamentamos, mas o texto em homenagem ao Prof. Reginaldo não constará nesta edição, mas esperamos uma contribuição em uma próxima publicação.

te visitava e te fazia companhia, ficou na casa da tua mãe também e acompanhou seus últimos minutos. Ficou conversando com a médica que te cuidava.

Então, eu pedi para o Léo para ele te apresentar, em duas páginas e ele te apresenta. Eu vou colocar aqui, fico até na dúvida se ponho ele primeiro apresentando ou se ponho eu falando, é uma dúvida muito grande.



Aí, então, Patrizia, eu queria te dizer isso, o quanto foi profunda e deliciosa nossa amizade. Lembro-me de que você tinha que tomar um remédio que aí no Brasil não tinha, e aí tinha que importar, e aqui eu não poderia te mandar, porque aqui é bem controlado esse negócio de remédio. Mas esse teu remédio que teu supermédico aí que te indicou, aqui era feito como cosmético, porque era um negócio que te protegia a pele, que você não poderia de forma alguma tomar sol no rosto, ter luz muito forte, então precisava passar no rosto. E eu tava numa época que eu ficava três meses aqui e três meses aí, no Brasil, então eu levava para você, e depois passei até a mandar pelo correio, porque não tinha problema, já que era considerado cosmético. Aqui a gente não pode receber nem mandar remédio.

Mas esse cosmético, aliás, hoje parece que essa coisa com a guerra da Ucrânia, esse cosmético tinha só aqui e na Ucrânia. E na época não se falava muito de

Ucrânia, né? Agora, que coisa louca, eu queria ver o que você não ia tá falando desse Putin, dessa guerra... Também não quero nem falar. O Léo quando te apresenta faz uma referência, o que você não taria falando desse coiso que tá aí há quatro anos, e nós tamos aqui curtindo essa vitória com uma diferença pequena de votos, mas tomando um fôlego para a reconstrução da democracia nos próximos quatro anos. E a gente tinha críticas, né, ao Lula e tudo mais, e aqui agora tamos analisando como a vitória foi possível.

O Lula fez uma aliança para um governo de centro-direita, une-se ao Xuxu do Alckmin, o vice dele, e tá se saindo bem aí no governo de transição com as articulações de centro, de direita. Você nem imagina que tem uma receita de Lula com Xuxu que eu nem ia poder te mandar o videozinho, que você com certeza não ia ter essas coisas de WhatsApp, que você não gostava dessas coisas, de aplicativos etc. e tal. Mas eu poderia te dar a receita, e sua mãe podia fazer pra você, a receita de Lula com Xuxu, assim como fazia às vezes para nós o famoso *risotto al funghi*. HUUUUUM que maravilha, que delícia, que saudade. Mas tá dando certo, né, a gente tem festejado essa vitória maluca, apertadinha, e o país tá dividido, em uma proposta não democrática absolutamente e uma mais para republicana, né?

O (des)governo do coiso, o Luiz Carlos Freitas tá chamando de “populismo autoritário”, com alianças e articulações com os grupelhos nazifascistas. Eu gosto desse jeito dele colocar, ele abriu a Anpedinha Sudeste agora, né? Um ano tem reunião anual da Anped e um ano tem Anpedinhas regionais; eu até coordenei agora o Grupo de Trabalho (GT) nosso, de educação de criança de 0-6 anos no interior da Sudeste. Lembro-me de você falar sobre criança (Robert Owen, por exemplo) e participar às vezes desses espaços sobre esse público, que o *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Diferenciação Sociocultural (Gepedisc): culturas infantis* participava, e eu te disse que você poderia ser nosso objeto de estudo com toda tua ludicidade. Você riu e gostou da brincadeira.

E aí eu tô lembrando de você, que foi lá em minha sala pedir livros de Literatura Infantil, que você ia se especializar em contação de história para criança, que você percebeu com seus sobrinhos, com algumas pessoas que você conhecia, que você era uma boa contadora, que as pessoas gostavam, que as crianças gostavam e que você queria. E eu inclusive te passei todos os meus livros infantis, inclusive italianos, que eu tinha vários, que eu sempre tive essa transa lá com seu país, a Itália, né? E quero te dizer que eu lembrei agora, que termina hoje a Anpedinha. O Luiz Carlos Freitas falou essas coisas na terça-feira à noite, no dia 29, aí na apresentação dos trabalhos, selecionados desde agosto, lembrei-me sempre de você, que tinha muita coisa de brincadeira, muita coisa de contação de história, fico me lembrando de você contando história pra as crianças e você alegre... Você alegre Patrizia, foi isso que o Hernane e o Reginaldo disseram, que você resistiu desde o diagnóstico por 5 anos até seu falecimento, que você resistiu com alegria, que teu lúdico era muito potente, contagiante... Quem tava com você tava alegre, você era irônica, era engraçada, você continua em minha memória...

Então, minha querida, o que eu tô querendo falar é que tudo isso que eu tô lembrando, junto com outras questões que eu vou continuar enumerando, e aí vou verificar aqui o número de páginas, e mais as duas do Leo, para respeitar o padrão do *e-book*.

A ideia desta femenagem é matar saudade, te apresentar aí pras novas pessoas que vão ler sobre professores e professoras desses 50 anos, o Alexandro fez uma proposta bem interessante, desde lá o primeiro diretor, foi pegando aí coordenadores/as... Foi muito bacana o processo de escolha, e eu fiquei muito lisonjeada quando ele me escolheu pra fazer sua femenagem e, aberto, acolheu minha proposta, de fazer a da Helena Freitas. E a Helena é uma ativista com A maiúsculo, né, como diz o Antônio Miguel, ativista no sentido superpositivo da palavra. Coisa que na faculdade as pessoas chamam de baixo nível, quando a pessoa é ativista... E nós não achamos, a gente sempre concordou com a Helena, com as

atividades fora da FE, por exemplo, quando fez parte do grupo que criou a Anfope, sempre se preocupou com a formação de professores/as, até hoje, né, a Helena tá na diretoria da Anfope, associação nacional pela formação de professores. Luiz Carlos Freitas foi o primeiro diretor... E aí ela foi presidente da Adunicamp. E você era isso também com os/as orientandos/as, você levava toda sua formação filosófica. Aliás, seu memorial, Patrizia, eu vou sugerir que, quando a gente ensina aos/as estudantes como fazer memorial, a gente mostre também o seu, ao lado do memorial do Mauricio Tragtenberg e do Florestan Fernandes. Você, no seu, das 27 páginas, usa 9 pra falar de você no Ensino Médio, em sua juventude, vinda da Itália para o Brasil, coisa mais emocionante, nunca vi um memorial tão lindo quanto o seu..., mostrando tua alegria de viver ao lado de pessoas e ideias transgressoras e rebeldes.

Mas, bom, tô misturando aqui as estações, mas eu tô querendo dizer da sua alegria. E aí, continuando aqui, eu queria falar dessa alegria, a prova dos 9, aproveitando que, neste ano, celebramos o centenário da Semana de Arte Moderna de 22, é expressão do Oswald de Andrade, que redigiu o manifesto antropófago, de 28. E a gente vê tanto em você como em outra amigona, a Lisete Arelaro, que faleceu no 12 de março deste ano, também sobreviver desde o diagnóstico por um bom tempo, justamente porque sempre tava de bom humor. Começava o dia pensando o quanto faltava pra chegar o socialismo, como diz a filha dela, a Camila, tem feito várias falas aí falando da mãe, tá muito bonito. Mas aí, Patrizia, a gente teve várias baixas, né, teve a Lisete agora, um pouco antes de você, a Fúlvia Rosenberg, que também era da área de Infância. (Lembro que o primeiro amigo que perdemos juntas foi o Cesar Paiva, talvez o primeiro caso de Aids tratado na Unicamp. Era nosso amigo nas caronas de São Paulo para a Unicamp, dividindo o carro da Leticia e da Ernesta).

Agora, você, com esse seu bom humor, essa sua ironia inteligente, esse seu jeitão, nós tivemos próximas inclusive na produção acadêmica. Quando você fez sua pesquisa com o Robert Owen, o socialista utópico, você escreveu na revista *Pro-*

Posições, da FE, a número 28, de 1999, que eu organizei, um dossiê sobre as pesquisas de Educação Infantil com que eu tava em contato, ele incluiu meus orientandos/as, algumas pessoas do grupo, algumas pessoas internacionais... E você o abre, porque você vai falar de New Lanark, do laboratório do futuro, e aí foi muito interessante essa sua aproximação da gente, algumas pessoas te chamaram pra falar da utopia, da crítica ao capitalismo, e depois você vai orientar o TCC do Fer, falando do Fourier, outro socialista utópico, um TCC lindíssimo, que acho que foi o último que você orientou. Aí a gente te convidou para você fazer um seminário em nossa FE, para o nosso grupo de pesquisa, o Gepedisc: culturas infantis. Aí a gente tem filmado, de celular, mas a Ana Claudia filmou e o Alex Barreiro, que fazia Doutorado, hoje doutor, transcreveu toda sua fala, e inclusive o debate. O Vicente Rodrigues, presente com sua verve aguda, provocou forte no debate, bem interessante, mas nós ainda não publicamos. O Chico, da revista Mouro, tava presente com sua companheira Valeria, nossa colega, que também é pesquisadora de infância, também da revista Mouro, revista marxista, núcleo de estudos do capital. Organizaram um dossiê, “Limites e modelos da esquerda latino-americana”, publicado com essa sua fala, em forma de artigo, que o Léo te ajudou a dar o formato de artigo, inclusive, e que tá na sessão aqui de Marxismo, no sumário da revista Mouro, número 9, de janeiro de 2015. Teu artigo “Marx o operário, e as leis da beleza”, foi o nome do seminário, que também foi o último seminário que você deu na FE.

E tô aqui, então, lembrando de tudo isso, né, para poder fazer essa femenagem e vir contar para as pessoas o que você fez com a gente, entre tantas outras coisas. Eu selecionei essa, porque, assim, estive muito próxima, e foi uma experiência de muita amizade, muita profundidade, um calor humano, né? O quanto a gente se gosta, se gostou e, principalmente, gosta das pessoas que ficaram de nosso lado, né, junto com a gente, como o caso do Léo. Refiro-me a esse grupinho que ficava hospedado no apartamento da Zeila. E quem que era? Ficava você, a

Ernesta, a Elô Höfling, a Zeila, a Cristina Bruzzo, todas colegas de nossa faculdade, mas acho que tô esquecendo alguém, a Neuzinha, será que ficava também?

Então, tô insistindo aqui, né, nessa nossa militância, revolucionária, de pensar o mundo diferente, de ponta cabeça, como você disse no memorial, e de manter esse teu bom humor e alegria, que eu tenho certeza de que, se você estivesse aqui, agora, você estaria de mangas arregaçadas, enfrentando essa situação superdifícil, catastrófica, que o Brasil passa hoje.

MEMÓRIAS: PATRIZIA PIOZZI, INTELLECTUAL E PROFESSORA: DO RIGOR ACADÊMICO À MILITÂNCIA EM DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA, DA DEMOCRACIA E DOS DIREITOS HUMANOS

Depoimento do Leo, Antônio Donizete Leal

A professora doutora Patrizia Piozzi, do Departamento de Ciências Sociais na Educação (Decise), foi professora desse órgão da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp), de 1986 até 2012, quando se aposentou, e de 1982 a 1986, no Departamento de Filosofia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Marília, São Paulo (SP). Em setembro de 2010, após uma série de sintomas, obrigada a fazer exames laboratoriais, veio o diagnóstico de estar acometida de neoplasia maligna, originada nos pulmões e, graças a um exame mais específico, ensejou o Dr. Antonio Carlos Buzaid a lhe receitar um medicamento de alto custo que lhe prolongou a vida por mais cinco anos, falecendo em 28 de junho de 2015.

A despeito de se encontrar em uma situação-limite entre a vida e a morte, para ela, o que estava sempre em sua agenda era a primeira, uma vez que fez de toda a extensão de sua existência uma ode à vida e às alegrias abundantes que partilhava com amigas, amigos, amigues, alunas, alunos e alunes. Seu lema era:

“todas as vidas importam”, em uma manifestação cabal contra a reificação produzida sob a égide do Capital. Sentava-se à calçada, em plena rua Alfonso Bovero, em São Paulo, para conversar com os que estavam em situação de rua, sem temor algum, e eu a lembrar: “Cuidado!”.

A trajetória de sua vida, em diferentes âmbitos, foi pautada por imenso amor e alteridade para com os próximos a ela. Inclusive, em tom de brincadeira, os amigos mais próximos chamavam-na de agente do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), principalmente com a Du, sua auxiliar para organização de seu apartamento, que tinha mais de 70 anos.

Voltando à professora e pesquisadora universitária, em seu concurso de efetivação, no final dos anos de 1990, para a disciplina Teorias Políticas e Educação, à época, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação (Decisae), do qual fizeram parte Eloisa de Mattos Höfling, Roberto Romano e Reginaldo de Moraes, ela foi aprovada com distinção e louvor. Em seu memorial apresentado à banca, destaca o seguinte:

É inevitável comparar, com desalento, a troca intelectual livre, intensa, generosa, vivida naqueles anos de asfixiante autoritarismo político [década de 1970], ao clima de competição e contabilidade mercantil das atividades universitárias que vivemos em nossos dias [década de 1990 e limiar do século XXI], quando o valor de nosso trabalho é medido, cada vez mais, pelo crescimento das páginas do “currículo” e do número de pesquisas “financiadas” (Piozzi, 1999, p. 8-9).

A via do rigor filosófico-científico, da erudição e do comprometimento com a via da práxis e pluralidade de ideias possibilitaram-lhe, em meio ao percurso de sua vida acadêmico-militante, imbricar pensamento e ação eivados de perspectivas anticapitalistas e revolucionárias, não só para a formação de alunas, alunos e alunes, como dar sentido e coerência a sua existência. Ainda, para ela, na década de 1980, quando optou pela docência no Ensino Superior público, seu motivo maior foi ser

o espaço acadêmico com maior liberdade, “sem padrões nem padrinhos”, em uma convivência democrática com colegas e estudantes. Ao folhear um dos últimos livros em estudo por Patrizia, *Os últimos intelectuais: a Cultura Americana na Era da Academia*, de Russell Jacoby (1990, p. 10), publicação conjunta da Trajetória Cultural e da Editora da Universidade de São Paulo (USP), frisa-se uma parte grifada por ela, em continuidade a suas preocupações quanto ao trabalho intelectual, cerne da vida universitária: “ o descontentamento com a excessiva profissionalização [nas Universidades norte-americanas]; insinuam uma reversão, um esforço tardio para recuperar uma cultura pública [e seu empobrecimento”. “O mecanismo de transmissão da cultura – a inefável maneira pela qual uma geração mais velha transmite não apenas conhecimento, mas também sonhos e esperanças – está ameaçada” (Jacoby, 1990, p. 20-21).

Patrizia contribuiu sobremaneira como membro do Comitê de Redação da revista *Educação & Sociedade*, publicação do Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes), de 1995 a 2010, como observa em seu memorial:

Este trabalho tem se revelado, também muito entusiasmante, não só pelo prazer de acompanhar os passos da edição de cada número da revista, mas, sobretudo, pelo empenho em divulgar o debate em curso da área, contribuindo para manter a livre circulação das ideias nos ambientes universitários, hoje tão “amesquinhad” por um produtivismo sufocante (Piozzi, 1999 p. 26).

Vinda da Itália, da região Norte, da cidade de Brescia, em 1968, para a cidade de São Paulo, ela trilhou seus caminhos entre a academia e a militância vinculada à Universidade de São Paulo (USP), na qual fez seu Mestrado e Doutorado, cujos respectivos títulos são: *O ato livre: considerações a respeito da política operária*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), USP, 1983, e *Natureza e Artefato: a ordem anárquica, algumas considerações sobre a gênese da ideia socialista libertária*, FFLCH/USP. 1991. Toda sua trajetória acadêmica uspiana deu-se sob a orientação Prof.^a Dra. Maria Sylvia de Carvalho Franco, cuja admiração ensejou

Patrizia a dedicar sua tese de Doutorado à amiga e mestra. Sua tese de Doutorado foi publicada pela Editora da Unesp, em 2006, intitulada *Os Arquitetos da Ordem Anárquica: de Rousseau a Proudhon e Bakunin*, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2006. Como se lê na orelha do referido livro, escrita pelo professor Francisco Foot Hardman:

A fina e despojada erudição de Patrizia Piozzi possui endereço certo: desmascarar os aparelhistas de todos os tempos, partidos e Estados, aqueles que escondem sua gana de poder e mediocridade parasitária sob o moto mecânico das tecnoburocracias. Seus temas privilegiados de pesquisa eram: instrução pública e sociedade moderna, educação e utopias reformadoras (do Iluminismo às teorias críticas da sociedade mercantil nos séculos XIX e XX) FOOT HARDMAN (2006)

Em tempos atuais da vida política brasileira, retomando uma alcunha dada pelos militantes de esquerda à Patrizia, recém-chegada ao Brasil da Itália, em 1969, e publicizada pelo professor Foot, na orelha do livro oriundo da tese de Doutorado de Patrizia, *A Italiana*, com certeza ela teria marcado sua resistência contra nossos últimos quatro anos de experimentação da extrema direita no Brasil, como regozijado com a vitória da esquerda, em pleno 2022.

LIBERDADE REVOLUCIONÁRIA: RUPTURA COM “MEIO DE OBTER VANTAGENS”, A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO DE AJUDA MÚTUA ENTRE LIVRES E IGUAIS AUTOGERIDAS/OS

Eu, Ana Lúcia Goulart de Faria, fui convidada pelo organizador do *e-book* que festejará os 50 anos da Faculdade de Educação da Unicamp, Alexandro Paixão, atual diretor associado, a fazer a femenação para minha amigona e colega Patrizia Piozzi, infelizmente já falecida. Decidi então: 1. escrever-lhe uma carta, mostrando minha admiração, amizade e saudades; 2. pedir ao Leo que a apresentasse para as novas gerações. Leo, seu grande amigo, nosso ex-aluno do Decise desde a Graduação,

seguindo pelo Mestrado e pelo Doutorado, que esteve a seu lado até seu último suspiro; 3. fazer um breve resumo das 27 páginas de seu estupendo memorial, escrito como quesito para o concurso em Teorias Políticas e Educação, em 1999, sem me isentar de qualquer equívoco produzido em minha tradução ou ressignificação de sua memória. Recomendo a leitura de seu belíssimo memorial, que, além de muito bem escrito, como sempre foram seus textos, é extremamente instigante e generoso, com muitas dicas para as novas gerações. Copiei várias expressões, frases e palavras usadas pela Patrizia e não coloquei aspas, apropriei-me. Patrizia, uma pessoa incomum!

Patrizia, já no início de seu memorial, alerta o/a leitor/a de que fazer uma “autobiografia intelectual” parecia-lhe indiscreto e bastante pretensioso. Portanto, optou por expor alguns dos momentos e motivos que a levaram a encontrar na universidade pública brasileira condições para o trabalho intelectual e docente, podendo ainda ser exercido, com liberdade, em uma convivência democrática com colegas e estudantes.

Em sua experiência vivida em 1968, término de seu Ensino Médio, na Itália, Patrizia narra ter adquirido lá a paixão e os primeiros elementos teóricos para sua adesão incondicional ao socialismo marxista, quando a revolta estudantil penetrou os muros do velho e conservador Colégio Arnaldo. Nove das 27 páginas do memorial são dedicadas a sua vida de estudante, seja no Ensino Médio, seja na universidade e no movimento estudantil. Reflexões excelentes para as novas gerações. Uma ode a sua juventude!

Em Bréscia, em 1968, em plena efervescência política e cultural, ela teve seu primeiro ensaio professoral, ao estar em contato direto com os trabalhadores simpatizantes do Movimento Estudantil, em um curso relâmpago de História Italiana, descobrindo o grande prazer que essa atividade proporcionava. Para ela, ao estabelecer um elo entre o passado e o presente, permaneceram o universo

teórico da Filosofia e a vontade de virar o mundo de “ponta-cabeça”, como motes coerentes para escolhas profissionais, intelectuais e políticas.

Depois de trabalhar em cursos de madureza (por ser estrangeira, ela não podia trabalhar em escolas públicas, lamentou no memorial), em meados de 1977, ela atuou como docente no Ensino Médio, em Filosofia, nos colégios privados, voltados a atender alunos/as pertencentes à classe média alta. Destacou que sua experiência foi gratificante e frisou que, embora tivesse melhores condições de trabalho, ocultava-se o brutal autoritarismo dos proprietários.

A respeito de sua experiência docente universitária, de 1982 até o ano de seu concurso de efetivação na FE/Unicamp, em 1999, ela enfatizou que era inevitável comparar, com certo desalento, a troca intelectual livre, intensa e generosa vivida naqueles anos de asfixiante autoritarismo político das décadas de 1960 e 1970, ao clima de competição e contabilidade mercantil das atividades universitárias vividas, nas décadas seguintes, até o limiar do século XXI, quando o valor do trabalho é medido, cada vez mais, pelo crescimento das páginas do currículo e do número de pesquisas financiadas. Não se trata de nostalgia e defesa da Ditadura Militar (1964-1985), mas, segundo ela, da necessidade de refletir acerca das diversas formas nas quais o autoritarismo pode se metamorfosear, sob a roupagem de progresso e modernização (aqui parece que estou ouvindo a voz da Patrizia ironicamente continuando a frase acima em relação ao negacionismo e ao momento catastrófico presente!)

Como estudiosa da área de Filosofia Política e Educação, (ela, entre nós, dizia-se estudiosa e não pesquisadora), destaco enfaticamente as questões formuladas para seu Doutorado, apresentadas no memorial: de que forma as grande teorias anticapitalistas emersas no século XIX pensavam os pressupostos epistemológicos e históricos da revolução social moderna, da qual deveria emergir uma ordem fundada na cooperação livre e racional de cada membro; ou do porquê

uma classe social, gerada pelo movimento do Capital, e integrante de sua produção e reposição, seria capaz de formular um projeto político próprio, superando as determinações socioeconômicas e culturais que lhe deram existência.

Com rigor sistemático pautado pelo trabalho intelectual sério, base de sua atuação profissional, a Prof.^a Dra. Maria Sylvia Carvalho Franco orientou o Mestrado e o Doutorado da Patrizia e a ouviu com grande paciência e generosidade, com um trabalho intelectual independente, levado adiante no interior da instituição universitária, permanentemente engajada na investigação teórica, no ensino de resultados e na intransigente exposição pública dos pontos de vista. Coerente com essa perspectiva, Patrizia implementou sua ação docente com seus/suas estudantes, aprendida com sua mestra.

Patrizia foi chefe do então Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação (Decisae) da FE/Unicamp, em um momento, particularmente, delicado, em que a paulatina introdução dos novos critérios de produtividade, a restrição às contratações e o proliferar de tarefas burocráticas começavam a desfigurar o perfil da universidade que ela conhecia e respeitava (estou imaginando o que ela diria deste momento de desmonte da educação pública...).

É muito bonito como Patrizia escreve no memorial a respeito de sua militância estudantil, com destaque para sua participação na tendência do movimento estudantil brasileiro da década de 1970, Liberdade e Luta (*Libelu*), até 1978, ano em que se desvinculou dessa perspectiva política trotskista para se juntar a um pequeno grupo de simpatizantes do secretariado unificado da 4ª Internacional Socialista, atuante em um bairro operário. Vale a pena ler o memorial e ver a aproximação da Patrizia com a doutrina ácrata, desde quando foi professora do colégio IADÊ.

A articulação e o imbricamento entre teoria e prática, na perspectiva da práxis marxista, sempre estiveram presentes em sua trajetória, e, imbuída das perspectivas

anticapitalistas e revolucionárias, problematizava, por meio dos legados de Lênin, Lukács e Rosa Luxemburgo, as contradições do Capitalismo e as possibilidades de sua superação. Vislumbrava as dinâmicas do Capital e as resistências constituídas pelas classes trabalhadoras.

Ao longo de sua carreira docente na universidade pública, além de resistir a seu desmonte, afirma que nada era mais eletrizante do que o espanto e a curiosidade das/os alunas/os do primeiro ano de Graduação ao descobrirem, nos textos clássicos dos fundadores da Sociologia, Durkheim, Weber e Marx, um universo de pensamento, valores e crenças do qual tinham apenas uma vaga noção. Sublinha ainda a importância de se manter a livre circulação das ideias nos ambientes universitários, hoje, tão amesquinçados por um produtivismo sufocante, exigindo mais do que nunca a liberdade de pensamento ameaçada por diferentes formas autoritárias, balizadas pela marca da suposta neutralidade, oriundas do pensamento liberal conservador, no qual a liberdade era apenas um “meio de obter vantagens”.

E vale frisar ainda que Patrizia nunca perdeu a esperança, como consta na parte final de seu memorial, quando ela fala que são numerosos/as ainda os/as professores/as e estudantes que, em instâncias e fóruns diferentes, lutam de várias maneiras para preservar o rigor científico e a liberdade de pensamento. Ela diz: “Graças a essas pessoas, com algumas das quais tenho o privilégio de conviver e trabalhar, ainda sinto orgulho de pertencer aos quadros da universidade” (Piozzi, p. 27,1999).

REFERÊNCIAS

FOOT HARDMAN, Francisco. Orelha In PIOZZI, Patrizia. *Os Arquitetos da Ordem Anárquica: de Rousseau a Proudhon e Bakunin*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2006.

JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais: a Cultura Americana na Era da Academia*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Trajetória Cultural, 1990.

PIOZZI, Patrizia. *Memorial para banca de concurso de efetivação*. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 1999.

PIOZZI, Patrizia. Marx o operário, e as leis da beleza. *Mouro*, revista marxista, núcleo de estudos do capital. n.9, 2015, p. 131-143.

PIOZZI, Patrizia. Robert Owen, New Lanark, o laboratório do futuro. *Pro-posições*, Campinas, FE Unicamp, n. 28, 1999, p. 7-15.

STEVANUX, Fernando Peixoto. *O socialismo utópico de Charles Fourier e sua utopia de infância e educação das crianças*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Educação, UNICAMP, 2011.

5.16.

PAULO FREIRE³⁶

Minha entrada neste lugar, é uma alegria mais do que uma honra, pois a honra pode ser imerecida, a alegria nunca o é. A alegria é a de reencontrar aqui, a lembrança ou a presença de autores que amo e que ensinaram ou ensinam aqui (Barthes, 1978, p. 8).

Inicialmente, gostaria de agradecer aos professores Rene José Trentin Silveira e Alexandro Henrique Paixão pelo convite que me foi formulado. Entendo que muitas pessoas poderiam ocupar com honra este lugar e prestar esta homenagem a Paulo Freire, entretanto, eu o faço com a alegria e imersa na lembrança afetiva da formação recebida nesta instituição na Graduação, no Mestrado, no Doutorado, como aluna de Paulo Freire e agora docente da casa.

Quando Paulo, Elza e Lutgardes retornaram do exílio em 1980, ele foi convidado pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp) para integrar seu quadro docente. Havia saído do país em 1964 em decorrência do inquérito policial que os militares golpistas impetraram contra ele e do trabalho desenvolvido inicialmente em Pernambuco, depois no Rio Grande do Norte, na Paraíba e finalmente em Brasília, quando elaborava o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos que visava a erradicar o analfabetismo no Brasil, no governo do presidente João Goulart. Infelizmente, Paulo não foi o único atingido por 1964. Seu retorno foi envolto por reconhecimento, apreensão e resistência. Ele já havia participado de Movimentos de Cultura Popular e atuado em instituições no Brasil, no Chile, nos Estados Unidos, na Europa, na África e na Ásia, e seu trabalho atravessava continentes (Mazza, 2021a).

³⁶ Título original: Brasil inteligente: uma homenagem à Paulo Freire. Autoria: Débora Mazza, diretora associada de maio/2016 a abril/2020, docente da FE/Unicamp e pesquisadora do CNPq.

Muitos foram aqueles que acolheram o professor Paulo Freire. Penso nos docentes, funcionários e estudantes que estiveram a seu lado no período de retorno, contratação e permanência nos quadros da Unicamp entre 1980 e 1991, apesar das resistências (Mazza, 2021b); naqueles/as que, em janeiro de 1981, utilizaram seus corpos como barricadas, corredor polonês, protestos, atos massivos e pacíficos para recepcionar os interventores do governador Paulo Maluf, que, no rescaldo legal da ditadura, tentou interromper processos democráticos de escolha de reitores e diretores de unidades.

Figura 1- Manifestação contra a intervenção na Unicamp, 1981

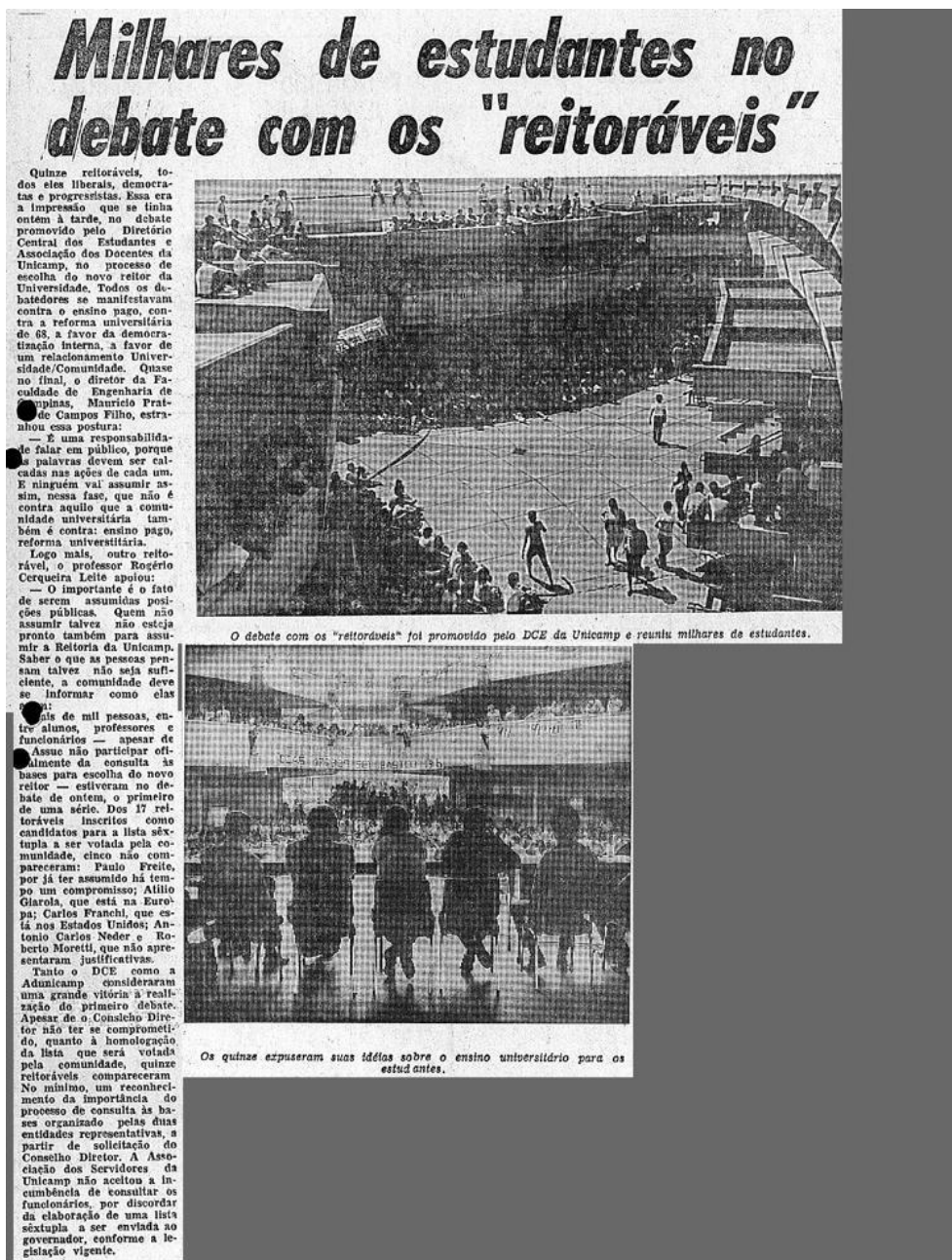


Manifestação contra a intervenção na Unicamp, em 1981, no Ciclo Básico: medida gerou onda de protestos na Universidade

Fonte: Manifestação [...] (2014).

Estávamos na concentração do ciclo básico com os professores Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão, convocada pelas três entidades para organizar a ampla consulta à comunidade acadêmica para a escolha da lista sêxtupla, da qual sairia o reitor que sucederia o Prof. Plínio Alves de Moraes.

Figura 2- Adunicamp, Assuc e DCE promovem debate sobre a consulta à comunidade acadêmica para a escolha da lista sêxtupla de reitorais



Fonte: Correio Popular, Campinas, SP, 18 de setembro de 1981. Disponível em: <https://expounicamp.siarq.unicamp.br/9/unidade/49/intervencaoN>

A lista sêxtupla aprovada em 15 de setembro de 1981, pelo Conselho Diretor da Universidade, incluía o nome de Paulo Freire como o mais votado, seguido de Maurício Prates, Carlos Franchi e Rogério Cerqueira Leite, expressão inesperada de resistência e enfrentamento dos resquícios da ditadura.

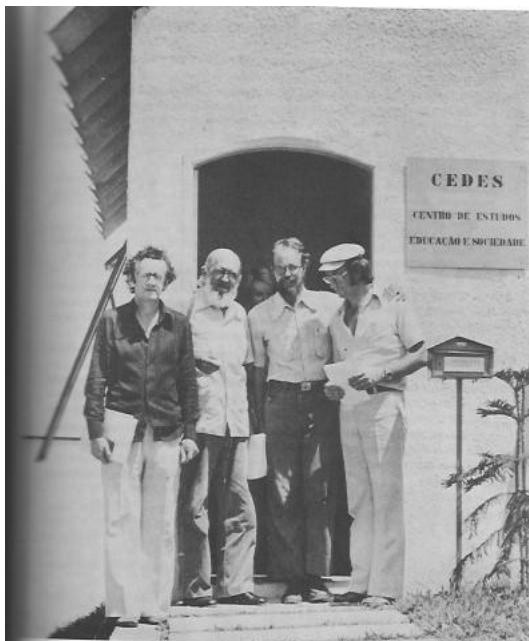
Figura 3- O então Reitor Plínio Alves de Moraes no auge da crise de 1981 e a difícil escolha do seu sucessor em clima de intervenção:



Fonte: GOMES, Eustáquio. Terceiro Reitor é escolhido em clima de conflagração.
In . *Jornal da Unicamp*. Edição 331, 31 de julho a 06 de agosto de 2006, p. 6-7.
Disponível: https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/julho2006/ju331pag6-7.html.
Acesso: 20/11/2023.

Destaco ainda, na mesma época, sua colaboração na fundação do Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes) e sua participação no número 1 da revista *Educação & Sociedade*, que tinha como tema a pergunta de Marx: “Quem educa o educador?”. Paulo publica um artigo intitulado “A alfabetização de Adultos: é ela um quefazer neutro?” (Freire, 1978).

Figura 4 – Centro de Estudos Educação e Sociedade, Campinas, São Paulo, Unicamp, início de 1980



Fonte: Gadotti (1996, p. 447).

Legenda: Da esquerda para a direita: Maurício Tragtenberg, Paulo Freire, Carlos R. Brandão, Moacir Gadotti.

Relembro também as manifestações que atravessaram a década de 1980 em defesa da autonomia financeira, administrativa e didática das universidades públicas o estado de São Paulo que levou a aprovação do Decreto n.º 29.598 de 2 de fevereiro de 1989, assinado pelo então governador Orestes Quécia, que pôs fim à política do “pires na mão”, onde cada reitor se via obrigado a peregrinar pelas secretarias do governo estadual em busca de recursos e deu início ao recurso que vincula um percentual fixo do Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS) para as universidades públicas paulistas. Paulo Freire participou desse processo como docente da Unicamp e valorizava as resistências manifestadas por todos os segmentos. Lembro-me de que, nos idos de 1983, um estudante do curso de Pedagogia chamado Hélio (não me recordo seu sobrenome) fez um boneco em tamanho real, batizou-o de Araújo e o levava para

todas as aulas para questionar os/as professores/as acerca das relações de subserviência e silenciamento que rondavam as dinâmicas de sala de aula. Muitos/as foram os/as docentes que se irritaram, incomodaram-se e tomaram aquela atitude como desrespeitosa. Hélio apareceu com o Araújo na aula de Paulo Freire e sua reação gerou aprendizados. O professor, de pronto, solicitou que Hélio apresentasse à classe o novo aluno e depois aproveitou a encenação teatral e consubstanciou, por meio daquele corpo inerte, o conceito de educação bancária. A presença do boneco Araújo levou Paulo a questionar mais uma vez as pedagogias tradicionais, afirmando que “o(a) educador(a) e o(a)s educando(a)s são sujeitos do processo do conhecimento. O(a)s educando(a)s não são vasilhas vazias para serem enchidas pelo(a) educador(a)” (Freire, 1988, p. 58-59).

Figura 5- Manifestações no centro de Campinas, SP, em defesa da Autonomia Universitária, década de 1980



Fonte: Foto [...] (2001).

Ao longo de 11 anos como docente da Unicamp, Paulo ministrou disciplinas de Graduação e Pós-Graduação na FE, participou das reuniões do Departamento de Ciências Sociais aplicadas à Educação e dos Seminários, coordenou um grupo de trabalho no I Seminário em Defesa da Universidade Pública, organizado pelo Cedes. Tive o privilégio de ser aluna em várias disciplinas ministradas no espaço amplo em frente ao prédio da Reitoria, pois as salas do Ciclo Básico, que hospedavam os cursos da FE, não comportavam a quantidade de pessoas que vinham de muitas cidades, campos disciplinares e instituições para ver e ouvir o professor e interagir

com ele. Paulo esteve em várias experiências de educação popular na periferia de Campinas, arredores e na América Latina (Freire; Nogueira; Mazza, 1986, 1988, 1990; Mazza, 2021d).

Em 1986, o reitor José Aristodemo Pinotti, compreendendo que a experiência de vida de Paulo vinculava-se a muitos projetos extensionistas numa perspectiva crítica, popular e participativa, emitiu um ofício “colocando o Professor à disposição da Assessoria Especial na área de Extensão Universitária vinculada à Reitoria da Unicamp” (Mazza, 2021b). Nessa condição, Paulo prestou assessoria a trabalhos comunitários e formativos de agentes de educação e saúde no Hospital Escola de Paulínia, São Paulo (SP), que se apresentava como um campo de estágio e residência da Faculdade de Ciências Médicas (Mazza *et al.*, no prelo).

Em 27 de abril de 1988, recebeu do Conselho Universitário da Unicamp o Título de Doutor *Honoris Causa*³⁷. Em 1989, Paulo Freire solicitou afastamento com prejuízo de vencimentos para assumir a Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo, na gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-1993). Em 1990, ainda disponível à Assessoria Especial na área de Extensão Universitária, passou a assessorar os projetos de extensão do Núcleo Interdisciplinar de Matemática e Etnociência (Nimec) visando à melhoria da qualidade da Educação Básica, reflexionando sobre trabalhos de formação de professores leigos realizados em regiões indígenas (Mazza, 2022).

Paulo Freire morreu em 2 de maio de 1997. Em 29 de maio de 2019, a FE/Unicamp descerrou a placa que nomeia o prédio central da unidade de Professor Paulo Freire.

³⁷ A cerimônia está disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Resgate_-_Paulo_Freire_recebe_t%C3%ADtulo_Honoris_Causa_na_Unicamp.webm. Acesso em: 15 jul. 2021.

Figura 6 –Nomeação do Prédio principal da FE Professor Paulo Freire (29 maio 2019)



Fonte: Foto da autora

Homenagem ao educador Paulo Freire, FE- Unicamp/2019.

Legenda: Da esquerda para a direita: Diretora Associada FE Débora Mazza, Diretora FE Dirce D. P. Zan, Pró-reitora Unicamp Teresa D. Z. Artvars, Coordenadora do Mestrado Profissional FE Nima I. Spigolon.

Além do que já foi relatado, Paulo se deliciou com o Prato Feito (PF) de arroz, feijão, bife a cavalo e salada de alface com tomate no restaurante da Dona Laura e do Senhor Miguel, especializado em atender um público de caminhoneiros, situado no Posto de Gasolina, no Km 96 da Rodovia Anhanguera, à altura do Balão da Bosch. Bebeu muita cachaça com os companheiros do Nimec e participou afetuosamente das discussões sobre a extensão universitária nos encontros do “clube da rúcula”, ocorridos na casa de Carlos Arguello (Nogueira, 2004), realizou reuniões éticas com estudantes em botecos próximos à Unicamp, foi capaz de manifestar gestos generosos com humanos e animais (Mazza, 2023).

Para finalizar, gostaria de pontuar que o professor nunca nutriu ingenuidade e otimismo quanto aos limites e às possibilidades da política universitária. Ele era ciente das burocracias de todos os matizes que rondam as câmaras acadêmicas e do conservadorismo de grupos que vigiam diuturnamente a manutenção de

privilégios corporativistas. Ao mesmo tempo, identificava e fortalecia a presença de grupos que reclamavam por transformação que resultasse, de um lado, no desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno; de outro, na inserção das universidades na realidade social dos grupos populares. Ele já havia apontado, desde a *Pedagogia do Oprimido* (1988), que as universidades deveriam se renovar, rechaçar as velhas ordens e romper com o alinhamento que construíam com os grupos estabelecidos e deveriam se engajar em proposta de “transformação da realidade e afirmação dos homens como sujeitos de decisão” (Freire, 2000, p. 53).

É sabido que a universidade tem suas ambiguidades, podendo se autoidentificar como um espaço de elites, reprodução, competição e preconceitos; mas ela é, sobretudo, um espaço de ampliação de direitos, de enfrentamento dos preconceitos e de ensaios de trabalhos colaborativos e criativos, lugar de ciência, educação, cultura, arte. Assim, destacar a passagem de Paulo Freire pela Unicamp e aproximá-la das imagens que ele representa mundo afora é uma forma de resistir e insistir em um modelo de universidade pública, popular e de qualidade que dialoga com os dilemas sociais e se abre para a pluralidade dos povos e das culturas que compõem este Brasil tão rico e tão desigualmente miserável (Mazza, 2022).

Em 2017, a FE completou 45 anos de existência e a comunidade foi convidada para organizar um conjunto de atividades comemorativas. O ponto alto das efemérides foi o Congresso Internacional Escola Pública: tempos difíceis, porém não impossíveis, ocorrido nos dias 30 e 31 de outubro e 01 de novembro de 2017. Na época, atribuiu-se a autoria desta frase aos movimentos dos estudantes secundaristas que ocuparam as escolas e as ruas das grandes cidades, no ano de 2015, contra as reformas da educação básica tendo como lema “Não fechem a minha escola!” (Mazza; Santos, 2016). Hoje sabemos que essa ideia comparece em vários livros de Paulo Freire, como no artigo “Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica”, onde se lê: “mudar é difícil, mas é possível” (Freire,

2000, p. 98) ou quando analisa a relação entre “Escola pública e educação popular” e reafirma “É difícil, mas é possível” (Freire, 2001, p. 98).

E finalizo deixando que dois reconhecidos intelectuais brasileiros analisem e interpretem a obra de Paulo Freire e sua contribuição no campo da cultura e da educação. Entre 1969 e 1970, escrevendo para um público francês, Roberto Schwarz (2009, p. 19-20), um cientista social e crítico literário, disserta:

O Movimento de Cultura Popular em Pernambuco começou em 1959, quando Miguel Arraes era prefeito e se candidatava a governador. A finalidade imediata era eleitoral, de alfabetizar as massas, que certamente votariam nele se pudessem (no Brasil o analfabeto, 50% da população, não vota). Havia intenção também de estimular toda sorte de organização do povo em torno de interesses reais, de cidade, de bairro e mesmo folclóricos, a fim de contrabalançar a indigência e o marginalismo da massa; seria um modo de fortalecê-la para o contato devastador com a demagogia eleitoral. O programa era de inspiração cristã e reformista, e a sua teoria tinha centro na “promoção do homem”. Entretanto, em seus efeitos sobre a cultura e suas formas estabelecidas, a profundidade do MCP era maior. A começar pelo método Paulo Freire, de alfabetização de adultos, que foi desenvolvido nesta oportunidade. Este método, muito bem-sucedido na prática, não concebe a leitura como uma técnica indiferente, mas como força no jogo de dominação social. Em consequência, procura acoplar o acesso do camponês à palavra escrita com consciência de sua situação política. Os professores, que eram estudantes, iam às comunidades rurais e, a partir da experiência viva dos moradores, alinhavam assuntos e palavras-chaves - “palavras geradoras”, na terminologia de Paulo Freire - que serviriam simultaneamente para discussão e alfabetização. Em lugar de aprender humilhado, aos 30 anos de idade, que o vovô vê a uva, o trabalhador rural entrava, de um mesmo passo, no mundo das letras e no dos sindicatos, da Constituição, da reforma agrária, em suma, dos seus interesses históricos. Nem o professor, nesta situação, é um profissional burguês que ensina simplesmente o que aprendeu, nem a leitura é um procedimento que qualificou simplesmente para uma nova profissão, nem as palavras e muito menos os alunos são simplesmente o que são. Cada um desses elementos é transformado no interior do método - em que de fato pula um momento da revolução contemporânea: a noção de que a miséria e seu cimento, o analfabetismo, não são acidentes ou resíduo, mas parte integrada no movimento rotineiro da dominação do capital.

Assim, Schwarz (2009, p. 21) entende que a conquista política da escrita rompia os quadros destinados ao estudo, à transmissão do saber e à consolidação da ordem vigente, e o país se mostrava “irreconhecivelmente inteligente”. É claro que no método estavam presentes o arcaísmo da consciência nacional e a reflexão especializada de um alfabetizador; entretanto, a despeito desta conjunção, “poderia haver alfabetização” e, assim, “a técnica era politicamente orientada” (Schwarz, 2009, p. 33).

Em 1980, Alfredo Bosi (1980, p. VI), crítico e historiador da literatura brasileira, analisando a cultura universitária de São Paulo e seu distanciamento da vertente nacionalista, dirá que “ela nada teve que ver com qualquer prática nacional-popular” e que para entendê-la era necessário reconhecer suas filiações profundas: “primeiro oligárquica, depois de classe média nobilitada pelo status na hierarquia docente”, além de verificar seu descentramento em face do poder e dos meandros da prática intelectual. Aponta:

A Universidade fez ciência social nos moldes franceses e americanos, correndo, às vezes inconscientemente, o risco de ser positivista e funcionalista, logo “cientificamente” neutra; e de alhear-se, durante largos anos, ao processo de “conscientização” que se promovia em outras áreas menos acadêmicas da inteligência brasileira, das quais saiu, certamente, o mais belo projeto de cultura popular que se conhece na História da América: o método de alfabetização de Paulo Freire. Aquele afastamento de qualquer prática popular foi o tributo pago por uma universidade asséptica, laboriosa e penetrada até o âmago dos ideais do rigor acadêmico. [...] [assim] a Universidade saiu-se com as mãos limpas dos embates ideológicos do tempo, mantendo-se ao largo do nativismo retórico dos isebianos e da demagogia dos vários populismos. Mãos limpas, mãos vazias [...]. E algum maldoso perguntará: que esperança ela deu, ou podia ter dado, àqueles que ela estudava tão exemplarmente? Aos homens da fábrica, aos homens do mundo caipira, aos migrantes da periferia, aos pretos discriminados, aos índios acuados, a não ser o prognóstico realista de que todos estavam condenados à urbanização sociopática, à mais-valia, à alienação, à miséria e à morte. A ciência, obtida com tanto labor, duplicava afinal com o signo de sua autoridade o senso comum do homem oprimido que vê nos males do presente o triste mas fatal preço da civilização que, no caso vertente, se confundia com um subproduto do desenvolvimento capitalista. A atitude moral que enformava, então, os trabalhos universitários [...] não podia ir além do impiedoso voto. *Vae Victis!* [Ai dos vencidos!].

Em outros termos: a cultura mais coerente estava fazendo um trabalho de reconhecimento da realidade empírica. Esta se apresentava como uma série de “fatos” ou de “traços” peculiares a um momento de aceleração do sistema capitalista dentro e fora do Brasil. Ocupada com o retrato objetivo da “transição do tradicional para o moderno”, ela não poderia ter visto que a ciência “pura” acompanha o curso da dominação (Bosi, 1980, p. VI- VII).

Este é o Paulo que me alegra homenagear.

E podemos concordar com Schwarz, quando sugere que o rastro da repressão de 1964 compôs outra camada geopolítica no país, uma crosta difícil de ser arrancada. Os grupos da pequena burguesia nacional conseguiram ativar sentimentos arcaicos de “bestice rural e urbana e saíram à rua na forma da ‘Marcha da Família com Deus e pela Liberdade’, movimentaram petições contra o divórcio, a reforma agrária, o comunismo etc.” (Schwarz, 2009, p. 22). Ressurgem as velhas fórmulas rituais, patrimoniais e hitherianistas, anteriores ao populismo, em que setores marginalizados e mais antiquados da burguesia revelam sua falta de contato com o que se passa no mundo:

A célula da nação é a família, o Brasil é ativo, nossa tradição é cristã e as frases não mais refletem realidade alguma, embora sirvam de *passé-partout* para a afetividade e de caução policial-ideológica a quem fala. Os inquiridos policiais esquadrinham a subversão e rebaixam os horizontes: “O professor de Filosofia acredita em Deus? – O senhor sabe inteira a letra do Hino Nacional? As meninas da Faculdade são virgens? Quem pratica amor livre? Que nomes estão na lista do paredão?” (Schwarz, 2009, p. 22).

Paulo foi acossado por essa “bestice” e permaneceu resistindo sem se colocar na posição de vítima. Insistiu na conscientização como recurso individual e coletivo de organização política “confiança no povo, fé na humanidade e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 1988, p. 184). Qualquer semelhança com os tempos atuais não é mera coincidência (Mazza, 2022).

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 1978;
- BOSI, Alfredo Um testemunho do presente. In: MOTA, Carlos G. *Ideologia da Cultura Brasileira. (1933- 1974) pontos de partida para uma revisão histórica*. 4. ed. 2. imp. São Paulo: Ática, 1980. p. I- XVII.
- FOTO: intervenção: ilustração. 2001. 1 fotografia. Disponível em: <http://www.35anos.unicamp.br/intervencao.html>. Acesso em: set. 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos*. 5. imp. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora (org.). *Universidade e compromisso popular*. Campinas: PUCCAMP, 1986.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora *Na escola que fazemos. Uma reflexão interdisciplinar em Educação Popular*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora *Fazer conhecendo a vida*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1990;
- GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire. Uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: Unesco, 1996.
- GOMES, Eustáquio. Terceiro Reitor é escolhido em clima de conflagração. In *Jornal da Unicamp*. Edição 331, 31 de julho a 06 de agosto de 2006, p. 6-7. Disponível: https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/julho2006/ju331pag6-7.html. Acesso: 20/11/2023.
- MANIFESTAÇÃO contra a intervenção na Unicamp. 2014. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/592/passado-limpo>. Acesso em: set. 2022.
- MAZZA, Débora. Paulo Freire e o pensamento educacional brasileiro. In: PAIXÃO, Alexandro H.; MAZZA, Débora; SPIGOLON, Nima I. (org.). *Centelhas de transformações – Paulo Freire e Raymond Williams*. São José do Rio Preto: HN, 2021a. p. 191 – 221.

MAZZA, Débora. Paulo Freire na Unicamp: o ranço autoritário e o verniz democrático. Seção Comemorativa Paulo Freire 100 anos. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 42, p. 1-27, 2021b. Disponível em: <https://search.scielo.org/?lang=pt&q=au:Mazza,%20D%C3%A9bora>. Acesso em: fev. 2022.

MAZZA, Débora. O contributo de Paulo Freire para a educação e o contraponto do Projeto Escola sem Partido (PESP). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021c. p. 70- 81.

MAZZA, Débora. Paulo Freire na Bolívia: reminiscências. *A terra é redonda*, [S. l.], 24 mar. 2021d. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/paulo-freire-na-bolivia-reminiscencias/?doing_wp_cron=1625874056.0448689460754394531250. Acesso em: 15 jul. 2021.

MAZZA, Débora. *Paulo Freire, a cultura e a educação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

MAZZA, Débora. Paulo Freire, um homem que amava as pessoas e os cachorros. *ETD- Educação Temática Digital*. Campinas: SP. Vol. 25, p. 1-8, 2023. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8670206/32531>. Acesso 20/11/2023.

MAZZA, Débora; SANTOS, Maria Helena dos. Notas sobre o movimento de ocupação das escolas em São Paulo. In: BRASIL DEBATE. [S. l.], 16 fev. 2016. Disponível em: <https://brasildebate.com.br/notas-sobre-o-movimento-de-ocupacao-das-escolas-estaduais-em-sao-paulo/>. Acesso em: 5 set. 2022.

MAZZA, Débora; AOKI, Francisco H.; SANTOS, Nelson R. dos; SANTIAGO, Silvia Ma.; VARANI, Adriana. Uma experiencia precursora do SUS com a participação de Paulo Freire. In *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. Manginhos, RJ, 2024, p. 1-16 (no prelo).

NOGUEIRA, Adriano (org.). *Estendendo Fronteiras. A extensão e a pesquisa na formação do educador*. 2. ed. Taubaté: Cabral Editora e Livraria, 2004.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

UNICAMP. A intervenção. In: UNICAMP. *35 anos da Unicamp*. Campinas: Unicamp, 2001. Disponível em: <http://www.35anos.unicamp.br/intervencao.html>. Acesso em: set. 2022.

5.17.

RUBEM ALVES³⁸

Escrever sobre Rubem Alves (1933-2014), nosso querido, saudoso e amoroso professor Rubão, nesta ocasião de lembrar um dos grandes educadores de nossa valente Faculdade de Educação (FE), em razão da celebração de seus 50 anos de existência, é um dos maiores desafios para minha vida de educador, de professor e mesmo de aprendiz. Pois muitas coisas aprendi com Rubem Alves. Assim, sinto-me sempre aprendiz diante da memória eloquente de Rubem Alves, que, com outros tantos próceres, construíram nossa identidade institucional e pedagógica nesse meio século de resistência e criação. A reverência toma lugar destacado em minha mente pela proximidade afetiva e pela honesta imagem que a memória mantém no quadro profundo que reveste minha alma.

Vou começar pelo mais simples. Ele foi um intelectual de referência para minha geração. Eu preciso explicar que escrevo entre muitas contradições, pois fui seu aluno, nos anos 1980 e 1990, cursando todas as disciplinas que ele dispunha, para encantar-me sempre com sua poesia, com sua inalienável erudição, com sua insuperável criatividade, ao lado de sua incomparável fineza e sagacidade. Como aluno, admirei Rubem Alves e sua sedutora pedagogia da amorosidade e da humanização.

Depois, no transcorrer dos anos 1990, chegando mesmo até a primeira década deste milênio, estivemos juntos em muitas e diversas trincheiras de lutas pela Educação, pela formação de professores, em ciclos de debates, em frentes de trabalho e de reflexão conjuntas. Ao fim daquela década, tive a honra de ser

³⁸ Título original: Rubem Alves, esticador de horizontes! Autoria: César Nunes, professor titular de Filosofia, Departamento de Filosofia e História da Educação.

aprovado como professor no mesmo Departamento de Filosofia e História da Educação, no qual ele brilhava e protagonizava. Ali, nas reuniões de praxe, quase nem falava, ficava olhando, ouvindo, curtindo, quase que secretamente, essa honra e distinção de com ele conviver, com outros tantos educadores que marcaram esta FE e nossas vidas. Rubem Alves, para mim, tem muitas faces e muitas riquezas, pois foi (e ainda é, para quem fica na memória da cultura e da civilização) um homem de muitas virtudes. Mas, para fazer este texto e para conseguir escrever esta página de homenagem, solicitada pela Comissão Organizadora da Celebração dos 50 anos da FE da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), eu precisava saber dizer todas as coisas que sinto e penso de Rubem Alves, a partir de um fio da meada, de um nome comum, de um guarda-chuva epistemológico e educacional no qual coubessem todos os outros adjetivos e todas as demais dimensões de seu ser exuberante e único. Levei alguns dias campeando estéreis plagas de lembranças e indutivos temas de inspiração, um tanto perdido, sem sorte, sem ânimo ou sucesso.

Procurei em seus livros — o que sempre revela o ser de todos nós que escrevemos — na esperança de encontrar ali alguma inspiração para um título cabal, que desse conta da identidade de Rubem Alves e que fosse o tema aglutinador de sua diversa e polifônica alma e identidade. Destarte, tentei algumas criações, com alguma coragem, como estas: *Rubem Alves, o educador dos (de) jequitibás*, depois mudei para *Rubem Alves, o homem que amava os ipês-amarelos*, e concluí, precariamente, que o melhor título seria, *Rubem Alves, o jardineiro prudente*. Não fiquei convencido de nenhum desses ensaios, tentei outros, aqui e ali, lá e acolá. Mas qual o quê. Não me convenci de nenhum deles; voltei à carga, escrevi *que talvez pudesse ser Rubem Alves, o admirador de caquis*, e logo mais fiquei feliz com esses achados, *Rubem Alves, o filósofo das jabuticabas*, cheguei até a decidir que seria o seguinte título: *Rubem Alves, educador dos sonhos*. Ainda assim fiquei insatisfeito, delirava dentro de mim um vazio, um sinal de falta, uma lacuna, uma sensação de ausência, um mal-estar. Não sentia que começara bem. Tentei, dias depois, o título

Rubem Alves, *o encantador de pássaros*, depois cheguei, já cansado, ao metafórico tema *Rubem Alves, o anunciador de auroras*. Pensei em radicalizar, o destruidor de gaiolas, o arauto dos galos, o elogiador de águias, em tudo eu ficava insatisfeito. Nenhum desses possíveis títulos me convencia. Nesses casos, de patente ausência de fio da meada, eu costumo recuar, parar. E eu guardo os textos anteriores, esperando que, em algum momento, as arbitrariedades da inspiração me capturem novamente. E, numa tarde fria de inverno, nesses difíceis dias de reaprender a conviver com as pessoas, após o longo e penoso confinamento da pandemia da Covid-19, sentado nos jardins da FE, lendo um pequeno livro de Manoel de Barros, o poeta desordeiro e sapista, meus olhos cravaram-se numa brilhante expressão deste magistral poeta pantaneiro: *o esticador de horizontes*! Era esse, estava feito, encontrara o título da pequena homenagem a meu mestre Rubem Alves! Ele foi, definitivamente, um *esticador de horizontes*! Ficou assim, por essa razão, esse pequeno começo: Rubem Alves, o esticador de horizontes! E eu acho que este texto ficaria bom somente pelo começo, já teria dado conta da grandeza de Rubão.

Rubem de Azevedo Alves nasceu em Boa Esperança, Minas Gerais, em 15 de setembro de 1933. Sua cidade natal foi sempre um tema recorrente de seus livros e de muitos de seus escritos, a experiência cultural e afetiva mineira sempre esteve presente em seu ser, em seu escrever e ensinar. Gosto de gente que não esquece — nem perde — suas raízes. Faleceu em Campinas, estado de São Paulo, no dia 19 de julho de 2014. Foi teólogo e pastor presbiteriano. Assim rezam os excertos biográficos de Rubem Alves. Mas eu queria acrescentar algumas coisinhas, poucas, mas significativas.

Foi escritor de livros de Filosofia, produziu obras referenciais de Teologia, escreveu clássicos na área de Educação e criou alguns dos mais belos livros de literatura infantil do Brasil. É reconhecido hoje como um dos mais destacados educadores e pedagogos do país. Sua obra e sua atuação intelectual o colocam hoje como um dos fundadores e inspiradores do que se tem como Teologia da Libertação,

matriz de seu legado e de parte de sua identidade teológica universalista. Foi considerado subversivo por sua atuação nos anos 1960 e teve que se exilar nos Estados Unidos. Foi professor do Instituto Presbiteriano de Lavras, Minas Gerais (MG), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, São Paulo (SP) e fez carreira na FE/Unicamp, SP, onde se aposentou e foi homenageado como professor emérito até seu passamento. Em meados de 1980, obteve a titulação de psicanalista e, anos mais tarde, foi eleito para a Academia Campinense de Letras, pelo conjunto de sua obra. Rubem Alves viveu muitos desafios de seu tempo e de sua conjuntura. Escreveu em jornais, assumiu posições políticas, engajou-se na defesa da Constituição Federal de 1988, entre outras tantas coisas que fez.

Rubem Alves reunia a erudição criteriosa à alegria e vivacidade do cotidiano, como expressão pouco percebida da vida. Pode ser considerado um humanista clássico. Era um homem profundamente marcante. Sua formação teológica e sua larga e profunda formação cultural sempre estiveram regidas pelo gosto da poesia, pela exuberância da literatura, pela aversão a toda forma de dominação e de violência, pela celebração da vida e pelo amor à educação, às crianças, às flores e às árvores, aos versos e às músicas, às frutas e bosques, aos jardins e aos pássaros. Rubem Alves era um homem de amores, de devoções, de contemplações distintas. O que sua alma alcançava ver ele escrevia, nos livros, nas crônicas, nos jornais e em seus apontamentos. Depois proclamava em suas palestras, em concorridas conferências, em suas memoráveis aulas, com a reconhecível intenção de encantar a todos para a beleza e instigar para o reconhecimento da originalidade da vida, para a graça da existência e para a tarefa inadiável de ser feliz!

Como já anunciei, estou dividido entre duas situações, fui seu aluno na Unicamp, depois tive a honra de ser seu colega na Faculdade de Educação (FE), no Departamento de Filosofia da Educação. Convivi com Rubem Alves em muitos espaços, depois, em muitos congressos e eventos de Educação pelo país, em viagens e pousadas comuns, em longas conversas e inesquecíveis encontros. Seu olhar era

generoso e especulativo, olhava dentro de nós. Sua palavra era doce e solene, ao mesmo tempo. De um fato simples e comum, do dia a dia, ele tirava uma ilação reflexiva, extraía uma inalienável poesia, delineava o sentido mais distante do que aquele sentido que todos víamos. Com Rubem Alves, aprendi que ensinar não precisa ser um ato autoritário, uma atitude impositiva; ele dizia que ensinar tem que ser um gesto de alegria, de amor, de abertura, de convencimento, de comunhão, de sedução amorosa. Aprender seria como digerir algo com sabor, o saber tinha que ter sabor, um banquete da alma! Isto provocou uma revolução em minha formação rigidamente autoritária. Quando li seus livros clássicos de *Filosofia da Ciência* (1978) e *O Enigma da Religião* (1981), ainda estudante de Teologia, eu não sabia que Rubem Alves seria um dos mais importantes interlocutores da Educação no Brasil. Sua obra *Conversas com quem gosta de ensinar* (1982) mudava radicalmente a abordagem da Educação no Brasil, até então rigorosamente estruturalista e tecnicista, abrindo espaço para a consideração da relação humana e da alegria de ensinar e de educar, pautas temáticas distantes da política de formação de educadores hegemônica naquele momento. Seu humanismo, político e educacional, influenciava profundamente minha geração.

As obras de literatura infantil escritas pelo Professor Rubem revitalizaram essa área com original beleza, com destacada fantasia e celebravam enredos de muita ternura ou vibrante alegria pela vida e pela condição das crianças. Livros como *Ostra Feliz Não faz Pérolas* (2008), *A Volta do Pássaro Encantado* (2009), para ficar em alguns, ainda hoje encantam as crianças e inebriam os jovens, enternecem a todos os que não deixaram a criança interior morrer dentro de si. Enfim, um homem, um educador, que espalhou sua alma por seus livros, por suas estórias, por suas aulas, por seus encantamentos! Sua alma deve estar também na FE, em seus jardins e árvores, que ele admirava sempre. Aprendi com ele a ser coerente, quando me perguntou: de que adianta cultivar jardins, admirar flores, se você não passeia por

eles, não celebra as flores, não as contempla, não as cheira, não as admira? Ainda ressoam em mim essas verdades ditas de maneira tão simples e belas.

Em suas aulas, ousava escrever algumas máximas latinas e deixava sempre as pessoas livres para conversar, sempre interagindo com alegria e doce provocação. Eu saía perturbado da sala e quando o encontrava pelos corredores contava-lhe isto. Ele ria e dizia: “pois é para isso que existem as aulas, as escolas, a educação, para desalojar, para inquietar, para incomodar, para fazer cada um pensar e sentir por si!”. E concluía com uma convincente confissão: “só assim vale a pena ser professor e ser educador!”. Lembro que alguns destes axiomas ficaram para sempre vinculados ao professor Rubem Alves: *Tempus fugit*, o tempo passa muito depressa, para acentuar a necessidade de viver com intensidade todos os momentos; *Carpe Diem*, aproveita plenamente o dia de hoje, vive sua vida na profundidade deste momento; *Ridendo dicet severum*, ou ainda a forma *Ridendo castigat mores*, que pode ser entendido como podemos ensinar com alegria e riso as coisas mais sérias, ou sorrindo podemos questionar os costumes. Essas estão entre tantas outras tantas lições de amor, de pedagogia e de cultura geral humanista!

Sempre admirei o professor Rubem Alves. Mas, quando ele redigiu um parecer sobre Paulo Freire, outro gigante que passou por nossa FE, protagonizando uma das mais belas manifestações de companheirismo acadêmico da Unicamp e da FE, essa admiração tornou-se quase uma devoção. As hordas tecnicistas e burocráticas da universidade, na intenção de dificultar a renovação do contrato de Paulo Freire com a FE/Unicamp, em razão de sua estatura política e pedagógica, pedem um parecer instrucional de um professor titular, decerto com o objetivo de desqualificar o atual patrono da educação brasileira, solicitando dados como titulação, assiduidade, produtividade, enfim, as sinecuras acadêmicas de sempre, e esse pedido caiu nas mãos de Rubem Alves. Seu parecer é hoje uma página inolvidável, documental e crítica, da história da FE, da liberdade de cátedra e da defesa humana dos docentes. Ele assim intitula seu parecer: “Parecer de quem se

recusa a dar um parecer, perguntando, acaso a Universidade não conhece Paulo Freire, de modo que precisa de um Parecer para recomendar sua continuidade entre nós?” Um tapa com luva de pelica na tradição burocrática. Sempre quis, quando crescer, ser assim como Rubem Alves.

Enfim, Rubem Alves renovou, de certo modo, a identidade da Pedagogia no Brasil, com suas obras e com sua presença! Inseriu no debate institucional a questão do amor, da alegria, dos afetos e das relações esteticamente elevadas, como substrato humanista da Pedagogia, como *elán* ou *ethos* educacional e escolar, cultural ou não-formal. Falava de jequitibás, de ipês amarelos, de jabuticabas e de caquis para educar para a alegria, para a beleza de ver o mundo como jardim de possibilidades e de encontros! Defendia a educação e a escola do amor! Proclamava a escola e a Educação da humanização, da beleza de viver! Por isso, neste ensaio, esta justa homenagem nesse celebrativo momento admirável de nossa FE, seus 50 anos, dedicada a Rubem Alves, para consagrar a tese de que questão da Humanização e da Cidadania, no Brasil, tem inspiração em sua obra, em sua vida, em sua coerência, como pessoa, como educador, como cidadão e como educador, como Esticador de Horizontes!

Inverno de 2022.

5.18.

SERGIO LORENZATO³⁹

A nós, docentes, a trajetória de um professor como Sergio Aparecido Lorenzato põe a pensar sobre o ofício do Magistério. Ele foi um normalista que, inspirado por cursos de Benedito Castrucci, Manoel Jairo Bezerra, Osvaldo Sangiorgi e Malba Tahan tornou-se professor de Matemática. Em 1972, recebeu convite de José Aloísio Aragão, com quem trabalhou na Universidade de Brasília (UnB), para lecionar na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi parte da geração de docentes que implantou a FE/Unicamp e um artífice dedicado da Educação Matemática, sempre trabalhando na formação inicial e continuada de professores. Ao longo da carreira, viu essa faculdade iniciar e mudar.

Cofundador do Centro de Estudos Memória e Pesquisa em Educação Matemática (Cempem), onde escreveu, com Dario Fiorentini, o importante *Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos*, e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da FE/Unicamp, pelo qual orientou quase uma dezena de teses e mais de duas dezenas de dissertações, hoje é um colaborador incomum da universidade. Engajou-se na formação continuada de professores, criando, em 2009, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática nos/dos Anos Iniciais, agora chamado Grupo de Pesquisa Psicologia da Educação Matemática e Formação de Professores (Psiem-Gepemai). Desde então, quinzenalmente, reúne-se com professores mestres e doutores em Matemática ou Pedagogia, que ensinam Matemática em diferentes estados do Brasil, com

³⁹ Autoria: André Paulilo, docente do DEFHE/FE/UNICAMP

professores de Educação Especial e com futuros docentes para discutir os atuais desafios à compreensão da Matemática.

Os esforços de Lorenzato para a popularização da Matemática merecem tanta atenção quanto suas muitas contribuições acadêmicas para a área em que atua. Especialmente, a produção intelectual do professor Lorenzato precisa ainda de uma atenção bem versada nas questões da Educação Matemática para a adequada compreensão de seu escopo e sentido. Para meu propósito de reconhecer a importância de seu pensamento para o ofício do Magistério, no entanto, não poderei fazer nem uma coisa nem outra aqui, porque não ensino nem pesquiso a Matemática. Ainda assim, insistirei em meu propósito com um testemunho de sua contribuição para a área em que atuo e que, insisto ainda uma vez, não é a Matemática nem seu ensino, mas a História da Educação.

Não sendo da Matemática nem egresso da Unicamp e professor de outra área, conheci o professor Lorenzato quando do debate no qual eu pleiteava uma indicação dos colegas da FE para coordenar o Centro de Memória da Unicamp. Lorenzato, gentilmente, indagou sobre os planos que eu tinha para a organização do acervo do Prof. Júlio César de Mello e Souza. Tratava-se do acervo pessoal de Malba Tahan, autor do livro *O homem que calculava*, professor com quem Lorenzato havia tido aulas num curso de formação da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades) em São Carlos, cuja documentação foi o principal responsável por trazer à Unicamp. Confesso não lembrar exatamente o que então lhe respondi, mas alguma coisa do que eu havia me comprometido a fazer devo ter, de fato, feito, pois tornamo-nos amigos.

A organização do acervo do Malba Tahan no Centro de Memória da Educação aproximou-me de um capítulo da História da Matemática e de Lorenzato e seu grupo colaborativo, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática nos/dos Anos Iniciais (Gepemai) e nos permitiu alguns trabalhos juntos.

Conjuntamente, organizamos a exposição Matemática Feliz e o projeto Malbatemática que, sob a coordenação do Gepemai, iniciou-se, em 2015, no V Seminário Nacional de Histórias de/em Aulas de Matemáticas (Shiam) e já chegou à oitava edição como semana da Matemática na FE. É sua também a organização do dossiê “A contribuição de Malba Tahan para a Educação Matemática: a atualidade das lições do mestre”, na Revista de Educação Matemática. Lorenzato tem sido incansável no trabalho em torno da memória de Malba Tahan. Escreve e fala sobre a obra e a atuação de Malba Tahan e, mais ainda, tomou para si a responsabilidade de fazer da Matemática o meio para uma aprendizagem significativa do mundo que nos cerca. Suspeito que, como Malba Tahan, Lorenzato desconfia do algebrismo ainda tão presente no ensino dessa disciplina.

Lorenzato cultiva uma visão e um sentimento acerca da Matemática profundamente educativos, banhada da leitura de Malba Tahan. Por um lado, faz perceber essa disciplina de modo afável e acessível, como uma área mesmo de possibilidades e surpresas. Por outro, no entanto, é crítico do formalismo exagerado, das demonstrações apenas apoiadas no raciocínio lógico-dedutivo, da mera algebrização da Matemática e do empirismo inoperante. Tendo em vista uma aprendizagem significativa da Matemática, busca sempre equilibrar o intuitivo e o dedutivo, o concreto e o abstrato, o experimental e o lógico. Sabe fazê-lo, como poucos souberam, escrevendo e falando, conforme mostram seus textos e eu próprio posso testemunhar.

Sem ser matemático, docente ou pesquisador dessa área ou mesmo de sua história, tornei-me leitor do professor Lorenzato para prolongar nossas conversas sobre triângulos, circunferências, área, camelos e a inevitabilidade dos porquês nas aulas... Imagino, ao ler títulos como *Educação Infantil e Percepção Matemática* e *Para aprender Matemática*, quanto esforço lhe custou para fazer de modo simples um trabalho sobre conceitos e raciocínios que complicam a vida escolar de um enorme contingente de não-iniciados na linguagem dos números. Penso que, a seu modo,

ou melhor, ao modo de seu tempo, continua os esforços de Malba Tahan para interessar as novas gerações de estudantes e docentes pela Matemática. Certamente, está entre aqueles que consideram todos capazes de aprender Matemática e compreender seus formalismos e utilidade prática. Recentemente, a publicação, com Ricardo Pombal, do livro infantil *Os sapos no quintal de Camila* mostra-o com propriedade.

De início, professor normalista, Lorenzato se doutorou na FE já docente da Unicamp e fez o Pós-Doutorado em Educação Matemática na Université Laval (Quebec/Canadá) sem secundar as questões do ensino e da aprendizagem. O modo como cultivou porquês e acumulou respostas oferece uma pista segura da configuração conceitual a partir da qual uma geração de docentes estabeleceu na FE/Unicamp uma perspectiva de Educação Matemática voltada à pesquisa e ao desenvolvimento de ferramentas para fazer da Matemática uma área franca de aprendizagem. Sua trajetória docente, seu trabalho em torno da memória de Malba Tahan não só chama a atenção para as dificuldades da escola nessa área e inspira enfrentá-las, como contribui para pensar em perspectiva histórica a questão da inovação no ensino da Matemática e de sua popularização. Nesse sentido, seu empenho para pôr o arquivo Malba Tahan sob a custódia da Unicamp foi mais uma inventiva para contribuir com o estudo do ensino-aprendizagem da Matemática.

Professor experimentado, escritor profícuo e exímio conversador, Lorenzato é um intelectual de tipo raro. Pessoa profunda, de cordialidade discreta e especialmente gentil, é atento ao interlocutor e hábil cultivador de sua atenção. Seu trabalho ensina-nos que a atenção é algo que se cultiva no outro e, também, que esse cultivo depende de uma mutualidade de relacionamento. Sob esse aspecto, aproxima-se de Malba Tahan, para o qual trabalha pela memória, e de toda uma linhagem de educadores que não deixam esquecer que a educação também é exemplo e que o ensino depende de um corpo a corpo empenhado na aprendizagem do outro. Pois bem, aluno de Malba Tahan nos cursos da Cades, antes de chegar à

Unicamp, foi professor assistente na UnB, entre 1966 e 1968, instituição que Anísio Teixeira havia criado com Darcy Ribeiro em 1962 na nova Capital Federal. Na Unicamp, teve Newton Balzan como orientador de tese e foi contemporâneo de Paulo Freire, Joel Martins e Maurício Tragtenberg. Em Quebec, na Université Laval, trabalhou com C. Gaulin e G. Noelting.

Por sua trajetória e por seu trabalho, Lorenzato tornou-se mestre e amigo de várias gerações e, em meio a elas, manteve-se inconformado com, entre outras tantas coisas, as rotinas pedagógicas. Ainda em 1976, quando escreveu a tese, preocupava-o “o fenômeno do baixo rendimento e do alto índice de reprovações em Matemática”. Agora, os resultados do ensino da Matemática mantêm-no inquieto e insatisfeito, animando-o a continuar o trabalho de formação nessa área. É daqueles que admira e dá força aos novos, que estimula atitudes de inovação.

Quando, na Unicamp, encontramos-nos na FE, Sergio não demorou a revelar-se inquieto a respeito da falta de maravilhamento com a Matemática que ainda se espalha pelas escolas do país e um perspicaz incentivador da curiosidade. Sem ser matemático, docente ou pesquisador da área e sem ousadia de rememorar minhas próprias experiências com a Matemática, procurava manter a atenção de Lorenzato compartilhando as descobertas que fazia em meio à organização do acervo de Malba Tahan. Professor experimentado e especialmente atento ao interlocutor, Lorenzato me presenteou com um livro intitulado *A fascinante história da Matemática*, de Mickaël Launay (2019, p. 8), um jovem matemático que se dedica à divulgação, em que se pode ler já nas páginas iniciais:

É perfeitamente possível gostar de música sem ser músico ou compartilhar uma bela refeição sem ser um grande cozinheiro. Por que, então, seria necessário ser matemático ou ter uma inteligência excepcional para entrar no mundo da matemática ou deixar a mente ser provocada pela álgebra ou pela geometria?

Este é o engajamento do Prof. Lorenzato, todo orientado para provocar o maravilhamento com a Matemática, voltado para o encantamento com a lógica distributiva das formas e, especialmente, atento a cada um e a todo mundo com “uma pontinha de audácia, uma boa dose de curiosidade e um pouco de imaginação” (LAUNAY, 2019, p. 253). Intelectual de tipo raro, Lorenzato tem a capacidade de acolhimento e disposição em cultivar a curiosidade, o que faz dele um professor necessário e uma presença marcante.

REFERÊNCIA

LAUNAY, Mickaël. *A fascinante história da matemática – da pré-história aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

5.19.

VALDOMIRO RIBEIRO⁴⁰

Valdomiro era um funcionário da manutenção que atuava na função de pintor.

Valdomiro era um artista nato, sua sala na manutenção não era uma simples sala, era seu ateliê, onde, em meio as tintas e acessórios, ele criava suas obras. Estava sempre desenhando, pintando e inventando alguma coisa.

Realizava suas atividades com muito capricho! As paredes eram retocadas até que não apresentassem nenhuma manchinha, pois o Pintor era muito exigente com seu trabalho. Fazia questão de entregar um trabalho perfeito. A qualidade de seu serviço nunca era questionada, pois ele dizia que fazia bem-feito para nunca ter que refazer.

Fora das atividades formais de sua função, ele amava desenhar caricaturas das pessoas de quem ele gostava e das pessoas com quem tinha algum desafeto. A caricatura era uma forma que ele encontrava de agradar os amigos e provocar os “menos” amigos, digamos assim.

As brincadeiras e provocações envolvendo o Valdomiro eram muitas. Mas vale a pena deixar claro que tudo era muito bem aceito na época.

Na Faculdade de Educação (FE), aconteciam muitas travessuras de criança. Sim, a FE era uma extensão de nossas casas, víamos ali um ambiente lúdico, principalmente para os funcionários da Manutenção e Serviços Gerais. Todos trabalhavam bastante, as duas áreas eram bem alinhadas, as equipes interagiam muito, e isso contribuía positivamente para a realização das tarefas, mas favorecia

⁴⁰ Título Original: O que dizer de Valdomiro? Autoria: Cleonice Pereira Pardim de Oliveira, Coordenadora da Administração Predial da FE/UNICAMP.

as estripulias também! Alguém sempre aprontava alguma, e, em quase todos os episódios, Valdomiro estava envolvido. Ele era muito bom nisso!

Valdomiro aprontava tanto que, sempre que acontecia algo de errado na FE, ele era o primeiro a ser lembrado. Por exemplo, quando sumiam doces na geladeira, apareciam caricaturas nas lousas das salas de aula e/ou estouravam uma bomba, todos se perguntavam: onde está o Valdomiro?

Falando em bomba, vale recordar que tivemos o senhor bomba na FE. Os antigos vão lembrar que, de tempos em tempos, estouravam uma bomba (fogos de artifício) dentro dos banheiros. Rolou até carta ao Sr. Bomba com direito de resposta. O responsável pelas bombas nunca foi identificado.

Voltando a falar do Valdomiro, ele sempre será lembrado por seu jeito peculiar de viver, andava com uma câmera *Polaroid* supermoderna, que poucos tinham na época, fotografando a tudo e a todos. O bolso de seu jaleco de trabalho parecia uma cartola de mágico, pois o tempo todo ele colocava a mão no bolso e tirava um doce, parecia uma doceria sem fim. Certo dia nos surpreendeu, foi embora precocemente.

Ele, com seu humor sarcástico, arrancou de nós tantas gargalhadas, mas nos fez chorar, saindo de cena no espetáculo de sua vida aqui na terra bem no dia da confraternização da FE. Chegamos para trabalhar e fomos surpreendidos com a notícia de que ele tinha ido embora. A tristeza invadiu a FE; após um tempo, ficou um misto de lágrimas e risadas, porque cada um tinha uma história engraçada do Valdomiro para contar.

O que falar mais de Valdomiro...? Falar de Valdomiro é falar da amizade de uma pessoa que viveu intensamente enquanto esteve aqui, marcou presença na FE como profissional e como amigo indo embora deixando saudades e ótimas recordações.

Valeu, Valdomiro!

5.20.

VICENTE RODRIGUES⁴¹

Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância
digam “não”
Mesmo esquecendo a canção
O que importa é ouvir
A voz que vem do coração

(Milton Nascimento, *Canção da América*).

Ao iniciar esta tarefa de oferecer uma homenagem escrita a meu grande companheiro de trabalho e, principalmente, meu querido amigo Vicente, vi-me, desde logo, diante de uma encruzilhada: “Como escrever sobre um colega de trabalho que se tornou um grande amigo e por quem fui desenvolvendo um afeto, uma confiança e um respeito que poucas vezes logramos ver florescer ao longo da vida? Será que relembrar os caminhos por ele trilhados, os logros conquistados em sua atividade profissional, é suficiente? Ou deixamos isso que já está registrado nos documentos oficiais e nos detemos em nossas trocas de confidências, nos laços de afeto e de amizade que tecemos ao longo de anos de compartilhamento de atividades profissionais? A escolha me pareceu evidente, como expressam os lindos versos de Milton Nascimento. Ao começar a escrever, contudo, dei-me conta de que

⁴¹ Título Original: Homenagem a Vicente Rodriguez. Autoria: Márcia de Paula Leite, professora plena, Programa de Pós-Graduação em Educação da FE/Unicamp.

nossos laços de amizade se desenvolveram no entrecruzamento de nossas atividades profissionais, durante quase 20 anos de convivência, em que os embates pessoais se cruzaram com dificuldades e conflitos profissionais, nas batalhas de ideias e de práticas no Departamento de Ciências Sociais na Educação (Decise), na faculdade, no âmbito da universidade, assim como no enfrentamento de nossos problemas particulares e em nossos debates e discussões sobre os destinos da educação brasileira, da democracia no país e do futuro da humanidade. É um pouco dessa história e de como a vivi junto com Vicente que pretendo relatar aqui.

Quando Vicente Rodriguez chegou ao Decise, no final de 1997, eu já o conhecia, embora de maneira um pouco superficial, porque tínhamos alguns amigos comuns. Sua chegada foi muito bem-vinda: com uma rica experiência política de exílio na França durante quase uma década e de trabalhos com educação pública, Vicente era um argentino simpático e afável, aguerrido em suas ideias, que logo ganhou nossa confiança e admiração.

Naquela época, o Decise era um departamento praticamente feminino, o que fez com que o recebêssemos com muito prazer e muitas expectativas. Havia até uma brincadeira no departamento de que a primeira condição para que alguém fosse aprovado num concurso de seleção era que fosse do sexo masculino.

Brincadeiras à parte, Vicente cumpriu com nossas expectativas. Ele vinha de uma rica trajetória de trabalho com órgãos públicos de gestão e pesquisa no Brasil, com forte atuação na área de Educação Pública. Ademais, por meio de seu Doutorado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sobre a *Descentralização da Política Educacional no Brasil* (1987-1994), defendido em agosto de 1999, Vicente se consagrava como um especialista na área de Políticas Educacionais, com capacidade de nos ajudar a pensar o enorme conjunto de desafios que enfrentávamos, relacionados às conturbadas políticas educacionais brasileiras.

Logo após sua entrada no departamento, Vicente começou a fazer um trabalho de contato e discussão com a Secretaria Municipal de Educação de Campinas, o que nos permitiu desenvolver uma importante relação com as políticas educacionais da cidade, aprofundando as relações da faculdade com as políticas públicas de Educação. Por meio de sua atividade docente, Vicente criou uma equipe de pesquisa dedicada à análise de políticas públicas educacionais, a qual contava com cinco bolsistas de graduação ligados a seu projeto Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e dois bolsistas Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Essa experiência foi de grande valor na formação dos estudantes, tendo em vista que teve uma duração que permitiu um aprofundamento das discussões sobre os desafios da política educacional brasileira com os alunos. Essa estratégia de formação de alunos envolvendo-os em seus projetos consistiu num importante caminho trilhado por Vicente durante toda sua atividade docente.

Em 2001, por meio da participação conjunta em um Projeto que o Decise desenvolvia com o Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) francês, encontrei Vicente em Paris; eu, em meio a uma missão de trabalho de três semanas pelo projeto, e ele realizando um pós-doc pelo mesmo projeto na Université de Paris X. O encontro no estrangeiro, como não podia deixar de ser, aproximou-nos. Mas o mais importante é que, no final de minha missão de trabalho, no mesmo dia em que roubaram minha carteira de dentro de minha bolsa, em Paris, eu soube que minha casa em São Paulo havia sido assaltada e entrei em uma forte depressão. Vicente compreendeu a angústia que me tomou diante da sensação de vulnerabilidade e mostrou toda sua capacidade de empatia: cuidou de mim como um verdadeiro amigo, apoiou-me, dispendeu horas conversando comigo até o último dia em que fiquei em Paris e graças a seu conselho de que eu tomasse duas cápsulas de Dramin antes do voo, consegui viajar de volta a São Paulo sem muitos problemas. É verdade que a ajuda em Paris não foi só de Vicente. Junto com Liliana Segnini, que me

colocou na van que me levaria ao aeroporto Charles de Gaulle e com Aparecida Neri de Souza, que me acompanhou na última noite que dormi em Paris, Vicente praticamente criou um grupo de apoio que me permitiu passar os últimos dias de minha estadia de trabalho de uma forma segura, o que permitiu que eu me sentisse acompanhada e amparada. A depressão me custou sete quilos a menos e três meses de uma profunda tristeza, mas me revelou o grande ser humano que era Vicente Rodriguez, de quem nunca mais me afastei.

De volta ao Brasil, Vicente continuou sua empreitada pela Educação. Nos anos seguintes, ademais de sua atividade docente e da criação de mais grupos de estudos e pesquisa com os alunos de Graduação e de pós, sua dedicação a atividades de extensão se destacou por meio de sua nomeação como coordenador de Extensão da FE. Nessa condição, implementou um curso de Especialização para Gestores Escolares, a Teia do Saber, envolvendo 6000 diretores e gestores do sistema público paulista, um curso de Especialização em Gestão para os 19 municípios da Região Metropolitana de Campinas, além de ter coordenado um projeto de extensão comunitária com o Cursinho Popular Herbert de Souza, no bairro Vila União, em Campinas, denominado De Malungo pra Malungo. Seguindo sua já tradição de envolver os alunos em seus projetos, Vicente trabalhou nesse último com seis bolsistas do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE). Essa atividade, voltada à inclusão de estudantes de baixa renda afrodescendentes no Ensino Superior de qualidade, atendeu a quase 1600 alunos durante os anos de 2006, 2007 e 2008. Nesse período, nossa amizade se aprofundou muito, e os encontros em que mesclávamos discussões sobre os problemas e embates profissionais com jantares e questões pessoais se multiplicaram.

Nesse momento, a saúde de Vicente já estava bastante afetada, após sucessivos AVC e suas consequências físicas e emocionais. Apesar disso, ele não esmoreceu, como proferiu Néri no parecer de seu Relatório Trienal de Atividades. Demonstrou uma força imensa na recuperação e uma enorme capacidade de

resiliência, que se refletiu em suas atividades na FE: assumiu a chefia do Decise por duas gestões consecutivas (2008-2012), durante as quais se envolveu profundamente na tarefa de reformulação das Licenciaturas, além de coordenar o Grupo de Políticas da Rede de Investigadores Educación, Gobierno e Instituciones en Contextos Diversos, que congregava várias universidades argentinas, uruguaias e brasileiras. Em 2014, a dedicação de Vicente ao ensino de Graduação foi reconhecida pela Unicamp com o prêmio Zeferino Vaz de Reconhecimento Docente pela Dedicção ao Ensino de Graduação.

Entre 2013 e 2015, tive a satisfação de trabalhar com Vicente em um projeto de pesquisa que coordenei para o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), organização social cujos trabalhos eram supervisionados pelo Ministério de Ciência e Tecnologia. O projeto Mapa da Educação Profissional e Tecnológica do Brasil teve como objetivo analisar as relações que se estabeleciam naqueles anos entre desenvolvimento social e econômico e a oferta e organização da educação profissional técnica de nível médio no Brasil. O projeto consistia num módulo de uma pesquisa mais ampla desenvolvida em conjunto pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar/UFMG), pelo Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho do Instituto de Economia (Cesit/IE) da Unicamp e do Decise/FE/Unicamp, que resultou em um modelo de operação que visava a permitir ao gestor público analisar a compatibilidade entre a estrutura de oferta da rede nacional de instituições de educação profissional e tecnológica (públicas e privadas) — expressa em número de vagas ofertadas — e as projeções de crescimento das ocupações profissionais que exigem nível técnico. Integrado também por Débora Mazza, o projeto consistiu em mais uma aventura intelectual que compartilhei com Vicente em que, ao mesmo tempo em que aprendíamos a utilizar novas ferramentas de análise, estreitávamos ainda mais nossos laços de amizade e companheirismo. Nesse projeto, Vicente mais uma vez se ocupou da

formação de um estudante de mestrado do IFCH, que, sob sua supervisão, cuidou do entrecruzamento de dados estatísticos sobre trabalho e educação.

Vicente se aposentou em 2016 devido a um quadro de aprofundamento de seus problemas de saúde. Com a aposentadoria, tinha fim sua enorme contribuição à educação brasileira; não terminou, contudo, nossa relação de amizade nem minha profunda admiração por esse argentino que sabe ser severo e duro quando luta por seus ideais, admiravelmente devotado a suas causas, ao mesmo tempo que extremamente amável, compreensivo e carinhoso com seus e suas amigas. É um enorme prazer, um verdadeiro privilégio, ter desfrutado de sua amizade durante tanto tempo, assim como poder seguir com esse desfrute atualmente. Ainda que nosso contato seja hoje menos frequente, como diz o poeta, “mesmo que o tempo e a distância digam não, o que importa é a voz que vem do coração”.

5.21.

ZACARIAS PEREIRA BORGES⁴²

O ato público em honor a uma pessoa, é um ato de celebração e acima de tudo isto um ato de respeito à trajetória de um docente, o professor Zacarias Pereira Borges. A semântica da palavra homenagem é óbvia, porém necessária, e se aproxima e se justifica pela perspectiva temporal. Significa escrever sobre um colega que aprendi a conhecer há mais de três décadas. Esse tempo me permite contar sua trajetória, sem pretensão exaustiva alguma, e sim com o sentido de respeito que esta homenagem enseja. Conheci o professor Zacarias quando ingressei no departamento, e ele já era uma referência da sua principal condição: ser um docente de Graduação na formação de pedagogos e licenciados para as redes estadual e municipal, onde não apenas havia sido docente, como, e especialmente, dirigente. Essa condição, de dirigente, revelar-se-á como um pivô da análise de sua trajetória virtuosa: um narrador das políticas e das leis, um raro e indispensável analista.

Pois disso se trata, do descobrimento do analista como uma raridade. Suas aulas de Graduação sempre foram um precioso exercício de narrativa, não apenas do estudo dos sistemas educacionais federal, estadual e municipal, dos processos decisórios da política pública educacional convertidos em leis, decretos ou normativas que os regulassem. Eram narrativas de como levar para o terreno das escolas essa decisão e de como as redes reagiam a ela. Por essa lembrança de seus trabalhos de docência, permito-me esclarecer e citar a proximidade que há entre sua prática e os inúmeros estudos que há desde a década de 1950, encabeçados por

⁴² Título Original: Professor Zacarias, o narrador das políticas e das leis: um raro analista. Autoria: Luis Enrique Aguilar, Professor titular da FE/UNICAMP.

Harold Lasswell, que se encontram nos relatos iniciais do desenvolvimento do estudo das políticas públicas⁴³ como *Policy Science*.

Seus afazeres, sempre atravessados por sua dedicação, não conheceram o descanso nem sua preocupação por estudar desde uma elaboração teórico-metodológica, isso que ele conhecia desde o interior do sistema educacional. Foi um verdadeiro desafio que envolveu distintas transformações de suas práticas, como passar da máquina de escrever para o teclado de um computador, entender novos processos e processamentos no cotidiano da universidade. Foi admirável vê-lo aceitar estes desafios e assimilá-los com a naturalidade do dever e da fé em sua capacidade. A História da Educação continuada, a universidade lhe colocava novas metas. Seu trabalho já passava a ser não apenas um elo histórico importante desde a redemocratização no Brasil, como as lutas em defesa da educação pública. Deste intérprete, os que o conhecemos, nunca deixamos de ouvi-lo narrar fatos, personagens e sobretudo políticas que logo se converteriam em leis. Suas pesquisas sobre a política educacional do Estado de São Paulo são verdadeiros compêndios de dados sobre narrativas temporais das decisões de política educacional e legislação educacional brasileira. Uma verdadeira síntese de conhecimento produzido a partir de confrontar e articular o processo da política e o processo legislativo. Destaco que comentei a ele que essa percepção que tive de nosso cotidiano já se encontrava no primeiro número da Revista *Policy Science* de 1970 com uma forte ênfase na contextualização da política. Isso — a contextualização da política do processo político e legislativo —, o professor Zacarias fez sempre de modo magistral. A obtenção de seu Doutorado⁴⁴ lhe permitiu enfrentar um novo desafio, talvez pelo respeito com que encarou suas pesquisas. Tenho plena a lembrança de quando lhe convidei para desenvolvermos um programa da Disciplina de Política e Legislação

⁴³ Recomendamos a leitura de Harold D. Laswell e Daniel Perner (2003).

⁴⁴ Doutorado em Educação (Borges, 2001).

Educacional Brasileira, oferecida para mestrandos e doutorandos, na ocasião me disse: “será que dá meu amigo...?”. Ao que eu lhe respondi: “com todo respeito, meu caro ilustre, (como até hoje o chamo) vamos melhorar a análise de sistemas educacionais desde o estudo e a análise da política pública”. Na verdade, eu estava somente parafraseando uma citação de Peter DeLeon (Villanueva, 2003) que continha aquilo que consideramos problemas centrais dos sistemas educacionais e da política pública: ou seja, o papel do Estado, sua capacidade de formular e implementar políticas e o repertório normativo que lhe dava sustentação. Ainda conservo sua assinatura na *Coleção Antologia de Política Pública* cuja aquisição solicitamos à Biblioteca da FE. Dessa obra, que é um *antes e depois* na construção do campo e da crítica da análise de políticas públicas educacionais para muitos grupos de pesquisas nacionais dedicados a estudar esta temática, ele se converteu num assíduo estudioso de um referencial teórico e metodológico para um conhecimento que ele já possuía. Essa reinterpretação de sua *práxis* possui uma riqueza que enobrece sua trajetória.

Em razão dessa peculiaridade, que se ergue por cima do legalismo inservível, permito-me dialogar seguindo a trajetória e o tom de homenagem, com a obra de Renata Giovine e Juan Suassnábar (2012) “Los Textos legales como analizador de las políticas educativas: consideraciones teórico-metodológicas”, valioso artigo em que os autores se perguntam: é possível situar novamente os textos legais como analisadores de políticas educacionais em uma perspectiva que não lhe subtraia seu carácter político? E recuperam o debate lembrando que,

na constituição da política educacional como disciplina, eles ocuparam um lugar privilegiado os textos legais a serem considerados como a materialização e expressão das políticas educacionais como políticas públicas. A partir de uma visão que emerge de uma perspectiva jurídico-legal e coloca em primeiro plano a natureza prescritiva das “leis”, elas foram concebidas como totalidades homogêneas, sem costura e válidas para todos os tempos e lugares.

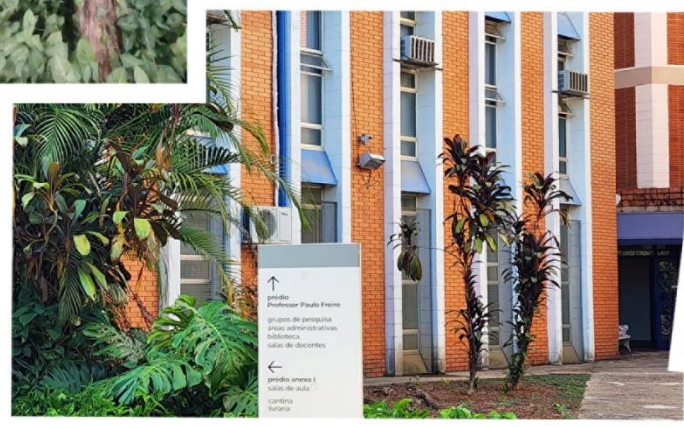
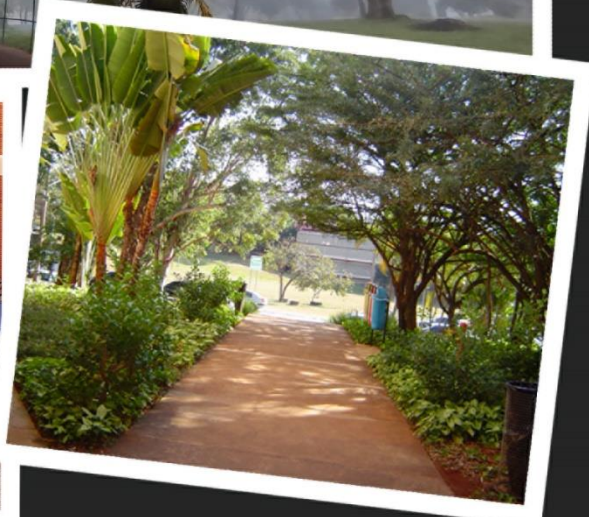
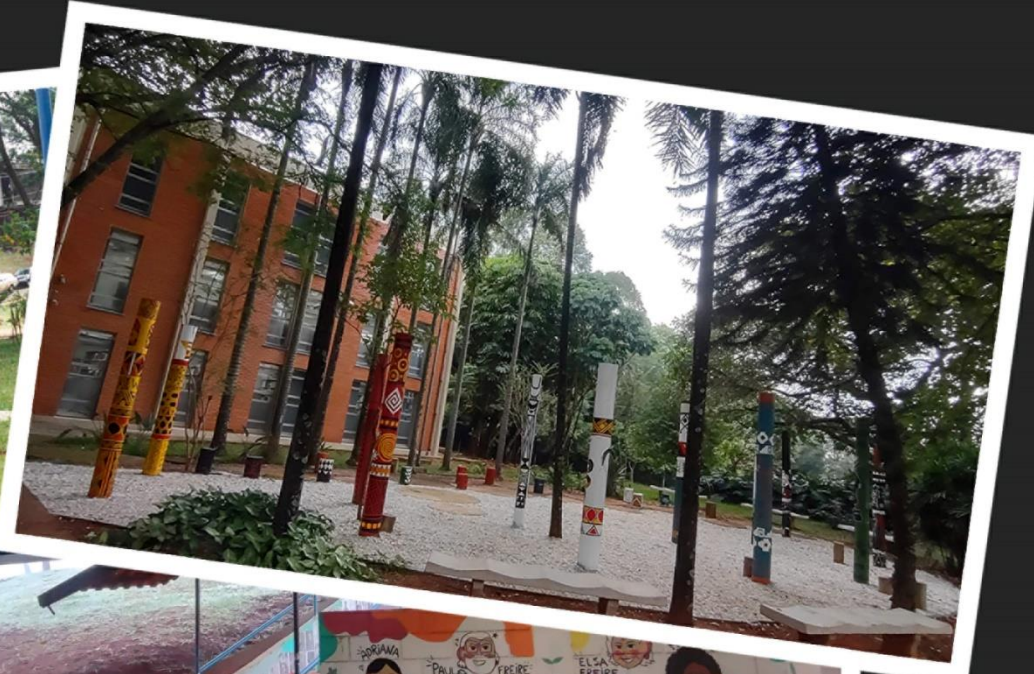
Na trajetória do professor Zacarias, há, sem lugar a dúvidas, esta análise do caráter prescritivo das leis. Na análise da política, a lei dá a ela o valor de acatamento que vai desde sua origem e fundamento, elaboração até sua implementação. Daí que sempre os Diretores da Faculdade, Reitores, Secretários de Estado de Educação, Gestores escolares tenham vindo até o professor Zacarias e nele encontrado uma visão ampla do contexto da política, como foi aprovada tal lei ou tal norma ou como surgiu tal política. Como poucos, ele conhece os meandros do processo político e legislativo que ilustrou inúmeras análises da história da política e da legislação brasileira. A narrativa extensa que lhe foi peculiar o emparentou com a análise política do discurso da Escola de Essex como das contribuições de Hector Félix Bravo, especialmente na contribuição do caráter prescritivo da norma, ambos citados em Giovine e Suassnábar.

O professor Zacarias, como sempre foi conhecido e reconhecido, foi um homem de profundas convicções religiosas, que levava para sua compreensão do mundo e das relações cotidianas. Esse fato poderia conduzi-lo ao terreno das contradições quando se analisa a política, tarefa tão difícil quando não está presente o conhecimento da ciência do estudo e da análise política. Ele possuía plena clareza disso.

Docente e investigador dedicado, sempre nos agraciou com seu trato cordial e respeitoso. Posso afirmar que homenageá-lo é um exercício de reler sua trajetória e exaltar sua contribuição silenciosa, humilde, generosa e sábia da que todos disfrutamos. Manifesto aqui meu agradecimento pelo tempo compartilhado, por nossas diferenças, porque caminhamos juntos por um tempo histórico que procuramos analisar e, nesse tempo, o professor Zacarias, deixou sua marca indelével. Ilustre é o que nomeia alguém de distinguida prosápia: Obrigado, meu ilustre colega!

REFERÊNCIAS

- BORGES, Zacarias Pereira. *A política educacional do Estado de São Paulo durante os governos do PMDB (1983-1994): da proposta partidária à execução*. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- LASWELL, Harold D.; PERNER, Daniel. The Policy Sciences: Recent Developments in Scope and Method. *In: AGUILAR VILLANUEVA, Luis F. (org.). El Estudio de las Políticas Públicas, Estudio Introductorio*. México: Miguel Porrúa Editor, 2003.
- SUASSNÁBAR, Juan. Los Textos legales como analizador de las políticas educativas: consideraciones teórico-metodológicas. *In: JORNADAS LATINOAMERICANAS DE ESTUDIOS EPISTEMOLÓGICOS EN POLÍTICA EDUCATIVA, 1., 2012, Buenos Aires. Actas [...]*. Buenos Aires: NEES/UNCPBA, 2012.



Faculdade de Educação